



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Mestrado em Educação Tecnológica

Rafael Fernandes Carvalho

**A EDITORA DO PASSARINHO:
UM ESTUDO SOBRE A EDITORA SABIÁ**

Belo Horizonte (MG)
2019

RAFAEL FERNANDES CARVALHO

**A EDITORA DO PASSARINHO:
UM ESTUDO SOBRE A EDITORA SABIÁ**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação e Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Edição, Linguagem e Tecnologia

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

**Belo Horizonte (MG)
2019**

C331e Carvalho, Rafael Fernandes.
A editora do passarinho : um estudo sobre a Editora Sabiá /
Rafael Fernandes Carvalho. – 2019.
167 f. : il.

Orientador: Luiz Henrique Silva de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em
Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.
Bibliografia.

1. Edição (Editoração). 2. Literatura Brasileira. 3. Crônica. 4.
Tradução. I. Oliveira, Luiz Henrique Silva de. II. Título.

CDD: 070.5

Rafael Fernandes Carvalho

**A EDITORA DO PASSARINHO:
UM ESTUDO SOBRE A EDITORA SABIÁ**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, em 16 de setembro de 2019, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira – CEFET/MG – Orientador

Prof. Dr. Roniere Silva Menezes – CEFET/MG

Prof. Dr. Cléber Araújo Cabral – Universidade Vale do Rio Verde (UninCor)

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr. (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira, pela extrema paciência e amizade com que me ajudou durante a pesquisa. Na competência durante a condução do trabalho, em uma orientação que ficará comigo pelo resto da vida.

Para a Prof. Dra. Andrea Soares Santos, pela minha inclusão no Programa de Pós-Graduação do Cefet/MG, pelas orientações em meu primeiro ano de mestrado.

Para o Prof. Dr. Roniere Silva Menezes, responsável pelo nascimento do projeto durante visita ao Acervo de Escritores da Universidade Federal de Minas Gerais, cursando sua matéria no mestrado, em que, pela primeira vez, tive acesso aos livros da Editora Sabiá.

Meus especiais agradecimentos ao Prof. Dr. Cléber Araújo Cabral que, além das orientações na pesquisa, mostrando grande conhecimento e erudição, foi um grande amigo e incentivador do projeto.

Agradeço imensamente ao Centro Tecnológico pela bolsa concedida para o desenvolvimento do projeto. Iniciativas como essa demonstram o compromisso da instituição com a pesquisa científica em nosso país.

Para Manoela Purcell Daudt d'Oliveira, pesquisadora do Instituto Moreira Salles, pela gentil acolhida durante minha pesquisa no Instituto, no Rio de Janeiro.

Para Cláudio Vitena e demais pesquisadores da Fundação Casa de Rui Barbosa, pela generosa recepção e ajuda durante minhas visitas à Fundação, no Rio de Janeiro.

Agradeço aos pesquisadores do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, pela ajuda durante a pesquisa nesse importantíssimo centro de memória do Brasil.

Meus agradecimentos para Maria do Carmo, por generosamente autorizar a cópia dos arquivos do Acervo de Rubem Braga na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Agradeço a minha família, minha mãe, Maria Inês, pelas leituras e sugestões no texto, minha irmã Fabia, meu cunhado Mauro, por me ajudar a entender os

contratos da Sabiá, meu irmão Raul, meus sobrinhos João e Antônio, minha querida avó Dirce e Marco Antônio Castello Branco.

Obrigado a Francisco Pereira Netto, Arthur Tofani e Xalo Almeida, pela amizade de tantos anos. E a Eduardo Lacerda, sempre presente, sempre disposto a me ouvir, em todos os momentos.

Para Douglas Silva, Prussiana Fernandes, João Silva, Aline Rabello e os demais amigos que fiz em Belo Horizonte, estando junto de mim nos momentos mais difíceis da pesquisa e de minha vida. Jamais esquecerei o carinho de vocês.

Não tenho como mensurar minha gratidão a Denise Thomé da Silva e sua família: Pedro, Débora e Úrsula Thomé, Júlia e Clara, que tão afetuosamente me receberam em sua casa, no Rio de Janeiro, mostrando que a amizade que persiste por décadas entre nossas famílias é algo rico e valioso. Obrigado.

Agradeço imensamente a Bárbara Fagundes, por me ajudar na pesquisa, por achar vários livros da Sabiá e estar presente durante o mestrado e em minha vida em Minas Gerais.

Agradecimentos para Ana Elisa Ribeiro e seu filho Eduardo Ribeiro Rocha.

Meus agradecimentos especiais a Humberto Werneck, pelas incríveis conversas no Rio de Janeiro e em São Paulo, que tanto me ajudaram a (tentar) entender esse universo que é Fernando Sabino, a crônica e a literatura.

Obrigado aos meus colegas de mestrado Priscila Nespolo Vanti, Rodrigo de Araújo e Gisela Cardoso Teixeira, pelas indicações bibliográficas.

Para Telma Ventura, por me ajudar nos momentos finais da dissertação.

Dedico essa dissertação, todo esse trabalho, à minha mãe, Maria Inês.



Este mestrado foi inteiramente realizado utilizando programas de código aberto:

- Sistemas operacionais:
- Linux Ubuntu 16.04 e Linux Mint 19.
- Suíte de aplicativos LibreOffice.
- Programas de manipulação de imagens: Inkscape e KolourPaint.
- Edição de documentos pdf PDFsam.

Pela difusão de programas livres. Apoie essa ideia.

RESUMO

Esta dissertação propõe-se a estudar a atuação da Editora Sabiá, editora fundada em 1967 pelos escritores Rubem Braga e Fernando Sabino. Durante sua curta existência, publicou uma série de autores nacionais e estrangeiros, em que se verificou a junção das figuras do editor e do escritor, personagens que atuam em campos distintos: o campo da edição e o campo da literatura. Reunindo um conjunto de teorias a respeito de mercado editorial, história editorial e literatura brasileira, produção de cultura, a pesquisa transita por diferentes áreas (literatura, edição, jornalismo, cultura brasileira) visando uma compreensão mais clara e objetiva do que significou dois escritores de prestígio atuando no ramo editorial, demonstrando a influência do suporte, da edição, na recepção literária por parte do público leitor.

Palavras-chave: edição; edição de livros; literatura brasileira; crônica; tradução.

ABSTRACT

This research intends to study the practice of Editora Sabiá, publisher house founded in 1967 by the writers Rubem Braga and Fernando Sabino. During its short existence it published a series of national and foreign authors, gathering a series of characteristics that made it possible to project into the cultural scenery of Brazil. Bringing together a set of theories about symbolic capitals, the editorial market, editorial History and Brazilian literature, the cultural production as a meeting factor for intellectuals, the study involves different areas (literature, editing, journalism, Brazilian culture) aiming a clearer and more objective comprehension than meant by two prestigious writers work in the publishing industry, demonstrating the interference of the support and the editing in the literary reception by the readership.

Key-words: editing; book publishing; brazilian literature; chronicle; translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
1 – As trocas simbólicas.....	13
1.2 – O autor/editor.....	16
1.3 – O cânone literário.....	18
1.4 – Definição de edição.....	19
1.5 – Acúmulo de capitais.....	20
CAPÍTULO II	
2 – Os anos da Editora Sabiá: 1967-1972.....	29
2.1 – A pesquisa em arquivos literários.....	32
2.2 – O início da Sabiá.....	37
2.3 – Associações e contexto histórico.....	41
CAPÍTULO III	
3 – A Editora Sabiá e o contexto político dos anos 1960.....	49
3.1 – O livro da redescoberta do Brasil.....	54
3.2 – <i>O Cristo do Povo</i> , de Márcio Moreira Alves.....	62
3.3 – O Concílio Vaticano II e os anos 1960.....	67
3.4 - Dom Hélder Câmara e a Sabiá.....	69
3.5 – O livro <i>O Desafio do Mar</i>	76
3.6 – Che Guevara publicado em 1968.....	80
3.7 – A biografia de José do Patrocínio.....	85
CAPÍTULO IV	
4 – A Editora Sabiá e as traduções.....	90
4.1 – A Revolução Cubana, o Boom e a Editora.....	93
4.2 – Os livros estrangeiros.....	97
4.3 – A <i>Coleção Asteroide</i>	105
4.4 – As edições da <i>Coleção Asteroide</i>	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXOS.....	125
APÊNDICES.....	164

Introdução

Durante o ano de 2015, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, enquanto cursava a disciplina de pós-graduação “Memória e Arquivos Artístico-Literários, sob orientação do Professor Roniere Menezes, fui, em visita guiada, levado pela primeira vez ao renomado Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, importante centro de pesquisa de arquivos literários no país. Local onde estão reunidos acervos de escritores como Murilo Rubião, Henriqueta Lisboa, Laís Corrêa de Araújo, Abgar Renault, Fernando Sabino, dentre outros.

A visita, então, chegou ao acervo de Fernando Sabino. Tive contato com livros, objetos particulares, cartas, bilhetes, entre outros itens. Dentre os inúmeros livros vistos, constavam alguns exemplares das obras de Sabino editados por uma editora em especial: a Editora Sabiá, de propriedade dele e de outro escritor, Rubem Braga.

Diante dessas edições, formularam-se os seguintes questionamentos: Qual foi essa editora? Que livros editaram? Quais os autores escolhidos? Em que época ela esteve ativa? O que os levou a editar livros? Onde a Sabiá funcionou?

Nascia ali, naquela visita, o presente projeto de pesquisa. Impulsionado por uma preferência pessoal que tenho por esses autores, o papel que Sabino e Braga exerceram no ramo editorial no Brasil, durante os anos que permaneceram nessa atividade, chama a atenção pela importância que tiveram para a literatura e cultura brasileira.

Na fase de formulação do projeto, na busca por referências, verifiquei uma quase ausência de material disponível sobre a editora. Há poucos estudos, menções nas biografias e nas obras dos dois autores, mas nada muito consistente e com diferentes pontos de vista a respeito da empresa.

Um exemplo dessa insuficiência de informações sobre a editora pode ser visto no capítulo sobre a Sabiá, no livro *O Livro no Brasil*, de Laurence Hallewell. Quase uma página inteira (Hallewell, 2005, p. 475), em uma das obras que estuda a história do livro no Brasil, é dedicada ao percurso editorial da escritora Clarice

Lispector. Não seria a Sabiá o assunto do capítulo? Isso demonstra, possivelmente, que o autor não sabia muito sobre a editora, tendo de preencher a página de alguma forma. Não se trata de criticar pesquisadores da área, e sim atestar essa falta de estudos sobre o tema proposto. Mostrar as divergências e estudá-las, como parte da investigação.

Os antecedentes da Editora Sabiá datam de antes de 1967, nos anos 1930, no início das carreiras literárias dos dois escritores. Durante décadas construíram suas redes de relações, dentro dos diferentes círculos que frequentavam, os quais influenciaram seu posterior percurso editorial.

Ao fundarem a Sabiá (cujo símbolo e nome vêm de uma espécie de passarinho da família *Turdidae*, ave comumente encontrada em ambientes urbanos (SILVEIRA, 2015, p. 21), frequentadora da cobertura onde vivia Rubem Braga, no Rio de Janeiro), Rubem Braga e Fernando Sabino já eram reconhecidos editores, depois da experiência que tiveram com sua primeira editora, a Editora do Autor, fundada em 1960 e encerrada em 1966 (não estudada nesta pesquisa, embora citada em algumas passagens). Ao proporem a Editora Sabiá, já tinham bagagem, prática e conhecimento para iniciar a nova editora.

A pesquisa procurou articular os dados existentes de uma maneira que a história da editora fosse vista de maneira mais clara e objetiva. A Sabiá publicou livros de uma série de autores nacionais, um grupo que tinha como fator de aglutinação dois escritores que passaram “para o lado de lá do balcão”: autores editando suas próprias obras e de outros escritores, conforme será descrito na investigação.

O ponto que mais chama a atenção na pesquisa é a figura do escritor que passa a editar seus próprios livros, em um particular e notório percurso. Isso não era incomum na literatura brasileira, basta lembrar de Monteiro Lobato, por exemplo. Um dos desdobramentos disso, de editores com profunda prática da matéria que publicavam, foi o prestígio que gêneros como a crônica, o conto e a poesia tiveram na Sabiá.

A atuação de Rubem Braga e Fernando Sabino não foi apenas na edição de literatura, editaram livros de cunho político em função do momento conturbado por que o Brasil passava, a partir de 1964, com o Golpe Militar e a posterior implantação

de uma obscura ditadura. Mostraram, com suas edições, um pensamento discordante em relação ao regime de exceção que se instaurara, embora tal face, a do ativismo político, não seja tão notória nesses dois autores. Através dos livros, procuraram fomentar uma crítica em relação ao que acontecia no país. Justamente pelos livros. Porém, com o endurecimento do regime, em 1968, a editora voltou suas atenções para a literatura que vinha sendo feita na América Latina, passando a publicar autores que, à sua maneira, também discordavam dos regimes autoritários que estavam em implantação nessa parte do continente.

CAPÍTULO I

1 – As trocas simbólicas

Antes de começar a discussão sobre a Editora Sabiá, é preciso delimitar diversos conceitos que fundamentam e ajudam a compreender o que ela foi e representou. A editora foi fruto do trabalho de dois escritores que resolveram atuar como editores, editando seus próprios livros e de outros autores e autoras, durante a década de 1960 no Brasil.

Portanto, definir esses conceitos para que possibilitem o entendimento do que foi a editora. Conceitos como edição, literatura, campo editorial, campo literário, cultura, capitais simbólicos (prestígios). Fundada por dois renomados escritores e seu prestígio, a editora Sabiá recebe especial atenção em uma operação de empréstimo simbólico: se os editores eram escritores, os livros que editassem seriam de qualidade, conseqüentemente. Portanto, há um acúmulo teórico, ou melhor, uma complementação teórica que precisa ser definida, aos poucos, para que toda essa história possa ser compreendida. Complementação, no sentido de atuação em conjunto desses diferentes significados.

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu, há um conceito que, utilizado, permite uma melhor compreensão desse quadro que envolve a editora Sabiá, pois ela era exclusivamente controlada por dois escritores. O conceito de *ilusão* apresentado se associa aqui como meio de compreensão desses diferentes valores que entrelaçam os dois personagens: autor/editor.

Antes de partir para a definição de *ilusão*, é preciso lembrar uma frase de Fernando Sabino, que diz que “se um editor não escreve os livros que edita, um escritor pode editar os livros que escreve” (STEEN, 2008, p. 36). O pressuposto, então, é que o editor nunca escrevesse os livros que ajudaria a tornar públicos, não seria ele quem escreveria o texto a ser editado. Um escritor imbuído de uma experiência editorial, conhecimento desse mercado, suas especificidades, poderia exercer o papel de editor de seus livros. Portanto, há essa mistura de papéis, pois os conhecimentos dos dois lados, dos distintos paradigmas, autor/editor, confundem-se em uma atuação distinta dentro dessas editoras.

Bourdieu apresenta o conceito de *illusio* da seguinte forma:

A *illusio* reforça seu sentido de crença, de envolvimento, de empenho no jogo (LD, 94). Investir e atuar nas disputas concorrenciais que estão à base da dinâmica de funcionamento de um campo – travadas em torno de capitais: recursos simbólicos ou objetivados interpretados como atrativos – significa reconhecer alvos dignos de serem perseguidos. Pertencer àquele universo e dele participar é, portanto, compartilhar da mesma *illusio*, da crença fundamental em seu interesse. (2017, p. 231).

O jogo, no caso, seria o campo de edição. Se as personagens aqui presentes, Braga e Sabino, participavam de ambos os lados, autores e editores, reconheciam, compreendiam o que ocorria nesses campos, e seus autores, sabendo disso, decidiam filiar-se a essa proposta editorial. Os editores, em suma, eram como eles, eram iguais a eles.

Dessa forma, foi construído um prestígio que essa casa editorial teve enquanto permaneceu ativa: a figura do editor e a figura do escritor se confundiram, constituindo uma personalidade que revestiu a editora, gerando essa distinção que marcou a Sabiá.

Um conceito a ser definido, de grande importância aqui, é o conceito de **autor**. A autoria de um texto literário, o caso aqui estudado, se relaciona a discursos individualizados, “através das quais eles formaram um certo número de conceitos ou de contextos teóricos que se podem encontrar em seus textos” (FOUCAULT, 2001, p. 44). Segundo o *Dicionário Intercom de Comunicação 2010*, o verbete *autor* é descrito da seguinte forma:

Essa palavra foi trabalhada de muitas formas ao longo da História. Na Antiguidade, tal noção não existia. Na Idade Média, o vocábulo latino *auctor* correspondia a Deus, provedor de toda significação; mas também era o patrono que patrocinava um manuscrito; era, ainda, a pessoa que copiava no pergaminho o texto; e, além disso, era a pessoa que também o recitava. É a noção moderna de autor que localiza num indivíduo a responsabilidade pela criação de uma obra. A assinatura passa a diferenciar o texto autoral do texto anônimo, sem dono, e que circula livremente. O autor passa a ser o “dono da significação” do texto que assinou. (Dicionário Intercom de Comunicação, 2010, p. 116).

A ideia de autor, dessa forma, está ligada a elementos pessoais que percorrem a sua obra. Cabe a ele, o autor, fazer a triagem daquilo que considera pertinente à obra, “fatos que podem constituir uma existência individual”

(CHARTIER, 2012). Mas o autor necessita de outra figura para que seu texto, seu livro, possa chegar ao leitor final. E nem sempre o livro publicado veio diretamente do autor, teve de passar antes pela mão do editor.

O **editor**, essa figura de grande importância no meio literário, traz consigo uma série de questionamentos, pois ele interfere direta e indiretamente no texto a ser publicado. A autoria do livro não pertence somente ao autor, ao editar um livro, o editor acaba por modificá-lo, seja sugerindo mudanças no texto, como uma revisão gramatical, por exemplo, suprimindo partes que considera excessivas etc.

Aníbal Bragança define

O editor como “palavra de origem latina, editor indica-nos dois movimentos: “dar à luz” e “publicar”. Surge na Roma antiga para identificar aqueles que assumiam a responsabilidade de multiplicar e de cuidar das cópias dos manuscritos originais dos autores, zelando para que fosse correta a sua reprodução. Em português, a palavra editor foi dicionarizada pela primeira vez no início do século XIX, em 1813.

Emanuel Araújo (1986, p. 35) considera ser “básico” o sentido de *editor* conservado no uso em inglês, como “a pessoa encarregada de organizar, i.e., selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra e, às vezes, prefaciá-la e anotar os textos de um ou mais autores”, ficando desse modo restrito à ação de preparar, dar o “feijão” do texto, aprontá-lo, *dá-lo à luz*, fazê-lo *nascer*. No inglês, o sentido de *publicar*, isto é, a ação de, pelos processos da edição gráfica, multiplicar esse texto *exemplar* em muitos exemplares idênticos, e fazê-lo assim conhecido e acessível ao público, distribuído e vendido através de livrarias e outros canais competentes, é uma atribuição e um encargo do *publisher*, “proprietário ou responsável de uma empresa organizada para a publicação de livros”. (2005, p. 220).

Dessa forma, é o editor quem dá a feição final ao livro. Essa tarefa muitas vezes se confunde com a própria autoria do texto, pois cabe a ele transformar o texto “bruto” em um objeto de consumo para o público leitor.

Fernando Sabino e Rubem Braga já vinham de uma experiência editorial anterior, a Sabiá não foi sua primeira experiência com edição de livros. De 1960 a 1966, em companhia do advogado Walter Acosta, trabalharam na Editora do Autor, que acabou funcionando como uma espécie de embrião da Sabiá. Foi nessa primeira editora que aprenderam a respeito do ofício de editor, das práticas do meio, da relação com gráficas e livrarias, adquirindo conhecimento para que, em uma nova editora, pudessem ter maior expressividade e maiores ganhos em sua atividade editorial.

1.2 – O autor/editor

A figura do escritor/editor não é incomum no meio editorial brasileiro. Impossível não mencionar Monteiro Lobato, famoso autor de inúmeros livros de literatura infantojuvenil, contos, crônicas etc.. Fundou a Editora da Revista do Brasil e, posteriormente, a Companhia Editora Nacional, obtendo enorme sucesso, na década de 1920. Augusto Frederico Schmidt, através de sua editora, a Livraria Schmidt Editora, lançou, nos anos de 1930, autores como Jorge Amado, Octávio de Faria, Marques Rebelo, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso e, em 1933, *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre. Érico Veríssimo trabalhou na Editora Globo, em Porto Alegre, nos anos de 1930, traduzindo e indicando livros para publicação.

Bignotto afirma que

Quanto maior a consagração de um escritor, mais capital simbólico acumulado ele terá, mais alta será sua posição na hierarquia do campo e mais forte sua capacidade de definir o que deve ser considerado literatura e, portanto, o que – e quem – deve ser aceito dentro do campo (2018, p. 11).

O excerto explica de maneira mais clara essa relação. O escritor consagrado carrega em si um elemento de legitimação. Ao editar um livro, ele transfere o elemento legitimatório para a obra que está editando: se o editor é um autor consagrado, pressupõe-se que os livros de sua editora serão, conseqüentemente, valorizados. Essa mescla de escritor/editor possibilitou uma outra forma de se editar livros, como foi feito na Sabiá.

A atividade principal de uma editora é editar livros. Pode parecer óbvio, mas se ela produz livros, produz cultura. A cultura, além de fornecer ferramentas para a compreensão do mundo, o conjunto de conhecimento gerado pelo homem, é também um fator de *agregação*. Para melhor compreensão da ideia, há a seguinte definição, a partir da antropologia:

O sentido antropológico

Do ponto de vista da antropologia, o termo “cultura” refere-se a tudo o que o ser humano faz, pensa, imagina, inventa, porque ele é um ser cultural. Não sendo capaz de viver somente guiado por seus instintos, ele é levado a construir “ferramentas” que possam ajudá-lo a instalar-se no mundo, a sobreviver, a desenvolver sua humanidade. A essas “ferramentas” dá-se o nome de cultura.

A cultura, no sentido etimológico, é o cultivo do ser em seu processo de humanização: é atribuição de significados ao mundo e a nós mesmos, significados esses que são passados adiante e modificados de acordo com as necessidades de cada grupo. A cultura sempre responde a desejos e necessidades dos grupos, das comunidades e da sociedade em geral. Por isso a cultura é plural, dinâmica e diversificada.

A cultura, além de mediar nossa relação com o mundo, também age como um cimento, elemento de união entre um certo grupo de pessoas que adotam os mesmos usos, costumes e valores e torna a vida segura e contínua para a sociedade humana. A cultura dá o sentido de pertencimento, isto é, de fazer parte de um determinado grupo que, além da língua, divide também o vocabulário, o sotaque, os modos de vida, os valores etc.

Além de oportunidade de autorreconhecimento, a cultura também proporciona a possibilidade de autoprodução e de prazer. Explicando: se o indivíduo não nasce humano, mas se torna humano ao longo da vida, ele se produz durante esse processo de humanização. Aprende a falar, a se comunicar, a se comportar em sociedade, segundo determinados padrões de sua cultura; aprende, também, a agir, desejar e criar. Constrói a si mesmo dentro do grupo social e com o grupo social, isto é, com a ajuda do coletivo. (ARANHA, MARTINS, 2009, p. 409).

Importante salientar: “elemento de união entre um certo grupo de pessoas que adotam os mesmos usos, costumes e valores”. Portanto, uma das funções do editor de livros é reunir em torno de si (sua editora) uma gama de autores e autoras, ligados por esses mesmos usos, costumes e valores: o seu catálogo. Dentre seus autores, a Sabiá reunia escritores e escritoras consagrados, brasileiros e estrangeiros, padres, deputados, jornalistas e militares, ligados entre si por meio de um projeto editorial. Esse projeto será analisado mais atentamente no Capítulo II.

Tal agremiação é o primeiro elemento que chama a atenção em relação à Sabiá. Dentre as inúmeras características da editora, essa chama a atenção, pois reuniu, durante sua existência, o melhor da produção literária do Brasil.

Como a Sabiá editava livros de literatura, majoritariamente – de grande repercussão e qualidade, canônica, portanto – lancemos mão de uma fundamentação sobre literatura. Embora a pesquisa seja sobre edição, a editora publicou livros de grande importância para a literatura brasileira, sendo assim necessária uma pequena explanação a respeito.

1.3 – O cânone literário

Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Rubem Braga, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Gabriel Garcia Marques, Mario Vargas Llosa, Oswaldo França Júnior. Impossível não relacionar esses nomes com uma alta produção literária. Era com autores desse porte que a Sabiá se associava.

Foram autores cujas obras exerceram notável influência na literatura, na cultura brasileira. Ou seja, foi uma editora de cânones literários. A ideia de cânone está relacionada com aquilo que há de melhor na literatura, obras aclamadas pela crítica e que exercem grande influência durante muitos anos, décadas, séculos.

Leyla Perrone-Moysés define o cânone da seguinte forma:

A palavra *cânone* vem do grego *kanón*, através do latim *canon*, e significava “regra”. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de textos autorizados, exatos, modelares. No que se refere à Bíblia, o cânone é o conjunto de textos considerados autênticos pelas autoridades religiosas. Na era cristã, a palavra foi usada no direito eclesiástico, significando o conjunto de preceitos de fé e de conduta, ou “material pertinente à disciplina teológica da patrologia, que examina os antigos autores cristãos quanto ao seu valor testemunhal de fé” (Curtius, p. 267). No âmbito do catolicismo, também tomou o sentido de lista de santos, reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição (1998, p. 61).

Portanto, são textos ainda em vigência, cuja influência continua nos meios em que transitam, no caso da Sabiá, no campo literário. Seu catálogo agregou grande produção de sua época, livros considerados modelares para a literatura brasileira. O que refletia o prestígio que a editora tinha, graças aos seus dois editores.

Essa é a chave da discussão aqui situada: a troca que diferentes prestígios realizam entre si, resultando em uma posição de *destaque*. Se a editora publicava livros canônicos, os editores eram bons naquilo que se propuseram a fazer.

Continuando com as teorias de Leyla Perrone-Moysés, que estabelece a figura do escritor-crítico, o que ajuda a ilustrar a discussão e é mais um elemento que a Sabiá traz consigo. A definição dessa personagem seria a seguinte:

Contrariamente aos críticos de profissão, que pretendem analisar e classificar obras segundo princípios explícitos, pretensamente objetivos e

universais, os escritores estabelecem e assumem pessoalmente os princípios que regem seus julgamentos de valor. Os valores escolhidos por eles são, ao mesmo tempo, a fonte e a confirmação desses princípios. Note-se que a crítica praticada pelos escritores é uma crítica positiva, nunca negativa; eles só falam longamente de autores “eleitos”: estão à procura de qualidades e não, como os críticos profissionais, de defeitos. (PERRONE-MOYSÉS, 1998, p. 144).

Essa teoria vem para adicionar mais uma característica à Sabiá: Fernando Sabino e Rubem Braga eram escritores-críticos, pois publicar um livro, fazê-lo público, é tarefa do editor. É tarefa escolher, sob determinados critérios, quem e como será publicado. Critérios pessoais dos editores atrelados a critérios comuns, tradicionais e de seu tempo, para escolher o que será publicado. De uma maneira sintética: os editores da Sabiá carregavam critérios para publicar livros que iam além da edição.

Em uma consulta ao catálogo da Sabiá, é perceptível o caráter coletivo da editora. A ideia inicial era publicar os amigos, aquele determinado grupo de autores que já vinham sob orientação editorial de Sabino e Braga, em sua editora anterior. Eram autores como Paulo Mendes Campos, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Sérgio Porto, Carlos Drummond de Andrade. Importante salientar, nesse contexto, a ideia de coletivo. Com o passar dos anos, esse coletivo foi se expandindo, até que a editora tomou outro rumo, ocasionando o encerramento de suas atividades, em 1972.

1.4 – Definição de edição

Define-se edição como todo o processo de produção de uma obra, que começa pela introdução do texto a ser editado, passando pelas outras etapas de produção, como revisão, diagramação, escolha da capa, contracapa, paratextos, papel a ser impresso. Como foi dito, em muitos casos, há uma interferência no texto por parte do editor, com fins de uma melhor adequação ao leitor final.

Aníbal Bragança define edição da seguinte forma:

Palavra de origem latina, editor indica-nos dois movimentos: “dar à luz” e “publicar”. Surge na Roma antiga para identificar aqueles que assumiam a

responsabilidade de multiplicar e de cuidar das cópias dos manuscritos originais dos autores, zelando para que fosse correta a sua reprodução (2005, p. 217).

Segundo essa definição, o ato de publicar está diretamente relacionado à produção do livro, desde o texto original até o livro. Essa definição ajuda a explicar o advento da edição na vida Sabino e Braga, pois o cuidado com o texto de outros autores já vinha sendo praticado pelo cronista mineiro.

Fernando Sabino já exercia um papel próximo ao papel de editor, como descrito no livro *Cartas Perto do Coração*, onde é publicada a correspondência que trocou com a escritora Clarice Lispector. Em um determinado momento do livro, Sabino realiza uma série de correções nos textos que Lispector lhe envia; sugere títulos para seus livros, no final dos anos 1950, prenunciando a atividade que exercerá durante toda a década seguinte.

A Enciclopédia Intercom de Comunicação pontua que:

Editar textos, em geral, significa proceder a operações de corte, substituição, deslocamento, inserção, reorganização de informações ou padronização fundamentada em livros de estilo ou em outros tipos de obras de referência. (2010, p. 438)

Ou seja, editar é dar uma **forma** ao texto autoral, uma forma que se utiliza de um determinado suporte para ser veiculado: o livro. Um livro precisa de uma organização, números de páginas, índice, capa, diagramação, revisão etc.. É em posse dessas etapas que o editor controla o processo editorial, a fim de que o livro passe a existir materialmente e que chegue nas mãos do leitor.

1.5 – Acúmulo de capitais

A Sabiá não era apenas uma editora de escritores. Essa reunião de autores e autoras, que produziam, e agora, editavam literatura brasileira, gerou uma característica a ser observada: a questão da *distinção*. Segundo Pierre Bourdieu, se um determinado objeto ou empresa difere-se de outras semelhantes por uma série

de motivos, há o envolvimento de características que respondem pelo nome de *capitais*, o que faz da Editora Sabiá uma *instância de legitimação*.

A Sabiá, por acumular vários capitais durante o tempo em que permaneceu ativa, locupletou-se deles gerando essa distinção, resultando em uma atividade editorial rentável e prestigiosa. Thompson (2013) descreve de forma detalhada esses capitais formulados por Pierre Bourdieu. Atuando conjuntamente, esses elementos ajudam a compreender o que foi a atuação da editora.

O primeiro capital, o **econômico**, corresponde aos recursos financeiros que a empresa acumula. De acordo com artigo escrito por Sabino, há menção ao capital econômico acumulado pela editora do passarinho:

Aos poucos, todavia, o que a princípio era quase um divertimento entre amigos, se tornava uma atividade respeitável e próspera. As instalações da Editora se ampliavam e os dois ou três empregados iniciais eram agora mais de vinte (SABINO, 1983).

O empreendimento estava dando certo a ponto de terem funcionários, sede, conforme o crescimento de seu negócio e a continuidade das publicações. De uma proposta que visava publicar a si próprios e os amigos, a Sabiá foi se revelando rentável, se tornando uma empresa séria e grande.

O capital **humano** representa as habilidades e os conhecimentos que seus profissionais têm em relação ao seu campo de trabalho. Como Rubem Braga e Fernando Sabino já possuíam experiência editorial, seus conhecimentos foram aprimorados, de modo a proporcionarem ganho em **capital humano**.

O capital **social** diz respeito às redes de contato e relações que são construídas com o tempo. Ora, Rubem Braga e Fernando Sabino já eram autores prestigiados, legitimados e também jornalistas de renome, afinal, graças à crônica, um gênero literário que veio do jornal e é uma espécie de meio-termo entre a notícia e o texto literário. Já acumulavam décadas de experiência jornalística quando desembarcaram na Sabiá. Isso possibilitou acesso direto de sua editora aos jornais e revistas em que escreviam, bem como franqueou o acesso de seus amigos. Em uma matéria publicada no jornal *Diário de Notícias*, de 30 de setembro de 1967, há a menção da disponibilidade do espaço para a divulgação da nova editora:

Figura 1 – Matéria sobre a Sabiá no *Diário de Notícias*, de 30 de setembro de 1967¹

NOTÍCIAS DE LIVROS — **Nasce uma nova editora — SABIÁ — de Fernando Sabino e Rubem Braga — que se desligaram da Editora do Autor. E anunciam a sexta edição da «Antologia Poética» de Vinícius de Moraes. O; próximos lançamentos da nova editora (que tem como marca um sabiá desenhado por Ziraldo) são de melhor qualidade. Apenas, porque recebi a notícia e com ela saudei a nova editora, devo responder ao bilhete declarando que não recebi a Antologia de Vinícius, o que me entristece. Fernando Sabino e Rubem Braga sabem que contam sempre com esta seção.**

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

O capital **intelectual** refere-se à produção que controla, que está sob sua guarda, por meio de contratos e outros meios legais. Assim sendo, há, conseqüentemente, o surgimento de um tipo especial de capital, o *simbólico*. Define-se capital simbólico como:

Como capital de reconhecimento ou consagração, institucionalizado ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 170).

Embora já contassem com os capitais econômico e intelectual, na Editora do Autor os editores ainda não dispunham de capital humano para investimento. O que foi adquirido conforme aprimoravam o trabalho nessa editora. Através dela, Sabino e Braga adquiriram esse capital, prática, conhecimento. Quando do nascimento da Sabiá eles já estavam em posse desse capital, chamando, assim, a atenção para suas edições mesmo antes de publicá-las.

Foram esses fatores que influenciaram a Sabiá enquanto editora em atividade. Ela continuou o trabalho de sua antecessora, pois seus editores já tinham adquirido prática e conhecimento editorial. Seus nomes já eram reconhecidos no meio, tinham percebido o potencial financeiro de uma editora capitaneada por eles.

Bourdieu comenta que

¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_04&pasta=ano%20196&pesq= nasce%20uma%20nova%20editora>. Acesso em: julho 2018.

A única acumulação legítima, para o autor como para o crítico, para o comerciante de quadros como para o editor ou o diretor de teatro, consiste em fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos (e o efeito de *griffe* ou de assinatura) ou pessoas (pela publicação, a exposição etc.), portanto, de conferir valor, e de tirar os lucros dessa operação. (BOURDIEU, 2002, p. 170)

Esse **nome**, ou essa *griffe*, é o que a Sabiá tinha, antes mesmo de publicar seu primeiro livro, por causa do prestígio que seus editores/autores tinham. A **marca** Rubem Braga e Fernando Sabino, enquanto produtores culturais legitimados, seja na produção editorial, seja na produção literária, trazendo consigo todo esse grupo, foi transferida para a editora em um empréstimo simbólico de valores. Essa **marca** que ambos os editores agregavam vinha da imagem que tinham até então, de homens da mídia, de jornalistas, de escritores.

Antônio Cândido, em seu *Literatura e Sociedade*, comenta sobre a relação da imagem do escritor com a sociedade:

A posição do escritor depende do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não corresponde necessariamente ao seu próprio. Este fator exprime o reconhecimento coletivo da sua atividade, que deste modo se justifica socialmente. (CÂNDIDO, 2006, p. 84).

Essa posição, segundo Cândido, refere-se ao *status*, que o autor angaria com o passar dos anos, de atividade literária.

O prestígio, a posição, que Braga e Sabino gozavam nessa época entre os leitores foi constituído pelas suas carreiras literárias e pela sua (recém) atividade editorial com a Editora do Autor: a imagem de ambos era a de autores e de editores de atividades reconhecidas e legitimadas. Porém, graças ao capital simbólico que carregavam, o seu reconhecimento não se dava apenas no meio literário, nesse pequeno e seletivo grupo, mas pelo reconhecimento, no sentido de aproximação em relação ao público em geral, que tinham graças ao gênero que praticavam, a crônica.

A Sabiá constituiu-se, então, como **instância de legitimação**. A grife Sabiá era sinônimo de qualidade, de bons livros, de uma produção literária de alto gabarito. Cilza Carla Bignotto diz que

Quanto maior a consagração de um escritor, mais capital simbólico acumulado ele terá, mais alta será sua posição na hierarquia do campo e mais forte sua capacidade de definir o que deve ser considerado literatura e, portanto, o que – e quem – deve ser aceito dentro do campo. A distribuição de capital simbólico seria feita, em grande parte, pelas chamadas *instâncias de legitimação*, que teriam a capacidade de reconhecer como legítimas as produções literárias surgidas no campo. (BIGNOTTO, 2018, p. 11).

Assim sendo, eles eram vistos como referências em termos de legitimação literária. Imbuídos desse capital simbólico, atraíam atenção para suas atividades, gerando, conseqüentemente, capital financeiro. Os capitais envolvidos nesse processo resultaram em ganhos econômicos: autores legitimados no campo literário publicando livros, seus e de outros autores. Ora, os livros da Sabiá, dentro dessa dinâmica de acúmulo de capitais, revestiam-se de um selo de qualidade, de legitimação, da chamada *crença* de que suas atividades estavam vinculadas à boa literatura.

Para designar esse empréstimo simbólico dos editores-autores para com sua empresa, o termo “capital editorial” ilustra de maneira efetiva o pensamento aqui desenvolvido, que melhor explica essa relação entre os diferentes capitais que envolviam a Editora Sabiá. O acúmulo de diversos capitais resultou em capital econômico acumulado, ou seja, a editora tornou-se rentável para seus editores, garantindo assim a continuidade das edições. Era o “capital editorial” que a Sabiá possuía.

Na coluna “Panorama das Letras”, do *Jornal do Brasil*, de 18 de outubro de 1967, há a menção a esse conjunto de significados inerentes à Sabiá:

O GRUPO SABIÁ – Egressos da Editôra do Autor, Fernando Sabino e Rubem Braga apresentam uma etiquêta nova – Editôra Sabiá – cuja primeira oferta é a sexta edição da *Antologia Poética*, de Vinícius de Moraes. Um pequeno sabiá desenhado por Ziraldo é a marca da nova editôra. A capa, em verde, prêto e muito branco, é de grande originalidade e beleza gráfica. Essa antologia reúne, na verdade, quase tôda a obra de Vinícius e, seguramente, tudo que êle tem de melhor. Vem desde os poemas de *Caminho para a Distância* e *Forma e Exegese*, publicados quando êle tinha 19 e 22 anos, impregnados de sentido místico, logo novamente afirmado em *Ariana, a Mulher*, até as elegias de linguagem popular e sensual e os poemas de sentido social – sempre com a constante do lirismo que informa tôda obra e vida do poeta. Na primeira orelha, uma biografia resumida do autor; na segunda, os próximos lançamentos da nova editôra: *A Tradição das Elegantes*, crônicas de Rubem Braga; *Hora do Recreio*, crônicas e casos de Paulo Mendes Campos; *A Revolução das Bonecas*, crônicas de José Carlos Oliveira; *A Inglêsa Deslumbrada*, crônicas e casos de Fernando

Sabino, e, finalmente, êxito editorial seguro: *Febeapá* – 2, de Stanislaw Ponte Preta.

Isso mostra que a Sabiá conta de saída com a **mesma equipe de amigos** que garantiu o sucesso da antiga Editôra de Sabino/Braga. (MEMÓRIA – BIBLIOTECA NACIONAL).

Interessante perceber que o jornalista referiu-se à Editora Sabiá como “Grupo Sabiá”. Seria esse mais um indício dos valores imbuídos na editora? Um “grupo” editorial caracteriza-se por diversos selos editoriais reunidos em uma única administração. E a Sabiá era um único selo, empresa relativamente pequena, mas com essa **distinção**, esse efeito de *griffe*, de *etiqueta*, importância, que ostentava graças aos seus editores-autores. E essa marca constituída, esse “capital editorial”, intrínseco acumulado, converteu-se em vendas e lucro para seus editores, como uma espécie de “empréstimo” entre diferentes valores.

Bourdieu afirma

O empreendimento “econômico” denegado do comerciante de quadros ou editor, em quem a arte e os negócios se conjugam, não pode ser bem-sucedido, mesmo “economicamente”, se não for orientado pelo domínio prático das leis de funcionamento e das exigências específicas do campo. O empresário em matéria de produção cultural deve reunir uma combinação inteiramente improvável, em todo caso bastante rara, do realismo, que implica concessões mínimas às necessidades “econômicas” denegadas (e não negadas), e da convicção “desinteressada”, que as exclui. (BOURDIEU, 1996, p. 171).

Para que esse empreendimento econômico tivesse sucesso, não bastava apenas colocar livros em circulação, e sim saber o que estavam fazendo, quem estavam editando, quem fazia a capa, diagramação, pontos de venda, crítica especializada; enfim, a cadeia produtiva do livro.

Portanto, de que adiantava ter à sua disposição inúmeros autores e autoras de talento, se não soubessem como disponibilizá-los ao grande público? Era preciso conhecimento do campo editorial, de publicar o livro, fazê-lo circular, ser lido pelo público leitor, para que esse trabalho pudesse ser realizado,. E isso, Braga e Sabino obtiveram com a Editora do Autor.

Reunindo esse conjunto de autores, os editores mostraram estarem próximos do texto de literatura contemporânea, da produção contemporânea. O fato de serem autores, também, significava mais um elemento de proximidade com essa produção cultural, sendo, eles mesmos, produtores de tal cultura, mas não apenas no campo

literário, como no campo editorial, com um projeto distinto em relação às editoras de sua época. E, como dissemos, a cultura significa também um fator de agremiação, de aglutinamento. Há nisso mais um indício das associações a que a Sabiá estava inserida, do círculo de relações dos editores.

Para Bourdieu:

Marcar época é, inseparavelmente, fazer existir uma nova posição para além das posições estabelecidas, na dianteira dessas posições, na vanguarda, e, introduzindo a diferença, produzir o tempo. (BOURDIEU, 1996, p. 181).

Portanto, é possível afirmar que a Sabiá não funcionou apenas no campo empresarial, econômico e financeiro. Uma editora é uma empresa que visa o lucro, e buscar remuneração está de acordo com os fins de um empreendimento comercial. Ambos os cronistas viram uma oportunidade para isso, dentro de um momento da cultura e da história nacionais, pois grandes autores e autoras estavam em começo de carreira e/ou em franca produção literária.

Todos esses elementos enunciados produziram um efeito de distinção que resultou em ganhos financeiros para a editora. Segundo tabela veiculada no *Jornal do Brasil*, em 16 de dezembro de 1967 (ano em que a Sabiá iniciou suas edições) a editora já frequentava a lista dos livros mais vendidos no Brasil, não apenas na cidade que sediava a Sabiá, a cidade do Rio de Janeiro, mas também em outras cidades do Brasil, demonstrando alcance nacional para além da cidade que a sediava. O que se pode conferir na Figura 6:

Figura 2 - Listados livros mais vendidos no Brasil, no Jornal do Brasil, em 16 dezembro de 1967²:

os mais vendidos no brasil

16 SUPLEMENTO DO LIVRO □ Jornal do Brasil - Rio de Janeiro, sábado, 16 de dezembro de 1967

□ **NO RIO**

NACIONAIS

1. **Febeapá N.º 2**, de Stanislaw Ponte Preta, Editora Sabiá, NCr\$ 8,00.
2. **Tutaméia**, de Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 5,00.
3. **Hora de Recreio**, de Paulo Mendes Campos, Editora Sabiá, NCr\$ 8,00.
4. **Av. Copacabana, 389, Ap. 801**, de Sylvan Paezzo, Editora Lidador, NCr\$ 5,00.
5. **Livro de Sonetos**, de Vinícius de Moraes, Editora Sabiá, NCr\$ 8,00.

ESTRANGEIROS

1. **Sexus**, de Henry Miller, Gráfica Recorde, NCr\$ 12,00.
2. **Topázio**, de Leon Uris, Editorial Bruguera, NCr\$ 13,50.
3. **Don Juan, Lord Byron**, de André Maurois, Editora Nova Fronteira, NCr\$ 10,00.
4. **A Ilha**, de Aldous Huxley, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 10,00.
5. **Fôrça na Areia**, de Morris West, Editora Portugal, NCr\$ 7,50.

□ **EM BRASÍLIA**

NACIONAIS

1. **Febeapá N.º 2**, de Stanislaw Ponte Preta, Editora Sabiá, NCr\$ 8,00.
2. **Tutaméia**, de Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 5,00.
3. **Versíprosa**, de Carlos Drummond de Andrade, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 4,50.
4. **Opera dos Mortos**, de Aulran Dourado, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 7,50.
5. **Revolução Russa**, de Caio de Freitas, Edições Bloch, NCr\$ 8,00.

ESTRANGEIROS

1. **Sexus**, de Henry Miller, Gráfica Recorde, NCr\$ 12,00.
2. **Sr. Presidente**, de Miguel Angel Asturias, Editora Brasiliense, NCr\$ 8,00.
3. **O Poder Oculto**, de Fred J. Cook, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.
4. **Vietname: a Guerrilha Vista por Dentro**, de Wilfred G. Burchett, Gráfica Recorde, NCr\$ 8,00.
5. **O Fantasma de Stalin**, de Jean Paul Sartre, Editora Paz e Terra, NCr\$ 5,00.

□ **EM SÃO PAULO**

NACIONAIS

1. **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 10,00.
2. **Tutaméia**, de Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 5,00.
3. **A Inglesa Deslumbrada**, de Fernando Sabino, Editora Sabiá, NCr\$ 8,00.
4. **Rosinha Minha Canoá**, de José Mauro de Vasconcelos, Editora Melhoramentos, NCr\$ 4,90.
5. **Pessach: A Travessia**, de Carlos Heitor Coni, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 8,00.

ESTRANGEIROS

1. **Sr. Presidente**, de Miguel Angel Asturias, Editora Brasiliense, NCr\$ 8,00.
2. **Sexus**, de Henry Miller, Gráfica Recorde, NCr\$ 12,00.
3. **Stiletto**, de Haroldo Robbins, Livraria Eldorado Editora, NCr\$ 8,00.
4. **Vietname: a Guerrilha Vista por Dentro**, de Wilfred G. Burchett, Gráfica Recorde, NCr\$ 8,00.
5. **Sarkhan**, de William Lederer e Eugene Burdick, Gráfica Recorde, NCr\$ 10,00.

□ **EM BELO HORIZONTE**

NACIONAIS

1. **Tutaméia**, de Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 5,00.
2. **Acontecências**, de Vilma Guimarães Rosa, Livraria José Olímpio Editora, NCr\$ 5,00.
3. **Ilusões da Psicanálise**, de A. da Silva Melo, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.
4. **Memórias de um Soldado**, de Nelson Werneck Sodré, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 16,00.
5. **Quarup**, de Antônio Callado, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 10,00.

ESTRANGEIROS

1. **Uma Vida Encantada**, de Mary McCarthy, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 8,50.
2. **O Poder Oculto**, de Fred J. Cook, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.
3. **Giovani**, de James Baldwin, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 6,00.
4. **Sexus**, de Henry Miller, Gráfica Recorde, NCr\$ 12,00.
5. **O Romano**, de Mika Waltari, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.

□ **NO RECIFE**

NACIONAIS

1. **Revista da Civilização Brasil n.º 15**, NCr\$ 3,00.
2. **Ilusões da Psicanálise**, de A. da Silva Melo, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.
3. **Você Quer Falar Melhor?**, de Pedro Bloch, Edições Bloch, NCr\$ 6,00.
4. **Ferro e Independência**, de Osni Duarte, Editora Civilização Brasileira, NCr\$ 12,00.
5. **Alienação e Humanismo**, de Leônico Basbaum, Editora Fulgor, NCr\$ 6,50.

ESTRANGEIROS

1. **Fantasma de Stalin**, de Jean-Paul Sartre, Editora Paz e Terra, NCr\$ 5,00.
2. **Sociologia do Romance**, de Goldman, Editora Paz e Terra, NCr\$ 8,00.
3. **Existencialismo ou Marxismo**, de George Lukács, Editora Senzala, NCr\$ 9,00.
4. **Um Realismo sem Fronteira**, de Roger Garaudy, NCr\$ 6,00.
5. **Liberdade sem Excesso**, de O. S. Neill, Editora Ibrasa, NCr\$ 6,50.

□ **OS PREFERIDOS NOS ESTADOS UNIDOS**

Os livros mais vendidos nos Estados Unidos nas últimas semanas, segundo pesquisas nas livrarias das maiores cidades e nos jornais de todo o país, são os seguintes:

FICÇÃO

1. **The Confessions of Nat Turner**, de William Styron.
2. **Topaz**, de Leon Uris.
3. **The Gabriel Hounds**, de Mary Stewart.
4. **The Chosen**, de Chaim Potok.
5. **A Night of Watching**, de Elliott Arnold.
6. **Christy**, de Catherine Marshall.
7. **Rosemary's Baby**, de Ira Levin.
8. **The Vale of Laughter**, de Peter De Vries.
9. **The Arrangement**, de Elia Kazan.
10. **The Exhibitionist**, de Henry Sutton.

NAO-FICÇÃO

1. **Our Crowd**, de Stephen Birmingham.
2. **Nicholas and Alexandra**, de Robert K. Massie.
3. **Twenty Letters to a Friend**, de Svetlana Alliluyeva.
4. **The New Industrial State**, de John Kenneth Galbraith.
5. **A Modern Priest Looks at his Outdated Church**, de Father James Kavanaugh.
6. **Anyone Can Make a Million**, de Morton Shulman.
7. **Memoirs, 1925-1950**, de George F. Kennan.
8. **Incredible Victory**, de Walter Lord.
9. **Too Strong for Fantasy**, de Marcia Davenport.
10. **Report From Iron Mountain**, com notas e introdução de Leonard C. Lewin.

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Em outras palavras, ainda sob os preceitos de Bourdieu, há aqui o que se caracteriza como uma empresa de *ciclo de produção longo*. Investindo em livros que não obedecem a uma ordem mercadológica, uma demanda definida e circunstancial, pois a recepção de livros de literatura pela sociedade é lenta e gradual, a Sabiá investia em qualidade e distinção. E se a editora agregava todos esses capitais, i.e.,

² Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&PagFis=105793&Pesq=os%20livros%20mais%20vendidos%20nos%20estados%20unidos>. Acesso em julho 2018.

econômico (tinha dinheiro para constituir a nova empresa), humano (seus editores eram competentes no que faziam), social (seus donos eram jornalistas de renome, tinham penetração no meio midiático), intelectual (agregavam um conjunto de grandes autores brasileiros), isso tudo resultava em um expressivo capital simbólico, que se transformava em uma empresa rentável. Capitais simbólicos travestiram-se, desse modo, em capital financeiro; já que a Sabiá carregava todas essas distinções, valores, ela virou sinônimo de alta literatura. E vendia livros.

Em seu ano de lançamento, a editora já frequentava listas de livros mais vendidos no Brasil. E com mais de um livro. Esses diferentes valores concatenaram-se em uma dinâmica que resultou em dividendos para seus donos e autores.

Tais relações e esses diferentes valores deram o tom nas atividades da editora que, com o passar dos anos, foi se aprimorando, com novos livros, novos autores e autoras, mas não apenas do Brasil, como também estrangeiros, indicando um olhar atento às mudanças de sua época e da sociedade em que estava inserida.

CAPÍTULO 2

2 – Os anos da Editora Sabiá: 1967-1972.

A história da Editora Sabiá tem início no ano de 1966, com a saída de Rubem Braga e Fernando Sabino da Editora do Autor. Depois de terem desfeito a sociedade com Walter Acosta, consultaram amigos, editores próximos e decidiram retornar ao mercado editorial, com uma nova proposta.

Fernando Sabino já frequentava o campo editorial, muito antes de se tornar editor. Duas cartas encontradas na Fundação Casa de Rui Barbosa mostram o interesse do autor pela edição, décadas antes, datadas de 1939 e 1941. Sabino, no começo de sua carreira literária, já manifestava interesse no mercado editorial, quase trinta anos antes da Editora Sabiá:

Belo Horizonte, 3 de Dezembro de 1939

Ilmº Snr.
José Olímpio
Livraria José Olímpio Editora
RIO DE JANEIRO

Prezado Snr:-

Tendo em mãos quasi concluída a tradução da obra de James Hilton “We are not alone”, desejava saber se lhe interessaria a sua edição e lançamento, e, no caso afirmativo, em que condições isso se faria.

James Hilton é o mesmo autor de “Horizonte Perdido” e de “Adeus, Mr. Chipps”, cujas versões cinematográficas causaram grande sucesso há pouco. O argumento de “We are not alone” está sendo filmado com Paul Muni e Jane Brian nos EE. UU., nomes que bastam para assegurar o seu triunfo. O interesse que esse filme trará ao público, forçará uma grande procura do livro.

Peço o obséquio de responder-nos para a Rua Gonçalves Dias, 1458, em Belo Horizonte, Minas Gerais, para podermos remeter-lhe o mais breve possível os originais da referida tradução, na qual estamos tendo o máximo carinho e esmero.

Agradecendo antecipadamente, somos, com estima e consideração,

De V. S.
Amºs. Atºs. e Obdºs

Fernando Sabino
Fernando Tavares Sabino

Belo Horizonte, 25 de Setembro de 1943

Ilm^o Snr.
José Olímpio
Livraria José Olímpio Editora
RIO DE JANEIRO

Prezado Sr.-

Tenho o prazer de vir à presença de V. S., confirmar a conversa havia entre meu irmão, Gerson Sabino, e V. S., a respeito da publicação e lançamento da novela de minha autoria "A MARCA" por essa casa Editora, com o que estou perfeitamente de acordo.

Venho solicitar-lhe a gentileza de enviar-me as condições pelas quais será feita a referida publicação, e peço que V. S. inclua entre elas o prazo para o lançamento, que deverá ser até o fim do primeiro semestre de 1944.

Desde que isso seja possível, autorizo com prazer a V. S. a anunciar o lançamento do referido livro e a encomenda do Sr. Santa Rosa a execução da capa.

Aguardando suas notícias, subscrevo-me, com estima e consideração,

De V. S.
Am^{os}. At^{os}. e Obd^{os}

Fernando Sabino
Fernando Sabino

Rua Gonçalves Dias, 1458
BELO HORIZONTE

FONTE: Acervo Rubem Braga/Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Ao ingressar no mercado de livros, Sabino e Braga tinham certa noção do que estavam fazendo, não se lançariam às cegas em um empreendimento de risco, pois Sabino já tinha devolvido seu cartório, tinha se divorciado e com dois filhos desse primeiro casamento. Era esperado que a operação proposta fosse rentável.

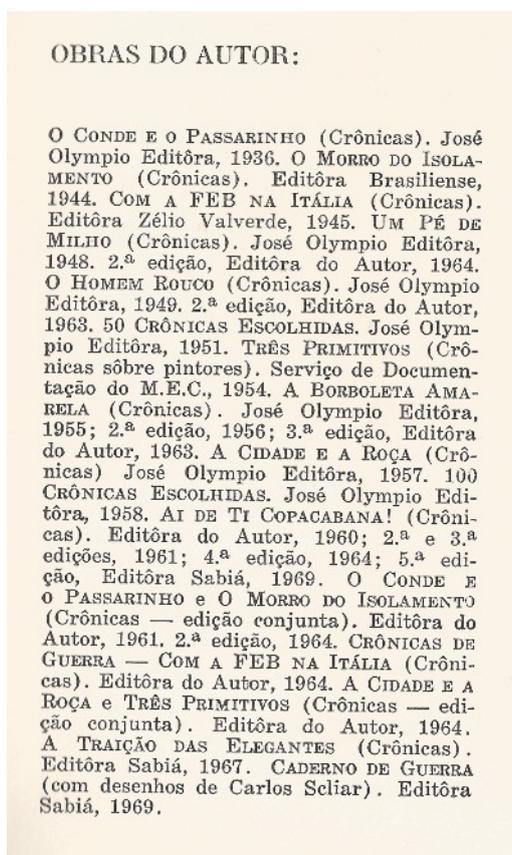
Assim, o modelo de edição pensado para a Editora Sabiá não seria mais em regime cooperativo, como na Editora do Autor. A nova editora custearia as publicações, reservando ao autor dez por cento de direito autoral, regido em contrato entre autor e editora.

A Editora Sabiá, enquanto ativa, durante os anos de 1967 a 1972, editou majoritariamente livros de literatura brasileira e estrangeira, com características que particularizaram seu trabalho no campo editorial. Pesquisadores como Laurence Hallewell (2005), Arnaldo Bloch (2005), Ewerton Martins Ribeiro (2015) e Jonathan

Mazzoni Busato (2005), contribuíram para que esse importante período da literatura, cultura e edição no Brasil não ficasse obscuro, incentivando a pesquisa aqui realizada.

A Sabiá publicou 112 livros, de diversos gêneros literários: crônica, poesia, romance, contos, peças de teatro, biografias e livros de teor político³. Segundo Sabino (1983, p.12), “nossa especialidade, por acaso se firmara em gêneros literários geralmente desprezados pelas outras editoras: conto, crônica, poesia”. Porém, em uma consulta a um dos livros de Rubem Braga, editados pela Sabiá – *A Borboleta Amarela*, de 1969 –, é possível ver que a crônica tinha sido bastante editada por outras editoras, visto que Braga só tinha escrito, durante toda a sua vida, esse gênero literário (Fig. 1):

Figura 3 – Bibliografia de Rubem Braga, até o ano de 1969:



Fonte: Exemplar de *A Borboleta Amarela*, de Rubem Braga.
Acervo pessoal do autor

³ Nos Anexos está a lista completa do catálogo da Editora Sabiá, organizada conforme o ano de publicação e o gênero da obra.

Isso demonstra que a crônica não era um gênero desprezado por outras editoras, ela tinha sido editada anteriormente pela José Olympio e a Brasiliense. Sabino queria chamar para si o fato de a Sabiá ter investido em gêneros menos prestigiosos editorialmente, querendo dizer que a Sabiá era uma editora mais abrangente, opinião essa passível de contestação, como demonstrado.

2.1 – A pesquisa em arquivos literários

Devido à escassez de material crítico a respeito da Sabiá, propus-me a fazer pesquisa de campo em busca de arquivos da editora em importantes centros de documentação histórica. Foram visitadas a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Instituto Moreira Salles e a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e o Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

Segundo certidão obtida na página da Junta Comercial do Rio de Janeiro, mostrada nos Anexos, é possível saber informações a respeito da editora. A Sabiá foi fundada em 26 de setembro de 1967, e o lançamento de seus primeiros livros ocorreu em 28 de novembro, dois meses após sua criação. No campo “Microempresa ou Empresa de Pequeno Porte”, a editora não foi classificada como empresa desse tipo. A impressão é que Sabino e Braga consideraram a nova editora como uma empresa de vulto, maior, em relação à sua experiência anterior.

Esse perfil é confirmado através dos arquivos encontrados na Fundação Casa de Rui Barbosa, pertencentes ao acervo de Rubem Braga, que dizem respeito à atividade laboral – recibos, catálogos, contratos, cartas aos autores a respeito dos livros editados. Com isso, a Sabiá mostrou ter sido uma empresa de fato, empresa com sede, empregados, pautada por contratos, correspondências oficiais, papel timbrado etc.

Segundo Marques:

Ao guardar suas fotos, seus retratos, desenhos e caricaturas feitos por pintores, ao preservar as cartas trocadas com seus pares e com críticos, ao formar suas coleções de objetos pessoais, de obras de artes e de livros, o escritor constitui o seu arquivo, estocando também uma gama variada de

imagens de si mesmo, como autor, artista e intelectual (MARQUES, 2015, p. 101).

Os arquivos achados na Fundação dizem respeito à atividade laboral da Sabiá, ilustrando o perfil empresarial da editora, mostrando a seriedade com que era tratada pelos seus dois editores. Isso vem complementar a imagem que Rubem Braga e Fernando Sabino tinham como escritores e intelectuais: eram homens de negócios. Porém, ambos tinham visões diferentes da editora, conforme atesta Carvalho:

Até venderem a Sabiá para a José Olympio, em setembro de 1972, Braga reclamaria da necessidade de frequentar banco sob todo e qualquer pretexto e descobrir que o simpático banqueiro do convívio social é muito diferente na hora de fechar um empréstimo. “Tudo é muito misterioso e arriscado nesse negócio de editar livros. Chega.”

É que Sabino, feliz, dissera ao sócio que a Sabiá tinha tido um belo lucro naquele ano e Braga não pensou duas vezes: “Então, me passa a metade que eu quero viajar pela Europa”. “Não, Rubem, não é assim. Tivemos um lucro, mas temos que pagar salários de funcionários, pagar à gráfica, aos fornecedores. Esse lucro é contábil, Rubem.” Mas o Braga fazia questão de nada entender de contabilidade (CARVALHO, 2007, p. 369).

Dessa forma, o quadro da Sabiá vai se formando. Mesmo com diferentes visões a respeito de sua editora, o consenso era editar livros, mas de maneira que lucrassem com essa atividade.

Não apenas essa documentação laboral (recibos, catálogos, contratos) foi encontrada na Fundação Casa de Rui Barbosa. Cartas com o mesmo teor, redigidas por Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Rocco (assistente editorial da Sabiá) endereçadas aos autores da editora, também foram consultadas. Documentação similar – correspondências – foi encontrada nos outros centros de pesquisa visitados no Rio de Janeiro. Devido a questões referentes a direitos autorais, não pude fazer cópias fotográficas. Gentilmente foi autorizada a cópia digitoscrita⁴ da documentação, em que reproduzi, da melhor maneira possível, o original estudado (ver em Anexos).

Segundo a teoria de Marques, arquivos literários, sob a guarda de instituições públicas, se colocam em outro patamar de significado. Deixam a esfera

⁴Cópia feita em computador.

privada para a esfera pública, alterando a imagem que se tem de um determinado escritor, pois revelam um lado que o público desconhece:

Na forma como estamos visualizando o arquivo literário aqui, diria até que se trata de uma figura eminentemente moderna, concernente ao lugar do intelectual e escritor, do homem letrado, no mundo moderno. Figura que, na atualidade, experimenta intrincados processos de mutação, seja em função de o escritor desempenhar outros papéis na sociedade, como o de representar mais um ponto de vista, os interesses de certa audiência, do que categorias abstratas e totalizantes como povo e nação (MARQUES, 2015, p. 34).

No caso de Rubem Braga e Fernando Sabino, os arquivos encontrados são reveladores a respeito desse outro papel que os dois escritores desempenharam em suas vidas, o de editores, exercendo-o de forma complementar em suas vidas literárias. É esse um lado esquecido dentro de suas biografias.

Ou seja, os arquivos mostram o lado empresarial de dois autores de literatura, à frente de uma editora. Como foi discutido no Capítulo 1, a figura do escritor/editor não era incomum na literatura brasileira, mas no caso da Sabiá foi possível conhecer mais a fundo esse momento da vida de Fernando Sabino e Rubem Braga.

Curioso notar que, dentro dos arquivos encontrados, não há menções sobre as escolhas, as decisões editoriais a respeito de seus livros, dos motivos que os levaram a editar os livros pertencentes ao catálogo da Sabiá. Isso nos leva ao seguinte questionamento: como saber a respeito das escolhas editoriais da Sabiá?

No caso dos arquivos estudados no Instituto Moreira Salles, quatro cartas ao todo, há algumas menções a respeito dessas escolhas:

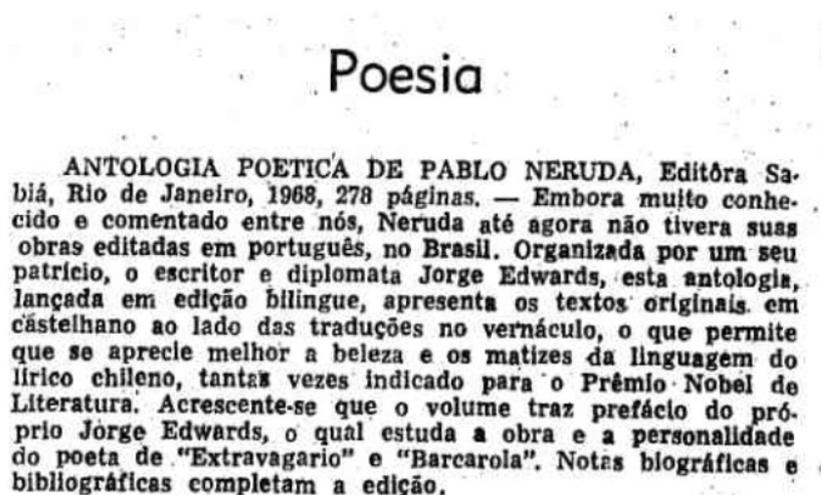
A editora está de mudança para um sobrado em uma vila na rua Barão de Ipanema, mas no último instante surgem dificuldade com vizinhos, alvará, essas coisas. Vamos editar uma antologia de Neruda a ser autografada pelo próprio, de passagem pelo Rio em setembro. Também um excelente romance colombiano, que muito lhe recomendo, "Cien Años de Soledad"; uma antologia de Borges, etc. (BRAGA, 1968).

Neste trecho, Rubem Braga fala a Otto Lara Resende sobre a editora, a mudança para a nova sede e a respeito de futuros lançamentos, em trazer o poeta chileno Pablo Neruda para o lançamento de seu livro – sua *Antologia Poética* – para

uma noite de autógrafos. Em 1968 a Sabiá começara a publicar obras latino-americanas, obtendo grande sucesso.

Assim sendo, recorri aos arquivos de jornais (Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Hemeroteca da Biblioteca Nacional) guardados em acervos virtuais na internet. Lá foi possível obter informações que ajudaram a investigação. O curioso é notar que, diante dessa falta de estudos a respeito da Sabiá, está nos jornais parte da história da editora (Fig. X). Como Fernando Sabino e Rubem Braga eram jornalistas também, a imprensa exerceu um papel importante para a editora, como meio de registro de seu percurso.

Figura 4 – Nota de lançamento do livro *Antologia Poética*, de Pablo Neruda, publicada no *Estado de São Paulo*, em 16 de novembro de 1968⁵



Fonte: Acervo Estadão

Nessa nota, há detalhes a respeito da obra: seu organizador, edição bilíngue, prefácio, dados bibliográficos e biográficos. Portanto, a história da Sabiá se apresenta de maneira fragmentada, não centralizada, quase inexistente, portanto.

Através das teorias de Pesavento (2008, p. 18) pode-se ler dentre outros elementos, que, “do final dos anos 1960 aos anos 80, com uma história social que avançava para os domínios do cultural, buscando ver como as práticas e

⁵ Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19681116-28714-nac-0036-lit-2-not/busca/ANTOLOGIA+PO%C3%89TICA+NERUDA>>. Acesso em julho 2018.

experiências, sobretudo dos homens comuns, traduziam-se em valores, ideias e conceitos sobre o mundo”, diante dessas inúmeras informações sobre a editora, vi que era preciso, de alguma forma, sistematizar o trajeto da Sabiá. Darei a isso o nome de **narrativa editorial**. Essa narrativa consiste em, a partir dos livros publicados pela editora, verificar a influência que propiciou no meio cultural brasileiro. A Sabiá se diferenciou das outras editoras de sua época pelos seus diferentes prestígios acumulados, estudados no Capítulo 1, e através deles, conseguiu obter destaque.

Sabino e Braga já vinham atuando como editores, com a Editora do Autor. E antes disso, estavam já há décadas inseridos em diferentes círculos (editorial – tinham já uma sólida carreira literária; literário – eram escritores de renome; e jornalístico – escreviam crônicas em diversos jornais). Ou seja, a Sabiá não era fruto de uma decisão circunstancial.

Pesavento (2008) propõe escapar da análise factual, propondo a busca em outras fontes de informação para constituir essa narrativa. Daí a importância da investigação em centros de pesquisa, em busca de arquivos, pois, como foi dito, essa narrativa está fragmentada e registrada em diferentes instâncias. Em suma: o que a Sabiá *representou* durante sua existência. Encontrar dados, reconhecê-los e organizá-los para, por fim, tentar estabelecer o papel que a editora representou durante os anos de 1967 a 1972. Não se trata de estabelecer uma verdade histórica, minha intenção não é definir, de maneira imutável, o trajeto da Sabiá, mas tentar articular esses fatos não-centralizados em nome dessa **narrativa editorial**.

De acordo com a lista de livros publicados pela Sabiá (ver em Anexos) é possível ver o percurso histórico dos livros editados, conforme gênero e ano de publicação, a intenção dos editores em relação ao que editavam.

2.2 – O início da Sabiá

A estreia da Editora Sabiá teve lugar em 28 de novembro de 1967. Os editores organizaram um grande lançamento não apenas de um livro, mas seis, simultaneamente. Marcado para ocorrer no Clube dos Marimbás, foram lançados os

livros de Fernando Sabino (*A Inglesa Deslumbrada*), Vinícius de Moraes (*Livro de Sonetos*), Paulo Mendes Campos (*A Hora do Recreio*), Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto) (*Febeapá 2*), Rubem Braga (*A Traição das Elegantes*) e José Carlos Oliveira (*A Revolução das Bonecas*) (Fig. 5).

Figura 5 – Fernando Sabino, Rubem Braga, Sérgio Porto, José Carlos Oliveira, Vinícius de Moraes e Paulo Mendes Campos, na inauguração da Editora Sabiá



Fonte: Suplemento Literário de Minas Gerais – FALE/UFMG

Nessa foto, os autores dos livros que deflagraram a Sabiá aparecem juntos, reforçando a ideia inicial, que era a de publicar um determinado grupo de autores, os quais estavam juntos desde a editora anterior, a Editora do Autor. Além dos autores citados, temos Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Otto Lara Resende. Aos poucos a editora foi dando lugar a outros autores, a medida que foi ampliando seu catálogo.

Sabino comenta a respeito da editora que:

Dinamizamos as noites de autógrafos, que eram animadíssimas, verdadeiros *happenings* à base do “caju amigo”, e não mais os circunspectos lançamentos em livrarias mas em lugares como o Clube dos Marimbás ou do Caiçaras. Rubem inventou também as madrinhas, que

eram Leila Diniz, Tônia Carrero, Odette Lara, Márcia Rodrigues, Ângela Diniz (ainda menina, em Belo Horizonte) – daí para cima, se é que é possível. A gente se divertia. (SABINO, 1989, p. 146).

Essa proposta de fazer lançamentos em conjuntos, alegres, com a presença de belas mulheres (retrato de uma época em que mulheres eram ainda vistas como um objeto de adorno, como se conferissem uma espécie de beleza e sofisticação ao evento) era o objetivo de Fernando Sabino e Rubem Braga. A edição de livros seria um fator de animação, em juntar os amigos em uma noite festiva, diferente da sisudez e da formalidade, praticadas até então.

Na foto abaixo, tirada durante a festa de lançamento da Sabiá, aparecem os autores reunidos. Observa-se o clima de descontração, os cigarros, os copos de bebida, os livros e os autógrafos:

Figura 6 – Lançamento da Editora Sabiá, no Clube dos Marimbás⁶



Fonte: Site A Quarta Capa

Essa foto ilustra o fator de reunião que a Sabiá representava. No entanto, esses amigos nada mais eram que grandes autores da literatura brasileira, em franca produção. A editora nascera com esse objetivo, mas, com o passar do tempo, tornou-se maior, mais abrangente do que o círculo de amigos a que estava atrelada

⁶ Disponível em: < <https://aquartacapa.wordpress.com/2016/02/24/a-historia-da-editora-do-autor-por-rubem-braga/>. Acesso em ago. 2018.

inicialmente, mostrando que as decisões editoriais de Fernando Sabino e Rubem Braga estavam dando seus frutos – seja em dinheiro, seja em importância no meio cultural brasileiro do período.

Em carta constante do acervo de Otto Lara Rezende, no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, o escritor Millôr Fernandes comenta com Otto, data de 16 de dezembro de 1967:

Aqui a turma em geral vai bem. Vejo-os pouco, ou nada, sei deles. Fernando, agora, anda de avião para baixo e para cima, vendendo a si próprio e os amigos na Editora do Autor e Sabiá. Vai acabar numa figueira, o judas, assessorado pelo Rubem Braga. (FERNANDES, 1967).

A menção sobre as atividades de Sabino e Braga ilustram esse pressuposto, de um determinado grupo de pessoas, produtores de cultura, em franca atividade. Nota-se que Millôr referiu-se aos autores publicados pelos dois editores como “amigos”.

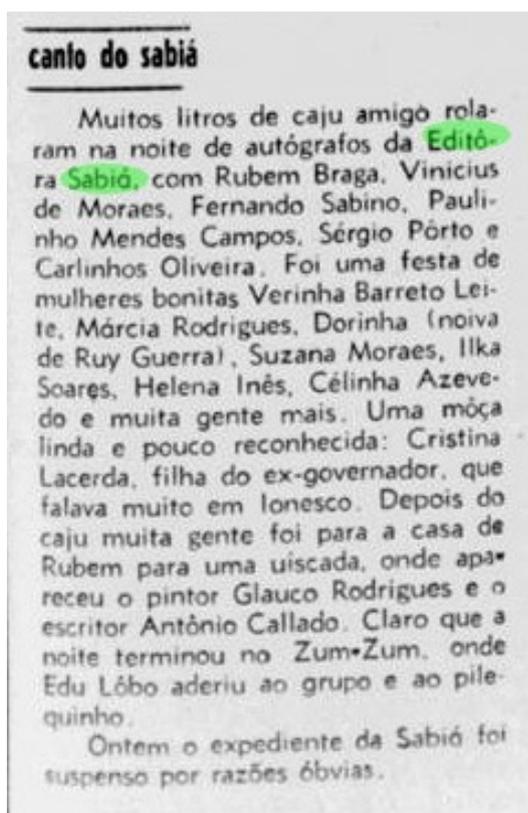
Porém, cabe a seguinte pergunta: por que esses autores decidiram publicar seus livros com a Sabiá, ao invés das outras editoras da época, como a José Olympio e a Civilização Brasileira, por exemplo? Segundo Costa, havia uma explicação:

Ênio inventou a “orelha” do livro escrita, formalizada, e utilizou pela primeira vez o outdoor para propaganda de livro. Sobre isso, ouviu de José Olympio que estava transformando o livro em um objeto vulgar. “Mas ele é, enquanto objeto, um objeto, e quanto mais vulgar melhor para os editores... e quanto mais vulgar, melhor para os leitores. Por que o livro só para a elite brasileira, por quê?”. (2009, p. 77).

Este excerto motiva um determinado raciocínio. Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira, amigo de Rubem Braga e Fernando Sabino, introduziu no Brasil novos elementos editoriais, como a orelha de livro escrita e o uso de publicidade massiva, o *outdoor*. Ou seja, procurava outros elementos que colaborassem na venda de livros. Já José Olympio, dono da prestigiosa editora que levava seu nome (que inclusive tinha em seu catálogo Fernando Sabino e Rubem Braga), teceu críticas, dizendo que dessa forma, o livro seria vulgarizado. Braga e Sabino tinham um outro conceito de edição, no sentido comercial. Eles queriam distância da sisudez dos lançamentos em livrarias, que eram sérios e protocolares.

Uma prova disso está na nota encontrada no periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, de 30 de novembro de 1967 (Fig.5):

Figura 7 – Nota no jornal *O Jornal*, a respeito do lançamento da Sabiá⁷:



Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Esse era o objetivo inicial da editora, ser um motivo de festa, reunião, a ponto do expediente da Sabiá ser suspenso por “razões óbvias”: ressaca dos autores e editores. O contraponto ao que José Olympio chamou de vulgaridade, os editores adotam um tom de descontração e amizade. Ora, se os livros, no seu ponto de vista, não eram para serem algo vulgar, a Sabiá se propunha a uma desmistificação dos livros e dos lançamentos. Por isso conseguiram reunir em seu catálogo autores dessa magnitude.

⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/61802>. Acesso em jul. 2018

2.3– Associações e contexto histórico

Segundo o *Dicionário Houaiss*, a palavra associação significa “ação de aproximar, de combinar, reunião de pessoas que têm interesses comuns” (HOUAISS, 2009, p. 107). Uni-los, como um conjunto de fatores não hierarquizados que fornecerão os caminhos a seguir.

Durante a consulta das fontes para o embasamento teórico apresentou-se o seguinte pressuposto: não há uma hierarquização desses elementos (literatura, edição, produção cultural, contexto histórico) circundantes à Sabiá. Nenhum deles exerce maior ou menor influência na análise dos fatos, no percurso estudado. São vistos de maneira equânime, dialogando entre si. Diante desse quadro de inúmeras referências, foi preciso organizá-las sob determinados parâmetros para que nenhum desses dados fosse suplantado por outro em uma hierarquia de valores.

Nos anos 1960, o Brasil passou por inúmeras mudanças, dentre elas, em 1964, ocorreu o golpe civil-militar. Quatro anos depois, em 1968, houve o Ato Institucional nº 5, dando início a um dos períodos mais obscuros de nosso país. Houve uma mudança na sociedade da época, no período da atividade editorial de Sabino e Braga.

Manter a investigação a respeito da Editora Sabiá somente restrita ao contexto histórico dos anos 1960 no Brasil não seria suficiente para explicar os fatos ocorridos com a editora. O motivo estaria em acontecimentos ocorridos muitos anos antes, décadas anteriores, que acabaram por influenciar a trajetória da Sabiá, principalmente no que diz respeito à relação dos dois editores com seu tempo, dentro de uma época difícil para a história do Brasil, que foi o regime militar.

Não se trata de negar o contexto, mas reinterpretá-lo sob outra ótica. O contexto histórico dos anos 1960 como único **fator motivacional** não explicaria, de maneira suficiente, o percurso da editora. Optou-se por inseri-lo como um dos elementos constituintes de todo esse processo, não para negá-lo, mas sim dentro de uma série de argumentos, sem uma hierarquia de valores.

Em 1964, sob o governo do general Humberto de Alencar Castelo Branco, houve a implementação de reformas do Estado, visando sua modernização. Era

preciso enfrentar a caótica situação por que o país estava passando; com isso, instituiu-se uma série de mudanças na política econômica que acabou impactando a sociedade. Tratava-se do Programa de Ação Econômica do Governo, o PAEG.

O historiador Boris Fausto comenta:

O PAEG tratou de reduzir o déficit do setor público, contrair o crédito privado e comprimir os salários. Buscou controlar os gastos dos Estados, ao propor uma lei que proibia que eles se endividassem sem autorização federal. O reequilíbrio das finanças da União foi obtido através da melhora da situação das empresas públicas, do corte dos subsídios a produtos básicos como o trigo e o petróleo, que eram importados a uma taxa de câmbio mais baixa, e do aumento da arrecadação de impostos. As duas primeiras medidas produziram de início um impacto no custo de vida, pois foi necessário aumentar tarifas de serviços de energia elétrica, telefones, etc. e elevar o preço da gasolina e do pão. Obteve-se o aumento da arrecadação de impostos por um melhor aparelhamento da máquina do Estado, que era notoriamente deficiente. A introdução da correção monetária para o pagamento de impostos em atraso contribuiu também para que, pelo menos em parte, ser devedor do Estado deixasse de ser um excelente negócio. A compressão dos salários começou a ser feita pela fixação de fórmulas de reajuste inferiores à inflação. (FAUSTO, 1995, p. 471).

Com isso, houve uma melhora circunstancial na economia do país, com essa reorganização da atividade econômica. Longe de significar um período de prosperidade do país, pois juntamente a essas mudanças econômicas vieram medidas que favoreceram apenas aos empregadores, como o fim da estabilidade no emprego após dez anos de serviço. Em seu lugar, em 1966, foi criado o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), e sem a adesão ao FGTS, era impossível obter emprego.

O governo implementou medidas de endurecimento para greves, paralisações. Instituiu leis que não saíram do papel, como o Estatuto da Terra, que visava a reforma agrária e a implementação de uma política agrícola. Resultaram em nada pois não foram executadas.

Houve, conseqüentemente, com essa aparente melhoria da economia, um aumento da atividade econômica no país, um cenário favorável para as empresas da época. Como o PAEG alcançou seus objetivos, conforme afirma novamente o historiador, “a combinação do corte de despesas e aumento de arrecadação reduziu o déficit público anual de 4,2% do PIB em 1963 para 3,2% em 1964 e 1,6% em 1995. A forte inflação de 1964 tendeu a ceder gradativamente, e o PIB voltou a crescer, a partir de 1966” (FAUSTO, 1995).

De acordo com a tabela seguinte, percebe-se a melhora dos indicadores econômicos no Brasil (Fig. 8):

Figura 8 – Índice de inflação e PIB, de 1964 a 1968

Tabela 9. Variação Anual da Inflação e do Produto Interno Bruto, 1964-1968

Ano	Inflação Variação %	Produto Interno Bruto Variação Anual %
1964	91,9	2,9
1965	34,5	2,7
1966	38,8	3,8
1967	24,3	4,8
1968	25,4	11,2

Fonte: Fausto (1995)

Embora economicamente a situação do país estivesse favorável, isso só não explica o surgimento da editora. É interessante para uma empresa que a economia esteja receptiva, mas somente ela, a economia, não contribui para as atividades de uma empresa de maneira isolada.

Foi um período extremamente conturbado na história do Brasil. Em meio ao Golpe Militar de 1964, os militares deram início a uma das fases mais sombrias que o Brasil enfrentou. Durante quase dez anos, a Ditadura Militar censurou, reprimiu, prendeu, assassinou quem lutava contra o regime.

Em 1967, ano em que a Sabiá começa a funcionar, o momento histórico do Brasil ainda não refletia o endurecimento por parte dos militares. Havia ainda certa tolerância com a produção cultural, mesmo com a (forçada) mudança de governo, o campo da cultural não foi (ainda) afetado, tendo por predominância uma orientação de esquerda, durante esses anos.

Conforme já discutido anteriormente, o contexto histórico não foi um fator predominante, e sim um dos elementos que fizeram parte da Editora, pois durante esses dias, o meio favoreceu a produção editorial da Sabiá. Não que ele fosse um **fator motivacional**, pois como foi exemplificado, com as duas cartas de Sabino, de 1939 e 1943, mostradas adiante, sua atuação no meio editorial já era antiga, desde há quase trinta anos.

Portanto, no lugar de “contexto histórico” será usado outro termo, “contexto de produção”. Segundo Roberto Schwarz, no texto “Cultura e Política. 1964 – 1969”, em seu livro *O Pai de Família e Outros Estudos* (1978), havia uma espécie de hegemonia cultural da esquerda no país. Sabino e Braga colocavam-se como intelectuais de esquerda ao articular um pensamento crítico do estado de exceção que se encontravam, através de seus livros, como *A Revolução dentro da Paz*, de Dom Hélder Câmara e *Nossa Luta em Sierra Maestra*, de Che Guevara, como será visto mais adiante.

Segundo Schwarz:

Entretanto, para surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi liquidada naquela data, e mais, de lá para cá não parou de crescer. A sua produção é de qualidade notável nalguns campos, e é dominante. *Apesar da ditadura da direita há relativa hegemonia cultural da esquerda no país.* Pode ser vista nas livrarias de São Paulo e Rio, cheias de marxismo, nas estreias teatrais, incrivelmente festivas e febris, às vezes ameaçadas de invasão policial, na movimentação estudantil ou nas proclamações do clero avançado. Em suma, nos santuários da cultura burguesa a esquerda dá o tom. Esta anomalia – que agora periclita, quando a ditadura decretou penas pesadíssimas para a propaganda do socialismo – é o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 64 e 69. Assinala, além de luta, um compromisso. (SCHWARZ, 1978, p. 62).

O contexto era favorável a uma produção cultural que ia de encontro ao movimento em vigência, autoritário e ditatorial. O regime não havia endurecido ainda, os “anos de chumbo” não haviam começado. Mesmo em meio a um ambiente repressivo, a Sabiá editou e vendeu seus livros em um claro projeto de articulação de um pensamento contra o regime que se instaurara.

Neste trecho, sobre o contexto de produção, Schwarz comenta mais profundamente, sobre a hegemonia da esquerda no campo de produção cultural do período:

O seu domínio, salvo engano, concentra-se nos grupos diretamente ligados à produção ideológica, tais como estudantes, artistas, jornalistas, parte dos sociólogos e economistas, a parte raciocinante do clero, arquitetos etc. — mas daí não sai, nem pode sair, por razões policiais [...]
É de esquerda somente a matéria que o grupo — numeroso a ponto de formar um bom mercado — produz para consumo próprio. Essa situação cristalizou-se em 1964, quando grosso modo a intelectualidade socialista, já pronta para prisão, desemprego e exílio, foi poupada. Torturados e longamente presos foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados. Cortadas

naquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas, o governo Castelo Branco não impediu a circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita floresceu extraordinariamente [...]

Durante esses anos, enquanto lamentava abundantemente o seu confinamento e a sua impotência, a intelectualidade de esquerda foi estudando, ensinando, editando, filmando, falando etc., e sem perceber contribuíra para a criação, no interior da pequena burguesia, de uma geração maciçamente anticapitalista. [...]

Se em 1964 fora possível à direita “preservar” a produção cultural, pois bastara liquidar o seu contato com a massa operária e camponesa, em 1968, quando o estudante e o público dos melhores filmes, do melhor teatro, da melhor música e dos melhores livros já constituem massa politicamente perigosa, será necessário trocar ou censurar os professores, os encenadores, os escritores, os músicos, os livros, os editores — noutras palavras, será necessário liquidar a própria cultura viva do momento. (SCHWARZ, 1978, p. 62).

Havia, então, um cenário favorável a uma produção, no caso, aqui, de literatura contemporânea, brasileira e estrangeira. O cenário era propício para os autores, até meados de 1968. Com o advento do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro daquele ano, o panorama alterou-se, provocando uma mudança na sociedade da época, com a ditadura implantando forte repressão.

Braga e Sabino não eram inexperientes quando resolveram retornar ao campo da edição, em 1966. Já tinham prática com sua editora anterior, que teve muito sucesso durante os primeiros anos da década de 1960, qualificando-os para a nova editora.

Ora, uma editora que já frequentava as listas de livros mais vendidos no Brasil, no ano de sua inauguração? E com mais de um livro? Ou seja, esses diferentes valores concatenam-se em uma dinâmica própria, que permeou a Sabiá.

Essas relações, essa dinâmica entre os diferentes valores deu o tom nas atividades da editora, que, com o passar dos anos, foi se aprimorando, com novos livros, novos autores e autoras, não apenas do Brasil, mas estrangeiros, indicando um olhar atento às mudanças de sua época, da sociedade em que estava inserida.

Não havia apenas o interesse na literatura, por parte de Sabino, mas em conhecer os processos que circundavam o livro. Desde muito antes de qualquer possibilidade de ser editor, Sabino já enxergava o significado da edição: “se um editor não pode necessariamente escrever os livros que edita, um escritor poderia editar os livros que escreve” (STEEN, 2008, p. 36).

Argumento parecido tinha Rubem Braga, em crônica publicada na *Revista Manchete*, de 01 de outubro de 1960:

Éramos três autores (Walter Acosta) e nenhum de nós tinha queixa de seu editor – muito menos eu, que sou amigo de José Olympio desde o tempo em que ele só tinha livraria em São Paulo. Mas achamos que editando nós mesmos nossos livros poderíamos ganhar mais que os tradicionais 10 por cento sobre o preço de capa – e sobretudo editar quanto e quando nos desse na telha. Começaríamos por editar nossos próprios livros; logo acertamos mais dois, de dois amigos do peito, Vinícius de Moraes e Paulo Mendes Campos. (BRAGA, 1960, p.) Rubem. Confissões de um jovem editor. **REVISTA MANCHETE**, Rio de Janeiro, n. 441, outubro, 1960).

Esse argumento, de “editar quanto e quando nos desse na telha” conflui na mesma direção dos argumentos usados pelo seu sócio, Fernando Sabino. Em poucas palavras, eles queriam ter o controle de suas publicações, em vários sentidos, editorial, comercial, financeiro, e, a princípio, tentar amealhar um lucro maior com a venda dos livros. Partindo desse princípio, que havia o desejo de controlar suas edições, dentro de um contexto favorável, ambos os autores lançaram-se no campo da edição.

Utilizando-se os preceitos de Bruno Latour (2012), que teoriza a respeito de que é preciso ter em mente que nem sempre o **contexto social**, o **contexto histórico**, são suficientes para explicar determinados acontecimentos, fenômenos culturais, conforma-se o desejo de ambos, Rubem Braga e Fernando Sabino, que era o de declaradamente, intencionalmente, editar seus próprios livros de maneira mais conveniente, no sentido de ter um maior controle editorial, comercial e financeiro.

Afirma Latour, que

Nenhuma “força social” está aí para “explicar” os traços residuais que outros domínios não explicam; que os membros sabem muito bem o que estão fazendo, mesmo quando não falam a respeito para satisfação dos curiosos [...] que a relevância política obtida por meio de uma “ciência da sociedade” não é necessariamente desejável; e que a “sociedade”, longe de representar o contexto “no qual” tudo se enquadra, deveria ser antes vista como um dos elementos de ligação que circulam por estreitos canais. (LATOURE, 2012, p. 22).

Ou seja: o contexto social como um dos elementos de ligação, fora de uma hierarquia de valores. Não se trata de ignorar a sociedade, sua dinâmica, os fatos

que mudaram o curso da história, e sim delimitar os elos que existiram, lançar mão de **associações** e **conexões** para compreender sua atividade, sua existência. Se o olhar do pesquisador for externo, se o ponto de partida for somente a conjuntura em que a editora surgiu, existiu e terminou, não se chegaria a um quadro, um desenho objetivo dessa editora. Com esse argumento, que a atividade editorial de Braga e Sabino foi motivada inicialmente por um interesse pessoal, é necessário que a discussão seja ampliada, articulada em outros sentidos.

Partindo desse pressuposto, de elencar associações e conexões, é possível dizer que não foi apenas a sociedade da época que produziu a editora, mas uma oportunidade que, dois consagrados autores, já imbuídos de prévia experiência editorial (em outra época, outro momento da história do Brasil), enxergaram, pois havia todo um círculo de relações, circunstanciais, de produção de cultura à sua volta. Soltaram o passarinho da gaiola, então.

Segundo o estudioso francês:

À primeira vista, essa definição soa absurda, pois pode forçar a sociologia a significar qualquer tipo de agregado, de ligações químicas a vínculos jurídicos, de forças atômicas a corporações, de organismos fisiológicos a partidos políticos. Mas é exatamente esse o ponto que o ramo alternativo da teoria social pretende estabelecer: todos os elementos heterogêneos precisam ser reunidos de novo em uma dada circunstância. Longe de ser uma hipótese atordoante, essa é na verdade a experiência mais comum que podemos ter face ao aspecto enigmático do social. (LATOIR, 2012, p. 23).

Quais elementos são esses? Literatura nacional e estrangeira, crônica, jornalismo, edição, cultura nacional, que, reunidos nesta dada circunstância, misturaram-se, de maneira complementar, em um projeto marcante para a literatura e a cultura brasileira. Nos próximos capítulos, serão abordados mais elementos que embasam as relações da editora com todos esses elementos e os caminhos a seguir.

CAPÍTULO III

3 – A Editora Sabiá e o contexto político dos anos 1960

A Editora Sabiá, enquanto permaneceu ativa, não deixou de interferir no cenário político de sua época. Além dos livros de literatura, editou livros de caráter político com a intenção de articular um pensamento crítico diante da consolidação do golpe militar, iniciado em 1964, e agravado, em 1968, com a institucionalização do Ato Institucional Número 5, que impôs ao país uma das fases mais obscuras de sua história.

Uma das fontes consultadas para a pesquisa, o livro *Fernando Sabino*, de Arnaldo Bloch, aborda a relação da Sabiá e a política da época: A Sabiá tinha uma opção clara pela pluralidade, os problemas com a censura foram sendo resolvidos assim de improviso, não chegaram a abalar seus alicerces. (2005, p. 116)

Percebe-se uma certa insuficiência de informações a respeito da relação da editora e a conjuntura política daquela época. Portanto, como os editores não foram presos? Como publicaram livros claramente de esquerda em uma época de endurecimento político e pouca coisa aconteceu a eles? Decerto que a “pluralidade” da editora não foi a causa disso. O que só demonstra, mais uma vez, a escassez de estudos sobre a Sabiá, nem mesmo os pesquisadores de Sabino e Braga explicam, com assertividade, essa rede de relações a que estavam inseridas.

Rubem Braga e Fernando Sabino tinham relações com diversos setores, da direita e da esquerda, constituídas no decorrer de sua vida. No caso de Braga, seu envolvimento com a política remonta ao período em que foi correspondente de guerra, para o jornal *Diário Carioca*. E na Itália, conheceu seu futuro colaborador na Sabiá, Joel Silveira, também correspondente de jornal, cobrindo o conflito.

Durante o tempo que cobriu a guerra na Itália, Rubem Braga foi escrevendo crônicas a respeito dos soldados, do horror dos combates, da realidade da guerra, preferindo estar entre os “pracinhas” em vez dos oficiais. Isso resultou assim em uma visão sensibilizada dos homens, do conflito, de seus males e consequências:

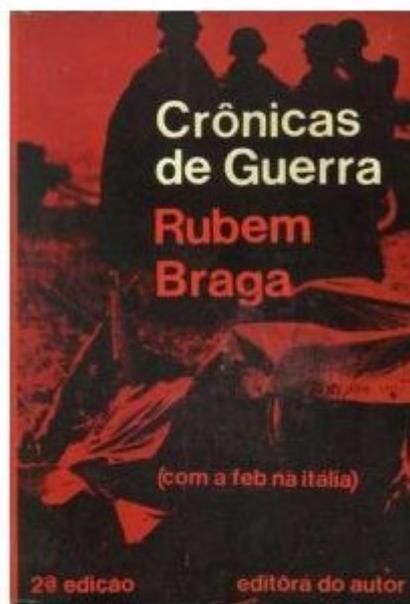
Tudo isso podem ser ideias à toa, mas aquele Cristo decapitado depois de crucificado me pareceu mais cristão que a Madona intocada sorrindo com a

granada aos pés, entre as ruínas de sua capela. Aquele pobre Cristo de massa, sem cabeça, pendendo para um só lado da cruz, me pareceu mais irmão dos homens, na sua postura dolorosa e ridícula, igual a qualquer morto de guerra, irmão desses cadáveres de homens arrebatados que tenho visto, e que deixam de ser homens, deixam de ser amigos ou inimigos para ser pobres bichinhos mortos, encolhidos e trancados, vagamente infantis, como bonecos destruídos. (BRAGA, 2014, p. 265).

A guerra jamais será um evento benéfico para a humanidade. Homens, mulheres e crianças perdem a vida, suas casas, cidades e lugarejos onde moraram sua vida inteira foram destruídos pelo inimigo. A guerra corrompeu, degradou, apagou de modo bruto e pouco sutil a humanidade das pessoas que se envolveram no conflito, cujas marcas e lembranças permanecem até os dias de hoje.

Apareceu, então, em 1945, o livro de Rubem Braga *Com a FEB na Itália*, editado pela Editora Zélio Valverde e reeditado pela Editora do Autor, em 1964, com o título *Crônicas de Guerra: Com a FEB na Itália*. Quando fundou a Sabiá, em 1966, Rubem Braga, de posse dos volumes impressos pela Editora do Autor, continuou a distribuir os exemplares, através do novo selo, o *Crônicas de Guerra*, até 1972. Conforme a Figura 7

Figura 9 – Capas do livro *Crônicas de Guerra*⁸



⁸ Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/43965/com-a-feb-na-italia#>>. Acesso em jul. 2018.

Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/18303390-cr-nicas-de-guerra>. Acesso em jul. 2018

A importância desse livro para a carreira de Rubem Braga é grande, porque, durante o conflito na Itália, o autor, na convivência diária com os soldados, os “pracinhas”, utiliza uma série de recursos, como observa Cardoso (2017)

Braga possui certa preocupação em identificar os personagens de suas narrativas. Porém, é interessante lembrar que Braga está acompanhando as tropas militares de seu país pelos campos de batalha [...]. Sendo assim, é válido traçar uma possível intencionalidade de Rubem Braga querer enaltecer a figura do soldado brasileiro ao seu público, o que pode despertar certo sentimento de patriotismo no leitor, o que se refere, mais uma vez, a uma estratégia de captação. (p. 12).

Sua intenção não é enaltecer claramente a figura do “pracinha” no sentido panfletário e político. Esse livro não é uma propaganda do Exército, mas uma propaganda do espírito humano, de uma visão sensível do horror da guerra. Teixeira (2017) cita o efeito de *pathos*:

O *pathos*, em uma definição mais literal, consiste no fenômeno da busca pela emoção. Esse conceito pode ser associado às estratégias de captação, que são mobilizadas quando o sujeito procura assegurar o interesse do interlocutor por aquilo que diz, em relação ao compartilhamento de sua opinião ou a adesão irracional aos seus próprios sentimentos. Para fazer isso, pode ser utilizada uma manipulação discursiva que atinge o componente afetivo de seu interlocutor.

Nesse sentido, sendo a crônica (gênero literário próximo dos leitores, familiar, do cotidiano) o suporte desse discurso, voltado para o caráter sentimental dos fatos narrados, a Segunda Guerra Mundial narrada por Rubem Braga se reveste de traços humanos sensíveis. Segundo Teixeira (2017, p. 14), “pode-se dizer que as narrativas dos correspondentes de guerra têm o poder de afetar as emoções do leitor ao mesmo tempo em que também podem informá-lo”. Não apenas informar o leitor, através de uma crônica, mas sensibilizá-lo para o que uma guerra daquele tamanho significava.

Por um outro lado, há um elogio, não intencional, ao Exército Brasileiro. A figura do “pracinha” é vista com simpatia, com humanidade, mostrando que o combatente é um ser humano, como todos. Dessa forma, Rubem Braga atraiu a atenção do Exército Brasileiro com sua visão de cronista diante da guerra que presenciou e narrou.

Em 1964, com o início do golpe militar, o general Humberto de Alencar Castelo Branco foi nomeado presidente. Em 1944, ele era tenente-coronel da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e foi um dos articuladores do ataque ao Monte Castelo, onde os alemães estavam entrincheirados, sendo, portanto, um dos últimos grandes combates da Segunda Guerra. Havia dúvida em relação aos correspondentes de guerra, sobre se gostariam de assistir ao combate na linha de frente, expostos a todos os riscos. Rubem Braga aceitou e presenciou, com todos os riscos, a tomada de Monte Castelo.

No final do governo de Castello Branco, em 1967, Rubem Braga foi convidado pela Escola Superior de Guerra, em um evento do Exército.

O general Castelo Branco, indicado presidente desde abril de 1964, é um ex-febiano que não esconde sua simpatia por Braga, tanto que, um dia, no final do governo, convida o cronista a participar de um encontro marcado para a Escola Superior de Guerra, onde o próprio presidente faria uma palestra para lembrar a ação da FEB. Braga aceita o convite e, ao chegar, vê aquela concentração de militares sisudos – mas se comove ao descobrir que a palestra de Castelo Branco não era mais que a leitura de trechos de suas crônicas da Itália. (CARVALHO, 2007, p. 348).

Portanto, graças a esse livro, *Crônicas de Guerra*, Rubem Braga adquiriu boas relações com o Exército Brasileiro, porque os “pracinhas” de 1944 tornaram-se oficiais nos anos 1960. Isso explica porque a Sabiá não sofreu uma censura direta, seus editores não foram presos, não houve um cerceamento direto das atividades da editora, quando do endurecimento do regime, em 1968.

Mas não escaparam, incólumes, dos olhos da ditadura. Em 1968, quando da prisão de Joel Silveira, Rubem Braga soube que foi procurado, em sua casa, por dois homens de cabelo cortado, em um jipe. O cronista se escondeu na casa de Fernando Sabino até saber o que estava acontecendo, indo posteriormente para a casa de seu sobrinho, Edson, e lá ficando durante semanas. Sabino refugiava-se no andar de cima, de onde ficava a editora, quando a sede era no Edifício Haick, na avenida Copacabana.

Braga ficou sabendo que a intenção dos militares era ouvi-lo. Segundo relata Carvalho:

“Você vai ser ouvido, mas não vai ser preso. Amanhã, às oito horas, seu ex-colega da FEB, Andrade Serpa, vai pegar seu depoimento”. “Não pode ser às dez? É muito cedo”, propôs Rubem.

Mas se apresentou no horário marcado e esperou durante horas até ser recebido pelo general Andrade Serpa. Ao chegar, Serpa se espantou com a presença do cronista e acreditou, inicialmente, que ele fora pedir a isenção do serviço militar para algum parente. Dadas as explicações, Serpa desapareceu mais uma vez e retornou pouco depois. Não há mais sorrisos nem memória de momentos italianos, mas também não há animosidade. Serpa tem uma pilha de recortes em cima da mesa e quer apenas que o cronista confirme alguma coisa e explique o que quis realmente dizer com certas frases.

“Doutor Rubem”, inicia, mas é logo interrompido: “General, eu não sou doutor. Sou Rubem, se o senhor quiser. Ou sou embaixador, se preferir”. Serpa aceita, afável, e começa a ler uns trechos de crônicas assinalados a lápis. Rubem mais uma vez o interrompe: “General, não vamos perder tempo. O que eu escrevi está escrito”. E explica: “O senhor conhece o Constantino? O Constantino, do jogo do bicho? Nas papeletas do jogo tem o aviso: ‘Vale o escrito’. Nas minhas crônicas também”. Serpa sorri – mas diz para Rubem esperar, enquanto toma algumas providências. Demora-se e Rubem, lembrando-se que Sizeno Sarmento havia dito que não seria preso, levanta-se e sai, sem ser incomodado. (CARVALHO, 2007, p. 351-352).

Mais um ex-febiano que se tornara general. E como, em pleno 1968, Rubem Braga, sabendo de antemão que não seria preso, levanta-se, depois de prestar esclarecimentos, e sai sem ser incomodado? O general se espanta com a presença do cronista e o interrogatório ocorre de maneira afável, com o general sorrindo para o escritor que, por fim, vai embora, não sendo mais molestado.

Dois anos depois, descobriu que estava proibido de sair do país, quando pretendia ir à Itália para uma reportagem sobre a campanha dos “pracinhas”. Simplesmente foi até a casa de um general, Ernâne Airoso, outro ex-soldado da FEB, e explicou a situação. O militar mandou Braga ao Ministério da Guerra falar com um colega de regimento, o qual suspendeu a proibição sob condição de que, assim que retornasse ao país, se apresentasse ao Ministério da Guerra. Coisa que não fez, não causando maiores aborrecimentos com o Exército.

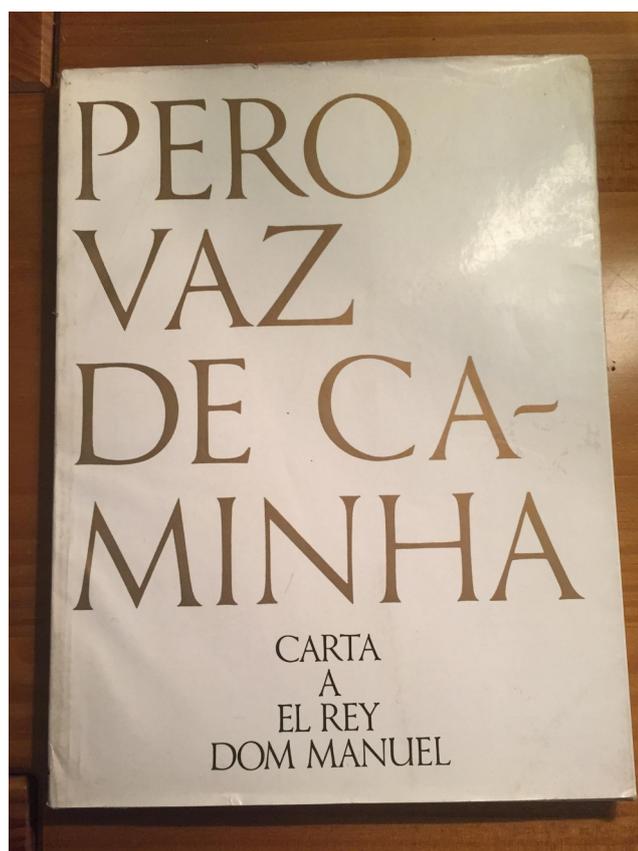
Dessa forma, é interessante notar como um evento histórico, a Segunda Guerra Mundial, influenciou a futura atividade editorial de Rubem Braga. Graças a esse evento, produziu um livro que, muitos anos depois, daria a ele uma segurança institucional em relação aos militares nos anos 1960. Não que o cronista se locupletasse intencionalmente disso, mas graças às vivências que teve nos campos da Itália, às amizades que fez com os soldados (futuros oficiais e presidente na ditadura), com outros correspondentes (como Joel Silveira, que teve um livro editado

pela Editora do Autor e traduziu vários livros para a Editora Sabiá), produzindo um excepcional livro de crônicas sobre a guerra, propiciou que Rubem Braga não fosse preso durante a ditadura. As relações instituídas durante o conflito, essas conexões geradas, resultaram em uma espécie de salvo-conduto para o cronista e sua atividade editorial.

3.1 – O livro da redescoberta do Brasil

Um exemplo que ilustra essa situação para com ambos os editores foi a edição, muito especial, da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, *Carta a El Rey Dom Manuel*, versão de Rubem Braga, editada pela Sabiá em 1968, ilustrada por Carybé. Documento famoso para a história do Brasil, onde o escrivão português, a bordo da nau capitânia de Pedro Álvares Cabral, relata o descobrimento do país do ponto de vista português em 1500. Foi uma edição comemorativa do quinto centenário de nascimento de Pedro Álvares Cabral, conforme a Figura 10:

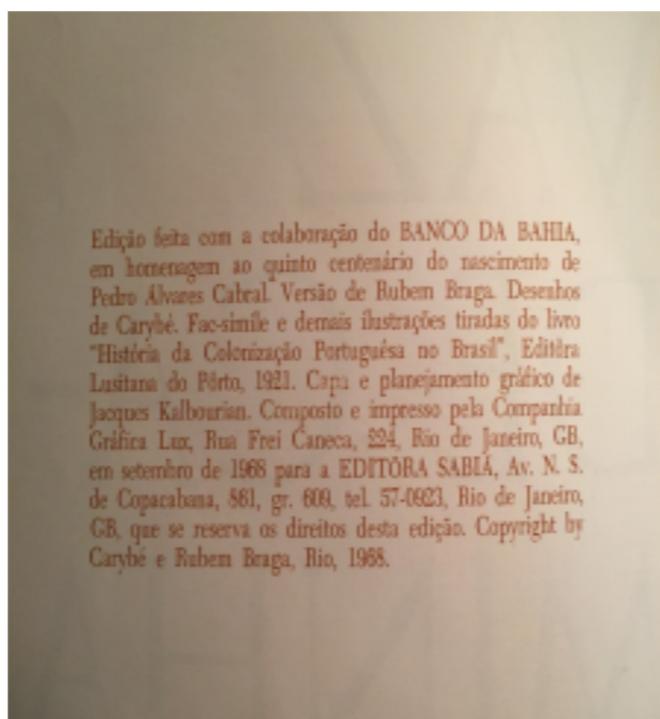
Figura 10 – Capa de *Carta a El Rey Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha



Fonte: Exemplar de *Carta a El Rey Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha. Acervo pessoal do autor.

Como se trata de uma edição comemorativa, o livro tem um caráter artístico mais acentuado, em edição de luxo, com ilustrações de Carybé e com o tamanho de um livro de arte, 30x20 centímetros. Um dos elementos que chamam a atenção nessa edição é o seguinte paratexto (Fig. 11):

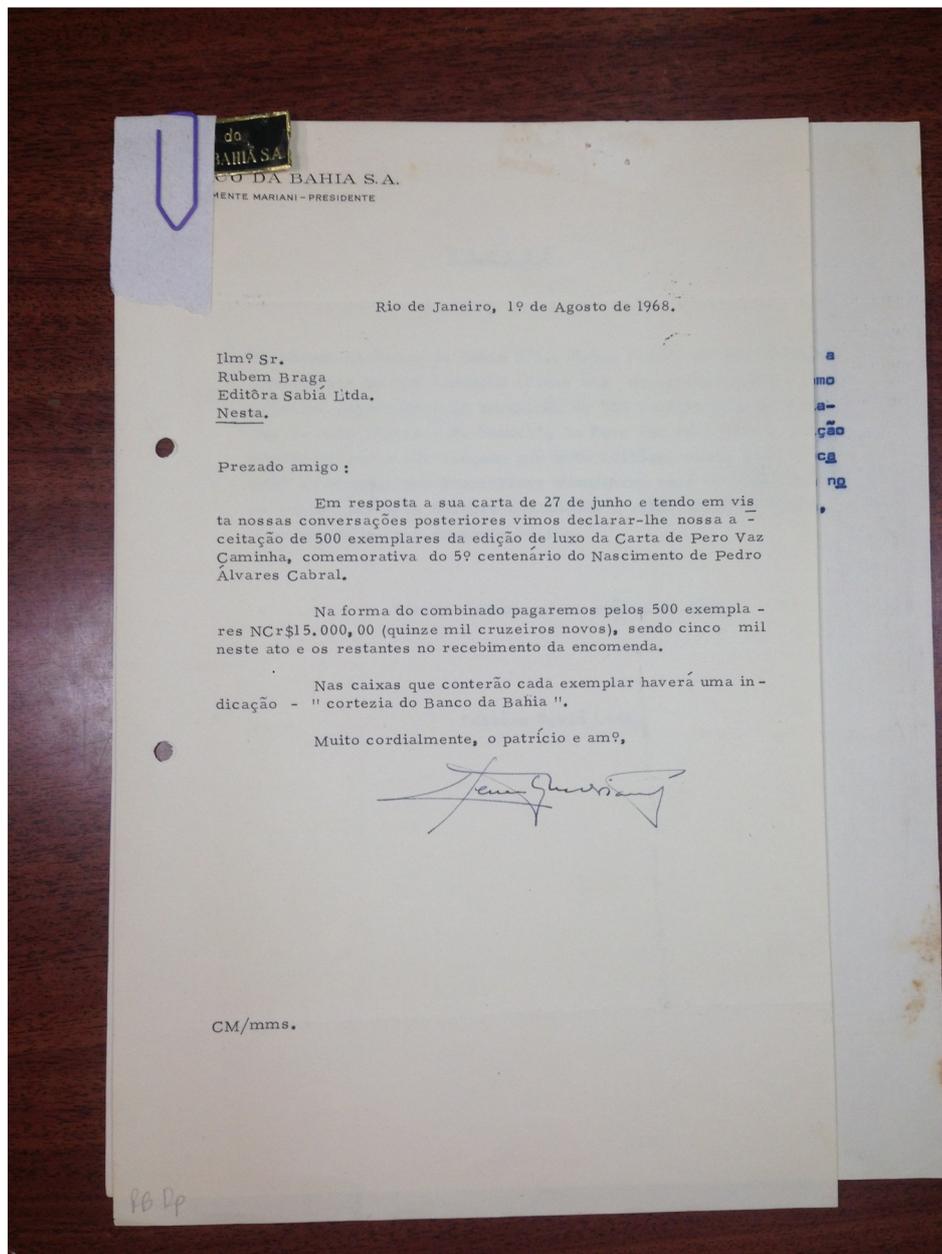
Figura 11 – Paratexto contido no livro *Carta a El Rey Dom Manuel*



Fonte: Exemplar de *Carta a El Rey Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha. Acervo pessoal do autor.

Há a informação que a edição foi financiada por uma instituição financeira, o Banco da Bahia, fundado no final do século XIX, posteriormente incorporado a outras instituições de mesma finalidade. Se um banco resolveu investir em um livro comemorativo da história do Brasil, conclui-se, foi por causa do capital simbólico dos dois editores, que detinham já grande importância no meio cultural brasileiro, com troca de correspondências entre Rubem Braga e o presidente do Banco da Bahia, em um tom quase amistoso entre ambos, como se segue (Fig. 4):

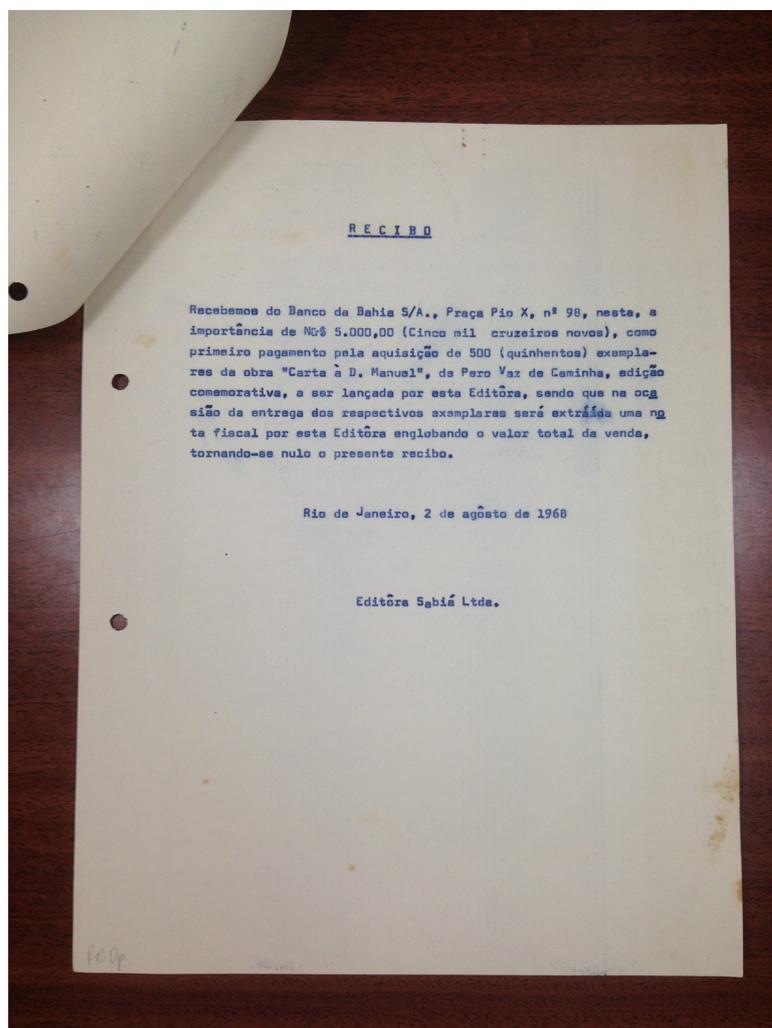
Figura 12 – Carta endereçada a Rubem Braga, enviada pelo Banco da Bahia:



Fonte: Acervo Rubem Braga/Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Note-se, no final da correspondência, a frase: “Muito cordialmente, o patricio e amigo”, subtendendo certa proximidade entre ambos, o diretor do banco e o editor. A Sabiá mandou um recibo, confirmando o recebimento da primeira parte do pagamento:

Figura 13 – Recibo de pagamento da Sabiá para o Banco da Bahia



Fonte: Acervo Rubem Braga/Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Portanto, este é mais um indício de que os editores estavam bem colocados entre diferentes posicionamentos políticos. Por um lado, editavam livros de esquerda, como os livros analisados a seguir, e livros de militares, mostrando que gozavam dessa **segurança** que adquiriram durante suas carreiras.

Mediante esse status adquirido, a Sabiá lançou um livro que, inserido no contexto de 1968, ano do Ato Institucional nº 5, se propôs a discutir o Brasil, justamente, em um regime de exceção. Pode-se afirmar, portanto, que este livro foi uma grande ironia de Rubem Braga e Fernando Sabino diante dos fatos que estavam acontecendo, pois publicaram um livro que, sob o rótulo de livro

comemorativo, de caráter histórico, trazia uma proposta de repensar a descoberta do país em um período turbulento do Brasil. Interessante reparar na seguinte ilustração do livro, se for lida, dentro do contexto de 1968:

Figura 14 – Página de *Carta a El Rey Dom Manuel*



Fonte: Exemplar de *Carta a El Rey Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha. Acervo pessoal do autor.

Um índio, morador originário do Brasil, diante de uma destacada figura portuguesa. Um homem comum diante de um novo senhor, que acabara de chegar. Era o começo de uma época para o país, o advento de uma nova figura, que a partir daquele momento, iria ser o novo governante do país. Impossível não tecer

paralelos com a situação que o Brasil atravessava, a do aparecimento de um novo senhor, capitaneado pelo regime militar. Essa a reflexão que Braga e Sabino estavam propondo, a partir de uma data historicamente marcante para o país, um reposicionamento político dos leitores, diante da ditadura.

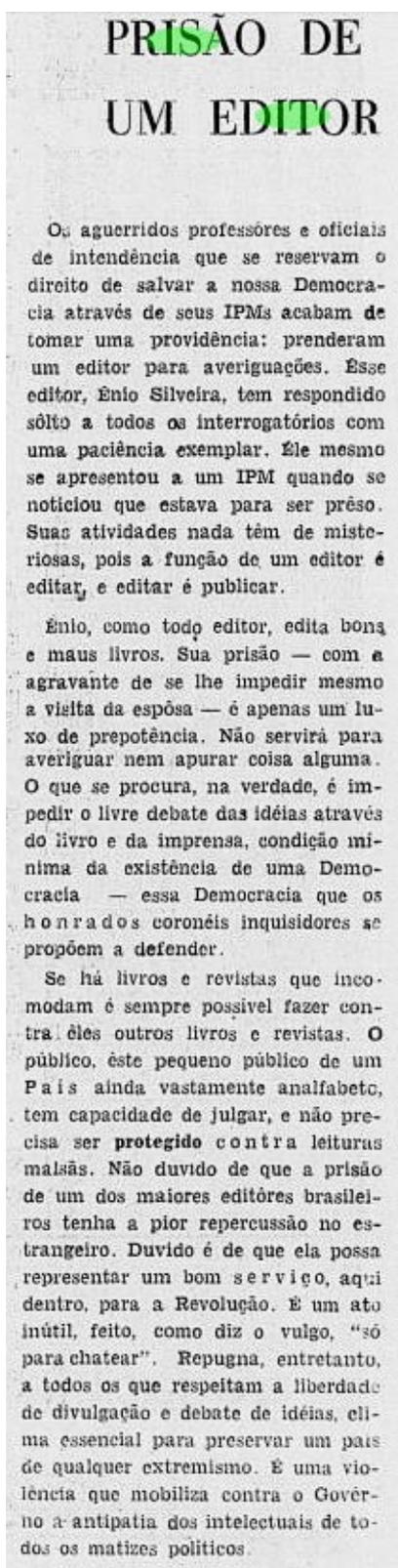
Os anos de 1960 foram de conturbação social para a história do Brasil. O país sofreu, em 1964, um golpe militar que destituiu o presidente João Goulart, sendo ele deposto e instituído um governo formado por generais do Exército. O regime militar perdurou por 21 anos, terminando em 1985.

Fernando Sabino e Rubem Braga não permaneceram indiferentes ao fato. Em 1960, com a Editora do Autor, publicam o livro *Furacão sobre Cuba*, de autoria do filósofo francês Jean-Paul Sartre, a respeito da Revolução Cubana, que despertava muito interesse na época. As vendas foram expressivas, com Sartre, na noite de lançamento, autografando quase mil livros. Dessa forma, mostravam que estavam preocupados, sensíveis, com a situação política do país.

Como editor da Sabiá, Rubem Braga, mostrou um lado pouco conhecido para seus leitores, o do ativista político, ao protestar contra uma arbitrariedade ocorrida em 1965, a prisão do editor Ênio Silveira, dono da editora Civilização Brasileira.

O veículo utilizado para o protesto foi o jornal, mais especificamente, o *Jornal do Brasil* (Fig.15):

Figura 15 – Matéria no *Jornal do Brasil*, de 30 de maio de 1965



Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Há aqui um claro confronto entre Rubem Braga e o regime de exceção. O cronista se levanta abertamente contra uma arbitrariedade cometida a um editor de livros. Mas, justamente um editor de livros? Braga comenta que um livro não ofereceria, pelo menos a princípio, um perigo ao regime militar, que a prisão de Ênio Silveira seria por motivações autoritárias, com o objetivo de cercear um livre pensamento.

Rubem Braga demonstrava clara inconformidade com as prisões, com a censura. Defendia os livros como instrumento de livre pensamento, de debate de ideias. Livros não eram instrumento de doutrinação ideológica. O cronista mostrava compromisso com a edição de livros como meio de se chegar a um posicionamento crítico, que fosse possível problematizar os fatos que aconteciam naqueles anos.

A Sabiá, a partir de 1968, editou esses livros políticos tentando articular um pensamento crítico, contrário à ditadura militar em vigência. Nascia a coleção Hora e Vez do Brasil. São três livros, nessa ordem, editados em 1968: *O Cristo do Povo*, de Márcio Moreira Alves, *Revolução dentro da Paz*, de Dom Hélder Câmara, e *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*, de Raimundo Magalhães Júnior. Acrescem-se a essa lista os livros *Nossa Luta em Sierra Maestra*, de Ernesto Che Guevara (1968), e *O Desafio do Mar*, de Paulo Moreira da Silva (1970).

A editora teve sua festa de fim de ano marcada para dia 13 de dezembro de 1968, para comemorar as boas vendas dos livros e as críticas favoráveis. A referida data, 13 de dezembro, foi justamente a data da promulgação do Ato Institucional nº 5. O lançamento do livro de Márcio Moreira Alves, *O Cristo do Povo*, teve de ser levado a outro lugar, pois o Clube dos Marimbás, local escolhido para o lançamento, ficava próximo ao Forte de Copacabana, e os militares protestaram contra a presença do evento, tão próximo deles, ameaçando cancelar a festividade. Depois de negociarem com os militares, o lançamento acabou por ocorrer em outro local, na livraria Entrelivros, também em Copacabana, mais adequado para o lançamento.

Em relação à distribuição dos livros, foi inventado pelos editores um sistema para burlar a apreensão de livros pela censura. O jeito escolhido foi esconder os exemplares passíveis de serem classificados como subversivos entre outros livros, aleatoriamente, um por um, com total conhecimento das livrarias. Dessa forma, os

leitores não deixavam de ter acesso aos livros “subversivos” da Sabiá. Outra tática era colocar os livros, em pequenas quantidades, em locais expostos, como uma espécie de chamariz para serem apreendidos pelos agentes da censura, deixando outros exemplares escondidos nas prateleiras.

3.2 – O Cristo do Povo, de Márcio Moreira Alves

Abrindo a coleção Hora e Vez do Brasil, o livro de Márcio Moreira Alves, *O Cristo do Povo*, é lançado em 10 de junho de 1968. O livro nasceu de conversas entre Rubem Braga, Otto Lara Resende e Márcio Moreira Alves (Marcito):

Marcito publicou *O Cristo do povo*, em 1967, livro traduzido para o polonês a pedido do então cardeal Woitila, depois papa João Paulo II. O livro foi o resultado de uma longa conversa de Moreira Alves com Rubem e Otto Lara Resende, que levaria o jovem repórter a tomar a decisão de contar tudo que sabia sobre a tortura política que se tornara praxe institucional no Brasil logo após 1964. Otto, descrente, diria que melhor seria ouvir Mozart e ler Machado de Assis: os intelectuais deveriam se abster de política durante algum tempo. Marcito discordava: até que a barbárie desaparecesse, não se sentia no direito de gozar da torre de marfim particular. (CARVALHO, 2007, p. 321).

Há a decisão de publicar um livro político, em que o autor não se furta de denunciar a tortura praticada no período pelo regime militar. Um livro de ativismo, de uma personagem que se manifestou claramente contra as arbitrariedades que ocorriam, sendo apoiado por Rubem Braga e sua editora. O interessante dessa citação é que Márcio Moreira Alves defende o papel ativo que um intelectual deveria ter perante os fatos que aconteciam, não se abster ao ler Machado e ouvir Mozart.

O lançamento foi marcado no Clube dos Marimbás, em Copacabana (Fig. 16).

Figura 16 – Convite de lançamento veiculado no *Correio da Manhã*, em 09 de junho de 1968⁹



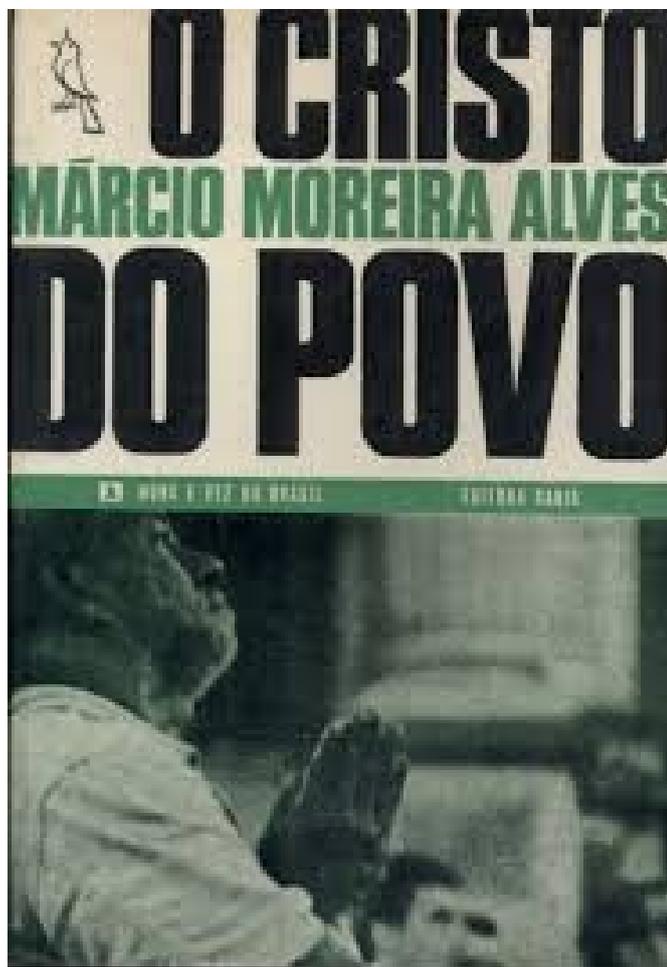
Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Trata-se da reunião de documentos da atuação social da Igreja, reunidos pelo então deputado federal Márcio Moreira Alves, denunciando a violência praticada pelo regime militar contra padres e conventos católicos.

Convém lembrar que, naquele momento, os alvos da ditadura eram os movimentos sociais: "torturados e longamente presos foram somente aqueles que haviam organizado o contato com operários, camponeses, marinheiros e soldados" (SCHWARZ, 1978, p. 62). Em dezembro de 68, com o Ato Institucional nº 5, a situação agravou-se com o endurecimento da censura e da perseguição política por parte da ditadura.

⁹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/92704>. Acesso em jul. 2018.

Figura 17 – Capa de *O Cristo do Povo*¹⁰



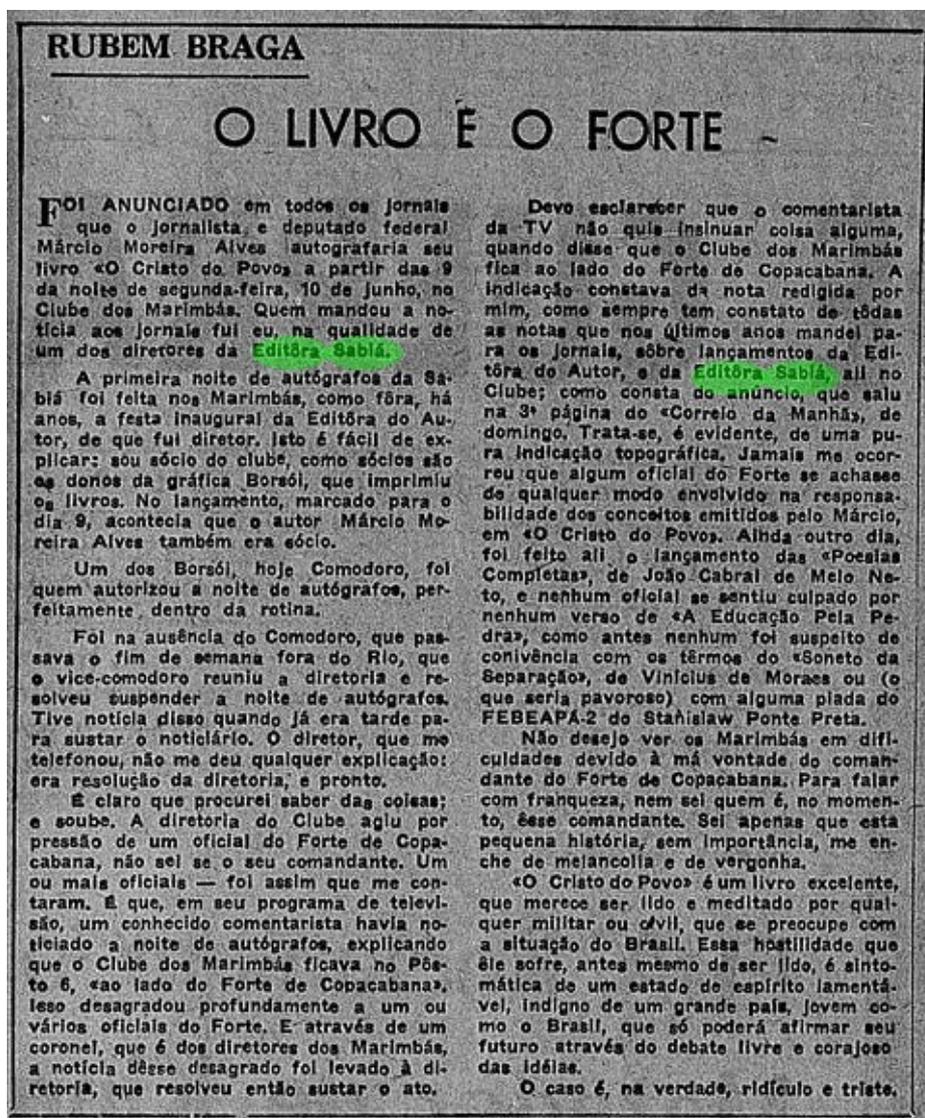
Fonte: Estante Virtual.

O livro foi um capítulo da militância que o deputado praticava desde os anos 1950. Como jornalista, denunciou a perseguição de presos políticos no Brasil e, em 1964, passou a exercer forte oposição ao golpe militar. Com isso, foi perseguido pela ditadura e, quando deputado federal, em 1968, teve seu mandato cassado, exilando-se no Chile e posteriormente na França, regressando ao Brasil em 1979, com a promulgação da Lei da Anistia.

O editor Rubem Braga volta a se manifestar em matéria no *Diário de Notícias*, de 11 de junho de 1968, a respeito do impedimento do lançamento do livro de Moreira Alves (Fig. 18):

¹⁰ Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/batata1/marcio-moreira-alves-o-cristo-do-povo-1782007072>>. Acesso em jul. 2018

Figura 18 – Texto de Rubem Braga no *Diário de Notícias*, em 11 de junho de 1968

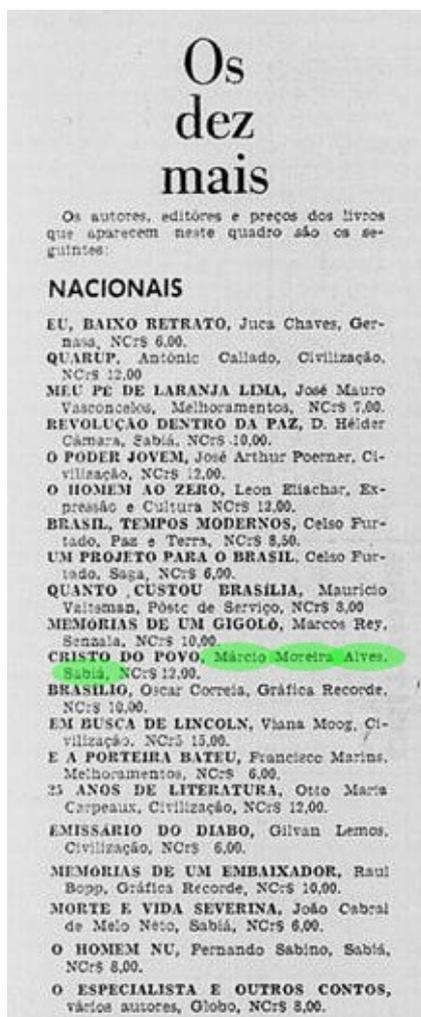


Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Mais uma vez, Rubem Braga se coloca ativamente contra a ditadura, em um artigo de jornal. Usa palavras e expressões duras, como “ridículo e triste”, “melancolia e vergonha”, mostrando-nos um perfil jornalístico atuante politicamente, juntamente com o editor. Não bastou apenas editar o livro, mas colocar-se publicamente contra a censura de sua edição, em uma clara defesa do valor do livro como instrumento de fomentação e debate de ideias.

Mesmo com esses problemas, o livro teve bom desempenho nas vendas (Fig. 19):

Figura 19 – lista de livros mais vendidos no *Jornal do Brasil*, em 10 de agosto de 1968¹¹



Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Consultando essa lista, percebe-se a presença de outro livro da coleção, *Revolução Dentro da Paz*, de Dom Hélder Câmara, publicado em seguida, e *O Homem Nu*, de Fernando Sabino. A editora mostrava alcance, rentabilidade, importância em seus livros frequentarem a lista dos mais vendidos, sejam eles livros políticos ou livros de literatura.

¹¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/120241>. Acesso em jul. 2018.

3.3 – O Concílio Vaticano II e os anos 1960

Antes de começar a análise do próximo volume da coleção, é preciso discorrer a respeito de um fato que influenciou o pensamento da época, nos anos 1960, no Brasil e no mundo. De 1961 a 1965 ocorreu no Vaticano o Concílio Vaticano II, uma nova postura da Igreja Católica foi discutida. O Papa João XXIII deu início às discussões que foram encerradas por outro papa, Paulo VI.

O Concílio da Igreja Católica tinha como objetivo atualizar os dogmas religiosos perante as mudanças que vinham ocorrendo no mundo. O objetivo era aproximar a Igreja do povo, não era mais possível manter antigos dogmas perante uma sociedade que se transformava. Era uma Igreja distante do povo, antiquada, sem uma atuação clara, objetiva, cujos ensinamentos não se ligavam com a realidade de seus fiéis.

Para ilustrar esse quadro, uma das quatro constituições que compõem o Concílio, a única de cunho pastoral, que se chama *Gaudium et Spes* (“alegria e esperança” em latim), trata de uma nova relação da Igreja e o mundo:

A Condição do Homem no Mundo Actual

Esperanças e temores

4. Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático. Algumas das principais características do mundo actual podem delinear-se do seguinte modo.

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas re incidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa.

Como acontece em qualquer crise de crescimento, esta transformação traz consigo não pequenas dificuldades. Assim, o homem, que tão imensamente alarga o próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece

frequentemente mais incerto a seu próprio respeito. E, descobrindo gradualmente com maior clareza as leis da vida social, hesita quanto à direção que a esta deve imprimir.

Nunca o gênero humano teve ao seu dispor tão grande abundância de riquezas, possibilidades e poderio econômico; e, no entanto, uma imensa parte dos habitantes da terra é atormentada pela fome e pela miséria, e inúmeros são ainda os analfabetos. Nunca os homens tiveram um tão vivo sentido da liberdade como hoje, em que surgem novas formas de servidão social e psicológica. Ao mesmo tempo que o mundo experimenta intensamente a própria unidade e a interdependência mútua dos seus membros na solidariedade necessária, ei-lo gravemente dilacerado por forças antagônicas; persistem ainda, com efeito, agudos conflitos políticos, sociais, econômicos, «raciais» e ideológicos, nem está eliminado o perigo duma guerra que tudo subverta. Aumenta o intercâmbio das ideias; mas as próprias palavras com que se exprimem conceitos da maior importância assumem sentidos muito diferentes segundo as diversas ideologias. Finalmente, procura-se com todo o empenho uma ordem temporal mais perfeita, mas sem que a acompanhe um progresso espiritual proporcionado. (CONCÍLIO VATICANO II, ANO). Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual).

Nesse fragmento do Concílio, é evidenciada uma mudança de postura da Igreja em relação à sua atuação frente aos fiéis e a sociedade. A Santa Sé passava a aceitar a teoria do Evolucionismo, dialogando com a ciência, sem estarem em posições antagônicas, sob o risco, do contrário, de esvaziar-se em dogmas antigos e ultrapassados. Afinal, o homem estava indo ao espaço, dominando a energia nuclear, podendo garantir o seu futuro (ou sua destruição). Cabia à Igreja orientar o homem com sua vida, nesse novo ponto de vista.

A aceitação de uma teoria científica em detrimento de uma concepção religiosa da criação não é vista de maneira conflituosa, nem vai de encontro com os dogmas da Igreja. Afinal, no Concílio Vaticano II, essa teoria já começava a ganhar força dentro de uma instituição que buscava um movimento de renovação de suas ideias. Dessa forma, portanto, a Igreja pretendia reaproximar-se de seus fiéis, mas não por meio de dogmas religiosos fundamentados em um *fatalismo*, na ideia que seremos sempre as mesmas pessoas desde o nascimento. O homem, agora, não estaria mais condenado à sua condição inicial, ele seria responsável direto pela sua atuação e desenvolvimento no plano terrestre. Não se trata da Igreja assumir um perfil assistencialista e sim estimular a busca por condições melhores de vida.

Durante pesquisa no banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, uma propaganda de livros chamou a atenção, no *Jornal do Brasil*, de 20 de julho de 1968 (Fig. 20):

Figura 20 – Propaganda de livros no *Jornal do Brasil*, de 20 de junho de 1968¹²

São corretas as teses de Debray? Ou foi inútil o sacrifício de Guevara? Quem está com a razão: os partidários da guerrilha ou seus adversários?

IGREJA, TUMULO DE DEUS
de Robert Adolfs
Livro polémico, no qual um famoso bispo católico da Holanda reclama uma Igreja nova, despida dos velhos preconceitos.

O SENTIDO DA AÇÃO
de Paul-Louis Landsberg
Um pensador cristão analisa o sentido da ação humana, a ideia cristã da guerra e a paz.
Preço: NCr\$ 8,00

A REPÚBLICA COMUNISTA E CRISTÃ DOS GUARANIS
de Clóvis Lugon
Como um apaixonado romance, este livro descreve os 150 anos da primeira tentativa de vida comunista na América, promovida pelos jesuítas.
Preço: NCr\$ 14,00

OPÇÕES DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

de Miguel Urbano Rodrigues

responde a estas questões a partir de uma análise objetiva dos problemas continentais e mundiais, focalizando temas como a implantação do neo-imperialismo, a lição cubana, o Estado autoritário neo-capitalista, a estratégia revolucionária e o caráter da luta anti-imperialista.
Preço: NCr\$ 10,00

OPÇÕES DA REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Lançamentos da
PAZ E TERRA
Distribuição exclusiva da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 97 - Rio - GB
Atende-se pelo Reembolso Postal

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

3.4 - Dom Hélder Câmara e a Sabiá

A Sabiá trouxe ao público, em 1968, um livro de cunho religioso, escrito por um padre, o Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara. Um livro que fala a respeito de um novo posicionamento da Igreja perante sua atuação com a sociedade.

Dom Hélder estava associado com outra corrente de pensamento da Igreja Católica, que se manifestara no Concílio Vaticano II, onde se pregava um maior envolvimento da Igreja com a sociedade, não apenas no plano metafísico e litúrgico, e sim voltado à melhoria das condições de vida das pessoas, em relação aos problemas sociais da população. Posteriormente, essa corrente de pensamento foi fator de influência para outro movimento católico, a Teologia da Libertação (corrente

¹² Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/118792>. Acesso em jul. 2018.

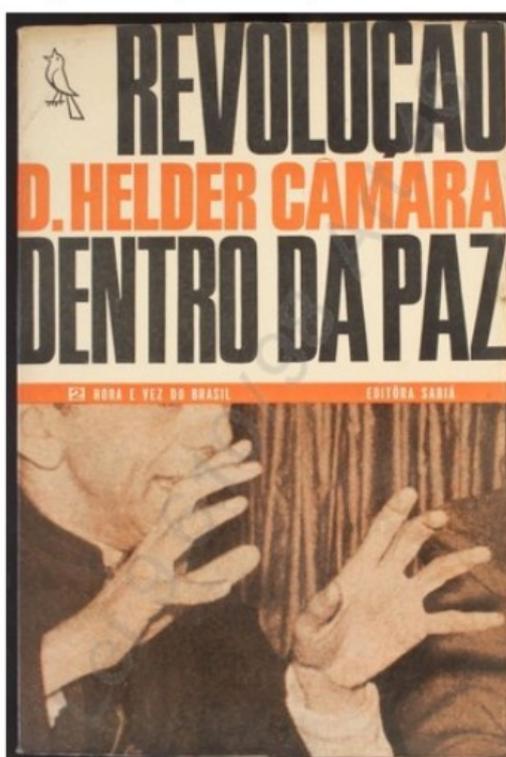
da Igreja Católica criada na América Latina, que prega a atuação no campo político, econômico e social, além da atividade religiosa), anos mais tarde.

Em carta de Rubem Braga para Otto Lara Resende, datada de 19 de fevereiro de 1968, obtida em pesquisa no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, comenta: “Eu e Fernando estaremos hoje às 8:30 da noite na Casa de Retiro da Gávea com dom Hélder Câmara, a quem entregaremos o livro composto pelo Castelo Branco com as conferências dele” (RESENDE, 1968).

O editor referia-se ao jornalista Carlos Castello Branco, notável intelectual e membro da Academia Brasileira de Letras. Autor de famosa coluna “Colunas do Castello” no *Jornal do Brasil*, marcante para o jornalismo político no país, onde colaborou durante décadas. Conhecido pelo seu ativismo, foi incumbido de registrar em livro as conferências de Dom Hélder, conforme revelou a pesquisa no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Mas saber que o livro não foi escrito pelo renomado religioso, mas sim por outra pessoa, de igual gabarito, em nada interfere em seu valor que, como apontamos, está em ser publicado em uma época conturbada do Brasil.

Este livro, *Revolução dentro da Paz*, é o segundo da coleção Hora e Vez do Brasil (Fig. 21).

Figura 21 – Capa de *Revolução Dentro da Paz*



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Segundo Dom Hélder, a Igreja, ao assumir essa postura, reconhecia o plano terreno, físico. Ou seja, que a evolução, técnica e humanista, era obra do Criador. A missão do homem era dominar a natureza, pois se ele era imagem e semelhança de Deus, possuía meios para modificar seu mundo, seu ambiente. A partir dessa premissa, o homem, desenvolvendo-se materialmente, modificando seu ambiente, suas condições de vida, acederá ao céu. O plano físico não é mais visto pela Igreja como algo ruim, suscetível às tentações mundanas, mas como meio de se buscar um aprimoramento do ser humano.

Era o primeiro registro em livro das conferências de Dom Hélder, através do trabalho de Carlos Castelo Branco. O primeiro nome pensado para a obra foi *A Bomba M*, em que, segundo o autor, a letra *m* seria de miséria.

Dom Hélder não escapou de ser questionado pela ditadura militar, sendo proibido de se manifestar publicamente e chamado de “arcebispo vermelho”. Nos anos de 1950, conheceu no Vaticano o Secretário de Estado, Monsenhor Giovanni Montini, que, mais tarde, se tornaria o Papa Paulo VI, com quem nutriu grande amizade. Paulo VI sucedeu o Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II. Dom Hélder teve papel ativo no Concílio, participando de suas quatro sessões. Era um entusiasta da não-violência e de melhores condições de vida para os pobres e desassistidos.

Graças a essa proteção institucional da Igreja, pôde manifestar-se publicamente, mesmo sofrendo perseguição da ditadura, tendo um dos seus assessores preso, torturado e morto, em 1969.

Ambos os livros têm um viés católico, de acordo com a crença que Fernando Sabino processava. Católico praticante, o editor enxergou uma oportunidade de posicionar-se contra a ditadura através dessa nova postura da Igreja. Tanto que os dois livros foram vendidos em conjunto e tiveram notável êxito editorial (Fig. 22):

Figura 22 – Lista dos livros mais vendidos, no *Jornal do Brasil*, em 20 de junho de 1968¹³

Os 10 mais		
<p>□ NO RIO</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O HOMEM AO ZERO, de Leon Eliachar, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 14,00. 2 – FESTIVAL DE BESTEIRA QUE ASSOLA O PAIS N.º 1, de Stanislaw Ponte Preta, Editora Sabiá — NCr\$ 8,00. 3 – QUARUP, de Antônio Callado, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 11,00. 4 – UM PROJETO PARA O BRASIL, de Celso Furtado, Editora Saga — NCr\$ 6,00. 5 – REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ, do padre Hélder Câmara, Editora Sabiá — NCr\$ 12,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O DESAFIO AMERICANO, de Jean-Jacques Servan-Schreiber, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 11,00. 2 – MEU AMIGO "CHE", de Ricardo Rojo, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 10,00. 3 – O PASSARO PINTADO, de Jerzy Kosinski, Editora Nova Fronteira — NCr\$ 12,00. 4 – O NOVO ESTADO INDUSTRIAL, de John Kenneth Galbraith, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 15,00. 5 – O AEROPORTO, de Arthur Hailey, Editora Nova Fronteira — NCr\$ 15,00. 6 – LUTA POR UM MUNDO MELHOR, de Robert Kennedy, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 12,00. <p>□ EM BRASÍLIA</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – QUARUP, de Antônio Callado, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 12,00. 2 – POESIAS COMPLETAS, de João Cabral de Melo Neto, Editora Sabiá — NCr\$ 16,00. 3 – TARA, de Cassandra Rios, Editora Lidador — NCr\$ 8,00. 4 – VINTE E CINCO ANOS DE LITERATURA, de Otto Maria Carpeaux, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 12,00. 5 – NOVE MULHERES, de Origenes Lessa, Gráfica Recorde Editora — NCr\$ 7,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O DESAFIO AMERICANO, de Jean-Jacques Servan-Schreiber, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 11,00. 2 – O NOVO ESTADO INDUSTRIAL, de John Kenneth Galbraith, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 15,00. 3 – LUTA POR UM MUNDO MELHOR, de Robert Kennedy, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 12,00. 4 – O DESAFIO DA AMERICA LATINA, de Robert Kennedy, Editora Laudes — NCr\$ 8,00. 5 – O VIETNAME SEGUNDO GIAP, Editora Saga — NCr\$ 7,00. 	<p>□ EM SÃO PAULO</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O MEU PÉ DE LARANJA-LIMA, de José Mauro de Vasconcelos, Edições Melhoramentos — NCr\$ 7,00. 2 – ...E A PORTEIRA BATEU, de Francisco Marins, Edições Melhoramentos — NCr\$ 7,00. 3 – ROSINHA MINHA CANOA, de José Mauro de Vasconcelos, Edições Melhoramentos — NCr\$... 6,50. 4 – O CRISTO DO POVO, de Márcio Moreira Alves, Editora Sabiá — NCr\$ 12,00. 5 – BELONA, LATITUDE NOITE, de Moacir C. Lopes, José Alvaro Editor — NCr\$ 10,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O DESAFIO AMERICANO, de Jean-Jacques Servan-Schreiber, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 11,00. 2 – LUTA POR UM MUNDO MELHOR, de Robert Kennedy, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 12,00. 3 – O NOVO ESTADO INDUSTRIAL, de John Kenneth Galbraith, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 15,00. 4 – O TRIUNFO, de John Kenneth Galbraith, Editora Nova Fronteira — NCr\$ 13,00. 5 – O SR PRESIDENTE, de Miguel Astúrias, Editora Brasiliense — NCr\$ 9,50. <p>□ NO RECIFE</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ, do padre Hélder Câmara, Editora Sabiá — NCr\$ 10,00. 2 – PROBLEMAS AGRÁRIOS CAMPONESES DO BRASIL, de M. Vinhas, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 8,00. 3 – HISTÓRIA SINCERA DA REPUBLICA, de Loôncio Basbaum, Editora Fulgor — NCr\$ 8,00. 4 – AV. COPACABANA, 380, AP. 801, de Silvan Paeszo, Editora Lidador — NCr\$ 5,00. 5 – O PRISIONEIRO, de Erico Verissimo, Editora Globo — NCr\$ 6,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – FUNDAMENTOS DE ECONOMIA POLITICA, de P. Nikitin, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 10,00. 2 – A FACE OCULTA DA MENTE, de Oscar Quevedo, Edições Lolola — NCr\$ 8,50. 3 – A TORRE DE BABEL, de Morris West, Clássica Editora — NCr\$ 12,00. 4 – O DESAFIO DA AMERICA LATINA, de Robert Kennedy, Editora Laudes — NCr\$ 8,00. 5 – FUNDAMENTOS DE FILOSOFIA, de V. Afanassiev, Editora Civilização Brasileira — NCr\$... 10,00. 	<p>□ EM BELO HORIZONTE</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – A RUA DO QUENTA SOL, de Antônio Celso Alves Pereira, Editora Nova Fronteira — NCr\$... 12,00. 2 – BRASILIO, de Oscar Dias Correia, Gráfica Recorde Editora — NCr\$ 10,00. 3 – VINTE E CINCO ANOS DE LITERATURA, de Otto Maria Carpeaux, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 12,00. 4 – REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ, do padre Hélder Câmara, Editora Sabiá — NCr\$ 10,00. 5 – SENHORA BOCA DE LIXO, de Jorge de Andrade, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 9,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O NOVO ESTADO INDUSTRIAL, de John Kenneth Galbraith, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 15,00. 2 – OS NUS E OS MORTOS, de Norman Mailer, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 20,00. 3 – LUTA POR UM MUNDO MELHOR, de Robert Kennedy, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 12,00. 4 – A SEMENTE DO DIABO, de Ira Levin, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 12,00. 5 – NAO PODEMOS ESPERAR, de Martin Luther King, Editora Senzala — NCr\$ 7,50. <p>□ EM PÓRTO ALEGRE</p> <p>NACIONAIS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O HOMEM AO ZERO, de Leon Eliachar, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 14,00. 2 – O CRISTO DO POVO, de Márcio Moreira Alves, Editora Sabiá — NCr\$ 12,00. 3 – MEMÓRIAS DE UM EMBAIXADOR, de Raul Bopp, Gráfica Recorde Editora — NCr\$ 10,00. 4 – O HOMEM NU, de Fernando Sabino, Editora Sabiá — NCr\$ 8,00. 5 – ANTOLOGIA POETICA, de Vinícius de Moraes, Editora Sabiá — NCr\$ 8,00. <p>ESTRANGEIROS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – O DESAFIO AMERICANO, de Jean-Jacques Servan-Schreiber, Editora Expressão e Cultura — NCr\$ 11,00. 2 – O TRIUNFO, de John Kenneth Galbraith, Editora Nova Fronteira — NCr\$ 13,00. 3 – A BELA DA TARDE, de Joseph Kessel, Edições Bloch — NCr\$ 8,00. 4 – O DESAFIO DA AMERICA LATINA, de Robert Kennedy, Editora Laudes — NCr\$ 8,00. 5 – OS NUS E OS MORTOS, de Norman Mailer, Editora Civilização Brasileira — NCr\$ 20,00.

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Os livros geraram enormes debates, deflagrados pelo Concílio Vaticano II, e Sabino, católico, enxergou uma oportunidade em lançar livros de acordo com essa nova posição da Igreja. Pediu a um notável jornalista que o ajudasse nesse projeto e o resultado foi uma clara articulação a favor do novo pensamento da Igreja Católica (Fig. 23):

Figura 23 – Propaganda dos livros da Sabiá no jornal *Correio da Manhã*,

¹³ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/118793>. Acesso em jul. 2018.

de 20 de junho de 1968¹⁴.



Dom Hélder Câmara prega a revolução dentro da paz

... não hesitar ao enfrentar ditos-mandantes de América Latina e não hesitar-las por estruturas humanas e justas, pois que tratamos o direito de almas que são lá e que não são mais e um caso de consciência".

... A hora de completarmos o 12 de maio".

... não hesitar comunistas brasileiros e apelar li- rios para que tenham consciência sobre-mundana, como dizia o nome de Jesus".

... A identificação real é a única maneira pró- pta de se trabalhar para a paz. Não se dá a paz sem a identificação real da realidade da vida real...

"O Brasil capitalista tem todos os atributos e é revolucionário desde pelo menos da Câmara In- ternacional de Justiça Social".

"Mas quando a América Latina vai ajudar a liberdade de ser em São Paulo como aconteceu? Ou que se esqueça que Cuba também sempre vi- la a realidade de subdesenvolvimento e da saúde".

... A realidade não tem compromisso com o capitalismo..."

... é preciso corrigir, sem hesitação e firmeza, a situação de propiedade em mãos de poucos".

REVOLUÇÃO D. HELDER CÂMARA DENTRO DA PAZ

Você pode concordar ou discordar das ideias de Dom Hélder Câmara, mas não pode desconhecer-las. E aí há uma maneira de conhecer, sem hesitar, a personalidade de mais elevada figura de Igreja Católica no Brasil através da leitura de seu primeiro livro — A REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ —, o atualíssimo lançamento de Edições Sabia, Nova obra, Dom Hélder expõe sua grande certeza a posição de Igreja diante das questões complexas da ordem, fala das novas relações entre o catolicismo, o comunismo e a democracia, manifesta os apegos de Cristo e da Igreja revolucionária no América Latina, apela sobre os laços de Jesus Cristo e dos cristãos e mostra o caminho para a democratização de Brasil e a realização do Nordeste. Compra hoje mesmo o seu exemplar de A REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ.

OUTRO L'ANCAMENTO ATUALÍSSIMO DA EDITORA SABIA

O CRISTO DO POVO
MARCIO MOREIRA ALVES

O **CRISTO DO POVO** é um grande documentário sobre a vida dos novos católicos brasileiros. Mito de São, Jesus Cristo e depois Jesus Cristo, vários aspectos do cotidiano brasileiro, impressos em diversos países, católicos e não-católicos e trazem um quadro apaixonado sobre as perspectivas do Brasil, a partir de 11 de março de 1964, por vários especialistas ligados à Igreja. O **CRISTO DO POVO** é um livro fundamental para quem deseja conhecer a realidade dos católicos brasileiros e os novos papéis dos bispos diante da atualidade que vivemos.

LEIA TAMBÉM

- POESIAS COMPLETAS — João Cabral de Melo Neto
- FESTIVAL DE BRASÍLIA QUE ABREJA O PAÍS (FEREAPA-1 e FEREAPA-2)
- REVOLUÇÃO DAS BORGESAS — José Carlos Oliveira
- LIVRO DE SONETOS — Vinícius de Moraes
- A MULHER DO VIZINHO — Francisco Salgado
- O HOMEM XV — Francisco Salgado
- A VIDA DO SEGREDO (intelectual) — Thales Mendes
- ROSA VIVA (obra) — Chico Buarque de Holanda

NOTA

As livrarias devem dirigir-se à Edições Sabia, Rua do Serviço e Imprensa Ltda. (Rua Pedro Álvares, 116, tel. 62-6300) — São Paulo, que possui a distribuição também as seguintes obras lançadas pela EDITORA DO AUTOS:

- A COMPANHHEIRA DE VIAGEM e A VIDA REAL de Francisco Salgado
- O CORDEIRO E O PARASITÁRIO, CRENÇAS DE GUERRA, O HOMEM BORGES, A CIDADANIA E A SOCIEDADE, UM POETA DO SÉCULO e AS DEUS DO COPACABANA, de Roberto Bragança
- POESIA E PRÓSA de Neris Braga

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

EDITORA **SABIA**

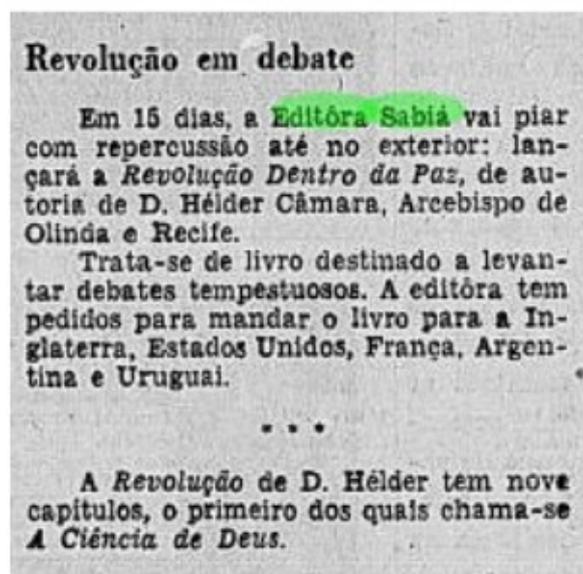
AV. COPACABANA, 861 — GRUPO 609 — ZC 07 — RIO DE JANEIRO — GB

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

¹⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/93041>. Acesso em jul. 2018.

A repercussão do livro de Dom Hélder foi muito grande, tendo a Sabiá pedidos para traduzi-lo e enviá-lo ao exterior, para a Europa, Estados Unidos, Argentina e Uruguai, conforme nota publicada no *Jornal do Brasil*, em 08 de maio de 1968 (Fig. 24:

Figura 24 – Nota sobre o livro no *Jornal do Brasil*, de 08 de maio de 1968¹⁵



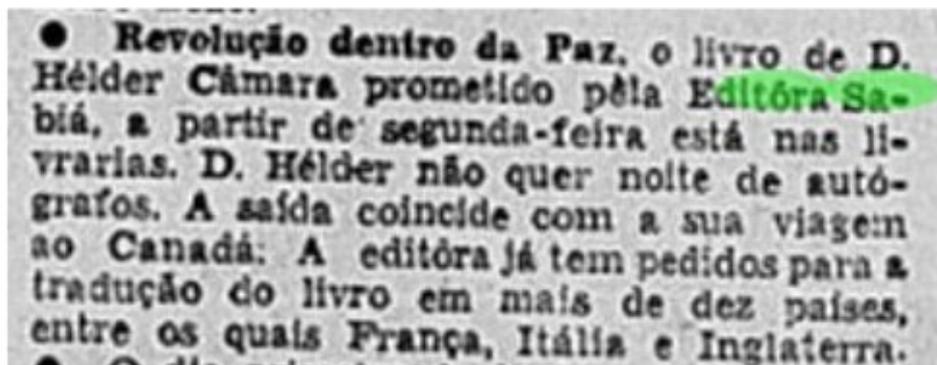
Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

E não apenas para mandá-lo fisicamente a outros países, como também traduzi-lo em outras línguas. Isso atesta que a nova postura da Igreja Católica não tinha se ramificado apenas no Brasil, mas em outros países, demonstrando a influência da Igreja nos anos 1960, graças ao Concílio Vaticano II, com a adoção da nova posição.

Em outra nota, no *Jornal do Brasil*, de 25 de maio de 1968, reforça a influência do aparecimento do livro no cenário cultural dos anos 60, mostrando o interesse de outros países em receber a obra em sua língua natal (Fig. 25):

¹⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/115199>. Acesso em ago. 2018.

Figura 25 – Nota sobre o livro de dom Hélder no *Jornal do Brasil*, de 25 de maio de 1968¹⁶



Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Com esses dois comentários registrados em jornal, demonstra-se o interesse que o livro de Dom Hélder causou em sua época, que sua publicação foi importante do ponto de vista político no Brasil, em 1968, a ponto de haver interesse em divulgá-lo em outros países. Dom Hélder era um religioso de destaque no meio eclesial, amigo do papa Paulo VI, dando projeção às ideias dessa nova atuação da Igreja Católica.

Segundo o cardeal, em uma declaração no *Jornal do Brasil*, “confinar a Igreja à Sacristia seria aceitar a religião como ópio do povo”. (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1968).

3.5 – O livro *O Desafio do Mar*

O *Desafio do Mar*, do Contra-Almirante Paulo Moreira da Silva, não é um livro de ativismo político, de teor revolucionário, carregado de uma ideologia de orientação de esquerda. Trata-se de um livro de teor técnico, mais enciclopédico. Político no sentido de que trata dos usos comerciais dos oceanos sob um ponto de vista mais racional, teórico, ecológico. É escrito por um membro da Marinha, amigo de Rubem Braga. Eis, então, outro indício da relação que Braga tinha com os

¹⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/115981>. Acesso em jul.2018.

militares: a Sabiá publica, em 1970, na fase dura da ditadura, o livro de um oficial das forças armadas (Fig. 26).

Figura 26 - Capa de *O Desafio do Mar*



Fonte: Exemplar de *O Desafio do Mar*. Acervo pessoal do autor.

Segundo a biografia do autor, Paulo Moreira da Silva foi oficial de ligação entre a Marinha e a FEB durante o conflito mundial. É provável que tenha conhecido Rubem Braga lá? Possivelmente. Trata-se, contudo, de um livro que procura desmistificar o uso do mar.

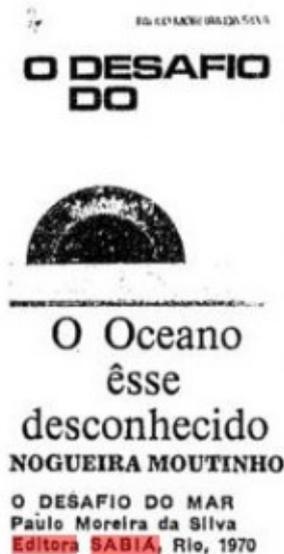
Um livro desenvolvimentista, em que os estudos sobre a utilização racional do mar, seus recursos naturais, são o assunto em questão. A bandeira desenvolvimentista não é apenas de propriedade da esquerda, no campo ideológico, mas da direita também. O fato de Paulo Moreira da Silva ser militar, orientado à direita, não o torna automaticamente um conservador, um reacionário. Pelo

contrário, seu livro é um conjunto de estudos sobre o mar e suas fontes de riquezas, mas sob um prisma mais racional, de explorar o mar respeitando sua capacidade de reprodução e recuperação. De explorar os recursos marítimos sem prejudicá-lo ao extremo.

Qual a relação, então, desse livro com uma editora de literatura? A Sabiá, concluiu-se, o editou justamente por isso, por ter uma visão progressista, construtiva, calcada em estudos científicos, deixando um pouco de lado a questão política. O autor era um cientista movido pela ciência.

Em artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 21 de abril de 1971, há um comentário sobre esse livro (Fig. 7). Ao final do texto, lê-se a legenda: “Política saudável e enriquecedora”. Parecem incongruentes essas palavras escritas no contexto em que o livro foi editado. O viés cético e cientificista do livro, dá o tom ao texto que, mesmo escrito por um militar, propõe um diálogo sobre a questão dos oceanos. Político, sim, só que exercendo um diálogo baseado no conhecimento científico, obtido por pesquisas, análises e a lucidez de um pesquisador que está mais interessado em pensar o mar, os oceanos como um ecossistema que depende de uma exploração racional, viável, para se manter produtivo. Como foi dito, o livro tem um lado desenvolvimentista, razoavelmente descolado da questão política. A ênfase não está em qual lado, direita ou esquerda, possui a liderança no desenvolvimento científico, e sim no modo como se utilizar recursos naturais marítimos. (Fig. 27):

Figura 27 – Matéria sobre o livro *O Desafio do Mar*, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, em 21 de abril de 1971



Finda a leitura deste magro volume de cento e poucas paginas resta a impressão de se ter percorrido um grande livro: o seu valor de conteúdo constitui realmente algo que conta. Paulo Moreira da Silva, carioca, 51 anos, contra-almirante, é um cientista especializado numa rara forma de conhecimento, a Oceanografia. Isso significa que conhece Meteorologia, Marés, Magnetismo Terrestre, Geologia e Biologia Marinha, isto é, pode penetrar a intimidade netuniana como poucos. A ele se deve o programa brasileiro de participação no Ano Geofísico Internacional, além da primeira prospeção oceanográfica dos mares que nos banham. Moreira da Silva, porém, não se coloca diante do oceano com a postura meramente neutra do cientista puro: vê

os problemas decorrentes da posse dessa imensa vastidão marinha com a paixão de um verdadeiro nacionalista e com a lucidez de um homem de ciência engajado no seu meio social. Daí decorre o fato de haver redigido este livro: ele desmistifica com uma segurança sem vacilações as grandes superstições que correm em nosso país a respeito das possibilidades oferecidas pelo oceano, re-colocando numa perspectiva real, sem distorções, as reais expectativas de riqueza e desenvolvimento com que um país dono da nossa costa marítima pode contar. Um homem de ação e a Oceanologia se defrontam assim

num desafio mútuo: decorre daí o texto polémico que Moreira da Silva redigiu para mostrar a importância crescente da exploração das riquezas minerais — e entre elas o petróleo — existentes no mar, a expansão da pesca e seus vários problemas, as virtualidades da aquicultura, os inconvenientes da atual legislação internacional a respeito da liberdade dos mares. Montado em estatísticas e dados científicos indelmentíveis, o texto tem sua principal virtude na coragem com que desmente certos arraigados lugares-comuns calamitosos para o Brasil. Por exemplo: a suposição de que o peixe brasileiro está no Nordeste. Outro exemplo: a afirmativa corrente de que o peixe, ao contrário do boi não precisa ser criado ou alimentado e que portanto deveria ser mais barato do que a carne dos animais de corte. Enfrentar esses preconceitos é seguramente uma tarefa de mais alto interesse nacional. O autor sabe que mais prejudiciais do que as mentiras são as meias-verdades, que contêm um por cento de realidade contra nove por cento de mistificação. É para garantir para o Brasil uma política saudável e enriquecedora no campo oceanográfico que este livro foi redigido. Não se trata apenas de palavras: mais eloquentes do que elas são as experiências de fertilização marítima entraiadas pelo autor em Cabo Frio. Trata-se de uma autêntica aventura científica que confere ao Brasil títulos de pioneirismo internacional.

Fonte: Acervo Folha de São Paulo

É claro que um militar publicando um livro em uma editora de orientação à esquerda, ao lado dos livros de Dom Hélder, Che Guevara, chama a atenção, mas é um indício do diálogo que a Editora Sabiá se propunha a fazer, a partir do meio editorial, frente às questões de seu tempo. Os editores tinham sua ideologia, mas com esse livro, mostraram que ter a ciência como ponto de partida, não a política, nem outras formas de pensamento que atrapalham uma compreensão adequada

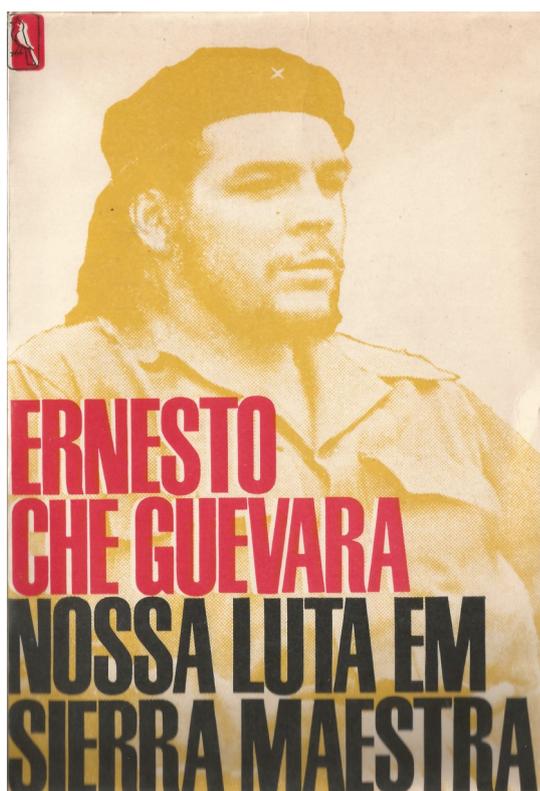
dos problemas que o Brasil passava, era o que a editora se propunha: estabelecer um pensamento crítico através de uma argumentação plausível e racional.

3.6 – Che Guevara publicado em 1968

Com a publicação de *Nossa Luta em Sierra Maestra*, a Sabiá prestigiou mais uma vez as figuras envolvidas em levantes populares de esquerda. Na Editora do Autor, Sabino e Braga publicaram o livro *Furacão Sobre Cuba*, em 1960, um conjunto de dezessete artigos dos intelectuais franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, a respeito da Revolução Cubana, com enorme sucesso, com o autor assinando oitocentos livros na noite de lançamento.

Esse livro registra as memórias de Ernesto Che Guevara, publicadas originalmente em periódicos da época, cobrindo o período de 1956 até 1959. Inicia a narrativa a partir do embarque no navio Granma, iate que levou os revolucionários que derrubariam o governo de Fulgêncio Batista, alinhado com a política dos Estados Unidos, até a vitória final da Revolução Cubana, consolidando o regime socialista no país da América Central (Fig. 28).

Figura 28 - Capa de *Nossa Luta em Sierra Maestra*



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Não há prefácio no livro, há uma “advertência” redigida pelos editores, que no final do texto dizem o seguinte:

Publicando este livro, A Editora Sabiá pretende trazer uma contribuição positiva ao debate sobre a personalidade de Ernesto Che Guevara, deslocando-o do plano das admirações místicas ou dos ódios cegos para o terreno concreto da compreensão racional, baseada no conhecimento dos fatos, dos dados históricos e do comportamento psicológico do ser humano. (BRAGA; SABINO, 1968, p. 8).

Demonstra-se a intenção dos editores em, novamente, desmistificar a figura de Che Guevara, mostrando uma face próxima do guerrilheiro, sem o distanciamento causado pela admiração ou pelo ódio. Há um compromisso com a factualidade, descrita pelo autor, mas descrito como partícipe do processo revolucionário, de quem viveu e morreu em prol de uma causa, a libertação do povo cubano de um regime subserviente a um modelo externo, vindo dos Estados Unidos, que via Cuba como uma extensão de seu território, sem se importar com as condições dos habitantes da ilha. Rubem Braga comenta, no *Diário de Notícias*, o lançamento do livro, em 10 de maio de 1969 (Fig. 29):

Figura 29 – Coluna no *Diário de Notícias* de 10 de maio de 1969¹⁷

¹⁷ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/83184>. Acesso em jul. 2018.

Rubem Braga

O LIVRO DE "CHE" GUEVARA

OS jornais noticiaram a prisão de três diretores de uma gráfica do Rio, por agentes do Setor Trabalhista do DOPS «por estarem imprimindo o livro *Nossa Luta em Sierra Maestra* e publicações de propaganda turística da Embaixada da Checoslováquia».

Publicações de embaixadas são feitas, em toda parte do mundo, e também no Brasil, como atividade normal, desde que não firam certas normas. Recebo quase diariamente publicações das embaixadas da Rússia, dos Estados Unidos, de Israel e da República Árabe Unida, e de vários outros países com representação diplomática no Brasil, todas cantando as belezas e primores de seu país e a justeza de sua política internacional. Não acredito que os checos, tão gravemente atribulados pelos braços cada vez mais apertados de seus «amigos» russos, tenham publicado nada de inconveniente no Brasil. Nem que no momento insistam muito em propaganda para atrair turistas, em vista do afluxo um tanto excessivo de «turistas» da Rússia e outros países vizinhos. Mas quero falar é do livro de Ernesto Guevara, *Nossa Luta em Sierra Maestra*; a não ser que se considere o nome de «Che» Guevara tabu, não vejo motivo algum para que a impressão de um tal livro seja motivo de prisão dos proprietários de uma gráfica. Não se trata de obra de propaganda, mas de um livro de memórias. Se chegarmos a admitir que um determinado livro possa ou deva ser apreendido — e eu entendo que não, pois livros devem ser combatidos com livros, e não com perseguições — a obra de «Che» Guevara que poderia ir para o Index seria seu livrinho sobre técnica de luta de guerrilhas. Não consigo encontrá-la, no momento, em minha estante, mas já tive a tradução francesa; trata-se de uma espécie de manual, ou uma série de conselhos para uso de quem pretender se dedicar a guerrilhas. Sente-se, no livro, a esperança do autor de que sua experiência em Cuba pudesse ajudar revolucionários em outros países; o fim trágico do «Che», sua derrota e morte na Bolívia, funciona como um prólogo desanimador... Nunca vi esse livrinho em português. *Nossa Luta em Sierra Maestra* não tem nada disso: é, antes de mais nada, um documento humano cuja leitura, interessantíssima, não hesito em recomendar ao leitor, sejam quais forem suas idéias. Guevara se coloca numa posição despretençiosa, extremamente modesta. De si próprio, não tem a revelar atos de heroísmo; mostra, antes, como já se disse, um «catálogo de erros». As fraquezas humanas dos combatentes são postas a nu sem qualquer tentativa de embelezar a figura do revolucionário. As dificuldades do movimento, as relutâncias iniciais dos camponeses, a importância do fator acaso no desfecho de muitos combates, tudo isto é salientado num estilo ao mesmo tempo singelo e sarcástico. As autoridades que ordenaram essa diligência foram influenciadas, certamente, por denúncias maldosas, como não é raro nestes tempos. A simples leitura do livro as convencerá disso. E deixem os livros, todos os livros, serem lidos, porque «um país se faz com homens e com livros», já dizia o bom Lobato.

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

O livro foi considerado subversivo pela ditadura. Conforme relata Rubem Braga, os diretores de uma gráfica no Rio de Janeiro foram presos por imprimirem o livro de Che Guevara editado pela Sabiá. Fato atestado por Kelly Pereira Lima (2016), que, por meio de sua pesquisa de mestrado, documenta 689 livros

censurados pela Ditadura Militar (1964-1985). Por uma questão de espaço, será apenas mostrada uma parte da lista. Dentre eles, o livro da Sabiá:

Meu nome é Marcelo. M. Lopes

Meus amores secretos. João Francisco de Lima

Meus Versos. Weimar Torres

Mi experiencia cubana. Ezequiel M. Strada

Minha vida com Xaviera. Larry

Minha vida íntima. Catherine Remoir

Minha vida, meus amores. Henry Spencer

Minhas Marílias e seus nomes de guerra. Dirceu Alves Ferreira

Miss Stuck Up. Rob O'Noal

Mister Curitiba: conto. Dalton Trevisan

Mistério de uma doutora. Al. Trebla

MO: nova vida revolucionaria. Moisés David

Mortal apedrejado. Carlos Luiz Campanella

Movimento estudantil e consciência social na América Latina. J. A. Guilhon
Albuquerque

Mulher livre. Adelaide Carraro

Mulher pecado. Marcia Fagundes Varella

Mulheres ardentes. Yuri Gletter

Mulheres de ninguém. Marcia Fagundes Varella

Mulheres do sexo violento. José Adalto Cardoso

Mulheres eróticas. B. Bava

Mulheres proibidas. Mari Terése Luke

Mulher pecado. Marcia Fagundes Varella

Na rota do sexo. Lee van Lee

Na voragem do êxtase. Brigitte Bijou.

Nas asas do sexo. Vicky Morris

Neighborhood. Don Elcord

Nicoleta ninfeta. Cassandra Rios

Ninguém é de ninguém. Harold Robbins

Noites de Moscou. Vlas Tomim
Nós. Christopher Palmer
Nossa luta en Sierra Maestra. Ernesto Che Guevara
Novas aventuras da aliciadora feliz. Robin Moore
Novas aventuras de Linda Lovelace. D. M. Perkins
Novas confissões íntimas de Paulette, a aeromoça. Janice Blair
Novas páginas eróticas. Luiz Barreiros (trad.)
Novelas da erosfera. Emmanuelle
Noviça erótica. Marcia Fagundes Varella
Nua e sua
Nuas e carinhosas
Nuas e voluptuosas. Peter Khan
O amante insaciável. James Garan
O amor e o sexo. Ivonit Karystyse
O amor e suas posições básicas. Karl Fritz
O amor pecado. Yuri Gletter
O anel do desejo. Tom Brooks
O apocalipse ou o Capeta de Caruaru. Aldomar Conrado
O belo burguês. Pedro Porfírio
O berço de ouro. E. C. Caldas

Fonte: LIMA K. P. (2016, p. 135)

Fica a pergunta, mais uma vez: por que Rubem Braga, o editor de um livro classificado como subversivo, não foi preso? Por que os donos da gráfica foram presos então? Pelos motivos já citados, por essa **segurança institucional** que, implicitamente, gozava, graças às boas relações que mantinha com o Exército.

O interessante desse texto é que Rubem Braga protesta contra a prisão dos donos da gráfica, argumentando que o livro não tem nada de subversivo, por se tratar de memórias. A argumentação principal refere-se, principalmente, a outro livro de Guevara, que versa a respeito de técnicas de guerrilha, esse sim, que poderia ser considerado subversivo. Mas, segundo o autor, livros se combatem com livros, não

com perseguições. Há uma clara defesa da atividade editorial, do livro como instrumento de desenvolvimento de um país, citando a famosa frase de Monteiro Lobato: “um país se faz com homens e com livros” (disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/83184).

Porém, a censura do livro de Che Guevara não foi suficiente para que os editores da Sabiá fossem presos, e sim os donos da gráfica onde o livro era impresso. Uma forma da ditadura de manifestar, de maneira “sutil”, que não concordava com a orientação editorial da Sabiá, uma espécie de aviso para Rubem Braga e Fernando Sabino.

3.7 – A biografia de José do Patrocínio

O terceiro e último volume da coleção Hora e Vez do Brasil foi a biografia de José do Patrocínio, escrita pelo jornalista Raimundo Magalhães Júnior. Patrocínio foi um jornalista e escritor negro que militou na causa abolicionista no século XIX no Rio de Janeiro. Exerceu intensa atividade jornalística e literária no período, em franca campanha contra a escravatura no país.

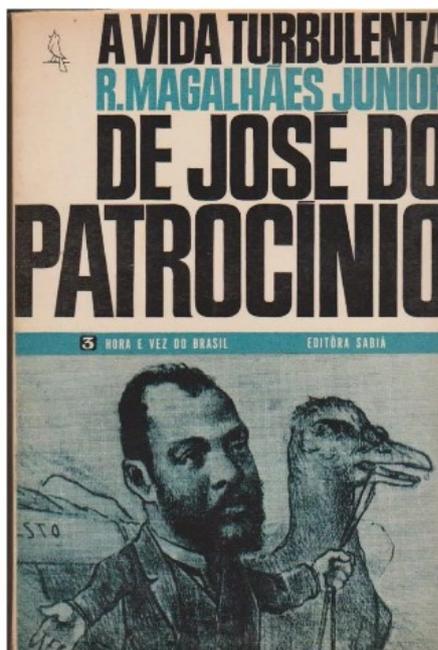
Era filho de um grande fazendeiro, João Carlos Monteiro, que não reconheceu a paternidade do filho, com uma jovem escrava, Justina do Espírito Santo, fato esse que gerou revolta em José do Patrocínio. Mudou-se aos 14 anos para o Rio de Janeiro e com muito custo, devido a poucos recursos financeiros, formou-se em Farmácia, mas não exerceu a profissão, dedicando-se ao jornalismo. Casou-se com Maria Henriqueta, filha de Emiliano Rosa de Sena, notório republicano. Foi assimilando os valores da época enquanto ascendia socialmente, envolvendo-se com a campanha abolicionista e escrevendo para vários jornais da época.

Magalhães Júnior escreveu uma biografia de José do Patrocínio sem bajulação nem uma crítica visando o questionamento da figura histórica. Deixa que os fatos contem a história do biografado, reconstituindo a figura do abolicionista em 1968.

Neste livro, a Sabiá reuniu duas figuras polêmicas, o jornalista Raimundo Magalhães Júnior e José do Patrocínio. Magalhães assinou o Manifesto da Esquerda Democrática, dando origem ao Partido Socialista Brasileiro, sendo eleito vereador do Distrito Federal, em 1949, e reeleito em 1954. Escreveu um livro questionando a figura de Rui Barbosa (*Rui, o homem e o mito*, de 1964); além da atividade jornalística, escreveu poesia, peças de teatro, biografias. Eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1956, foi sucedido por Carlos Castelo Branco, outro acadêmico da ABL que era próximo a Sabino e Braga. Portanto, dois membros da ABL, jornalistas, que tiveram vínculos com a Sabiá. As associações que os editores tinham com a intelectualidade da época uma vez mais se evidencia, mas com uma das mais prestigiosas instituições culturais do Brasil.

Este livro, em 1969, com o país enfrentando o AI-5, era (mais) uma provocação dos editores, afinal, publicaram um livro sobre um abolicionista, numa edição histórica, com fotos, documentos: um resgate de uma figura relevante para a história do Brasil (Fig. 30). Mas justamente esse resgate tinha de ocorrer em 1969, com um livro escrito por um polêmico jornalista?

Figura 30 – capa de *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*¹⁸



Fonte: Estante Virtual

¹⁸ Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/47vLwjks3KYVUkCH7>>. Acesso em jul. 2018)

A Sabiá acabou por editar um livro que tinha algumas peculiaridades em relação aos outros dois da coleção. *Revolução Dentro da Paz* e *O Cristo do Povo* foram livros centrados em um conjunto de ideias, em denúncia política, onde um certo tom religioso permeava os textos. Em relação à biografia de José do Patrocínio, contudo, a figura central do livro era um personagem histórico, negro, filho ilegítimo de um fazendeiro com uma escrava, que, por seus méritos próprios, ascendeu socialmente e tornou-se notória figura abolicionista e republicana. Um ícone, um símbolo: um **herói**, mas um símbolo em plena ditadura, uma espécie de referência a se seguir. E também pelo seu biógrafo, Raimundo Magalhães, imortal da Academia Brasileira de Letras, conhecido por extensa produção intelectual, autor de livros, dramaturgo, jornalista e tradutor. São duas as figuras notórias nos livros, conferindo valor e distinção ao livro que escreveu para a Sabiá. O autor e o biografado como capitais simbólicos.

Concluindo, a Editora Sabiá, editando livros de perfil declaradamente político, demonstrou um caráter ativo perante a sua época, em querer questionar o regime autoritário que se instalara e cada vez mais endurecia a censura, a perseguição, resultando em exílios, torturas e mortes.

Foram poucos livros, seis títulos, de um total de cento e doze publicados (5,35% dos livros), cujas publicações se deram somente no ano de 1968, exceto o livro *O Desafio do Mar*, publicado em 1970. Nota-se que depois de 68, a Sabiá não editou mais livros políticos, o que permite verificar uma coincidência entre o tipo de publicação e o endurecimento do regime. A partir de 1969 vieram as traduções de livros estrangeiros, indicando que a editora seguiria outro rumo, se locupletando do campo literário como modo de constituição do pensamento crítico, numa tentativa dos editores de serem **agentes de mudanças** através de uma literatura (a dos livros estrangeiros) calcada pelos conflitos sociais que estavam em curso na América Latina.

Segundo Bourdieu

A primeira limita-se a ser a especificação no campo de uma clivagem que serve de estrutura ao espaço social e se encontra em todos os universos sociais: ela opõe os “dominantes” aos “dominados”, segundo o volume global do capital com cotação nesse universo, no caso concreto, o capital de reconhecimento.

(...) Enquanto os dominantes estão interessados na conservação do estado das relações de força, os dominados, que procuram subverter tal situação, rompem com as convenções e os códigos estabelecidos. (BOURDIEU, 2017, p. 89).

Houve, portanto, uma tentativa de se estabelecer o pensamento crítico através desses livros **não-literários** editados pela Sabiá. A partir do momento em que a ditadura, como instituição reguladora da produção cultural, a partir de 1968, se mostra interessada somente no silenciamento e no não-desenvolvimento desse pensamento crítico, a editora procurou outros meios de se rebelar contra o regime.

A partir do momento em que há a decisão de levar a público livros contestadores em uma época de repressão no Brasil, a editora abre um precedente e aborda o campo político, mostrando a contrariedade dos seus donos com o que está ocorrendo. A literatura, de sua maneira, contribui para uma tomada de consciência para a formulação de questionamentos perante a sociedade em que está inserida, no entanto,

O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência esse risco, cujo resultado é quebrar o leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. (CÂNDIDO, 2003, p. 89).

Ou seja, havia no catálogo da editora essa preocupação em editar livros relevantes, que causassem no leitor um estranhamento, uma reflexão acerca de seu tempo. Livros políticos, publicados com a intenção de questionar a situação em vigência, por uma editora imbuída desse **destaque** que a Sabiá tinha, graças à importância de seus editores/escritores, tinham um consumo imediato, sendo logo elencados às listas dos mais vendidos de 1968. A Sabiá era mais que uma editora de literatura, era uma editora formadora de opinião, de tomada de consciência, apresentando, no caso de Rubem Braga, uma faceta atuante politicamente, seja como editor ou como jornalista, levantando-se contra o regime militar.

Essas edições políticas da editora mostraram que Braga e Sabino eram mais que escritores e jornalistas, estavam comprometidos com seu tempo, preocupados com a repressão, com a violência do regime, no cerceamento das liberdades básicas no país. E lançaram mão de armas críticas. O livro e a leitura.

CAPÍTULO IV

4 – A Editora Sabiá e as traduções

Em 1968, seu segundo ano de vida, a Editora Sabiá começou a publicar autores estrangeiros, sendo o livro *Nossa Luta em Sierra Maestra*, de Ernesto Che Guevara, o primeiro da nova leva de autores que ela passaria a lançar no mercado brasileiro. Autores latino-americanos, americanos e europeus passariam a fazer parte de seu catálogo, levando a casa a um outro patamar, expandido seu alcance no meio literário. Tinham como objetivo, ao publicar livros de autores estrangeiros, assegurar uma estabilidade financeira para que a empresa continuasse a publicar mais autores nacionais. Aproveitando uma rica produção literária desses autores, que vendiam milhares de exemplares em seus países de origem, a Sabiá trouxe para o Brasil toda uma efervescência cultural que ocorria na América Latina.

Fernando Sabino e Rubem Braga iniciaram sua atividade editorial na Editora do Autor justamente com uma tradução, o livro *Furacão sobre Cuba*, em 1960, de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Livro escrito em virtude da visita dos renomados filósofos à ilha caribenha, que passava por um processo revolucionário visando à implantação de um regime socialista de governo:

No começo dos anos 60, Rubem se encontrou com o Jean-Paul Sartre na Bahia, e conseguiu dele os direitos de edição do seu livro *Furacão sobre Cuba*. Rubem voltou correndo e me contou.

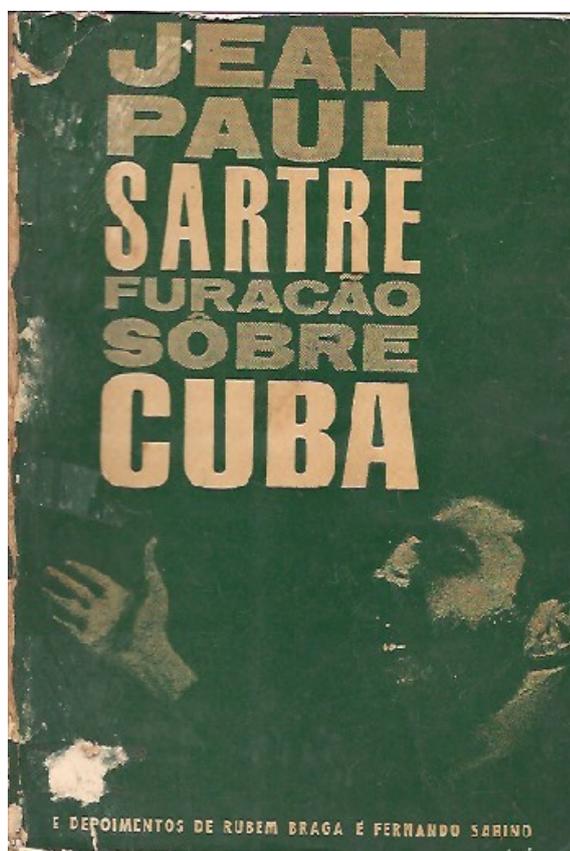
Só que a Editora não existia e o livro muito menos: não passava de uma série de artigos sobre Cuba escritos por Sartre para *Nouvelles Littéraires*, um jornal francês. Tive de conseguir os artigos, mandar traduzir por um mutirão de amigos: eram 17 artigos, um para cada amigo, eu tendo de rever tudo aquilo. E tive de fazer a capa, projetar, mandar compor e imprimir o livro em oito dias, para que Sartre o lançasse numa noite de autógrafos (SABINO, 1989, p. 137).

Isso mostra que a Revolução Cubana¹⁹, em seus primeiros anos, geraria grande influência nos anos 1960. Sabino e Braga, percebendo a oportunidade, a conjuntura que favorecia o aparecimento de uma publicação em português a

¹⁹Movimento político cubano iniciado em 1953, que culminou com a destituição do ditador Fulgêncio Batista e a consequente implantação do socialismo da ilha caribenha.

respeito da Revolução, decidiram publicar o livro de Sartre, agregando à obra seus próprios comentários, em apêndice, a respeito da viagem que fizeram juntos a Cuba naquele mesmo ano, participando da comitiva do então deputado federal e futuro presidente Jânio Quadros, em 28 de março de 1960. Com a ajuda de amigos que traduziram os artigos de Sartre, prepararam o livro em um tempo bastante escasso: oito dias. Seu empenho estava certo: a obra (Fig. 6) vendeu 800 unidades (SABINO, 1989, p. 137) na noite do lançamento, impulsionando a nova carreira dos dois cronistas. (Fig. 31):

Figura 31 – Capa de *Furacão sobre Cuba*²⁰



Fonte: Socialista Morena.

Capa de intencionalidade marcante, mostrando Fidel Castro, o líder da Revolução, em pose combativa. Em 1968, saía pela nova editora Sabiá o livro

²⁰ Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/a-noite-em-que-jean-paul-sartre-fumou-um-charuto-com-che-guevara/>>. Acesso em jul. 2018.

Nossa luta em Sierra Maestra, de Che Guevara, evidenciando a preferência política de Rubem Braga e Fernando Sabino, sua simpatia ao novo regime cubano, em um livro claramente de cunho político, que, tempos depois, acabou censurado pelo regime militar.

A nota de lançamento do livro:

NOTA

Furacão Sobre Cuba, impressionante testemunho de Sartre sobre a revolução cubana, compõe-se de uma série de artigos escritos especialmente para “France-Soir”, e agora pela primeira vez reunidos em livro Antecipando-se aos seus primeiros lançamentos programados, a EDITORA DO AUTOR presta, com esta iniciativa, a sua homenagem a um dos maiores escritores de nosso tempo, profundamente interessado nos problemas do mundo atual, que põe sua cultura de filósofo e sua força de escritor a serviço da liberdade dos povos e da dignidade do homem.

Para que se tornasse possível o lançamento deste livro durante a estada de Sartre no Brasil, tivemos de realizar, como estreantes no ramo, o prodígio editorial de recolher os originais em escassos exemplares de jornal, traduzir, compor, paginar e dar a tarefa por terminada em pouco mais de uma semana. Para isso, valeu-nos a boa vontade de muitos amigos, e aqui consignamos nossos agradecimentos a Tati de Moraes, José Guilherme Mendes, Jorge Amado, James Amado, Otto Lara Rezende, Paulo Mendes Campos, Mauritônio Meira, Antonio Callado, José Condé e Jânio de Freitas – bem como à Prensa Latina, por sua gentileza, facilitando-nos o acesso aos originais.

E nossa gratidão especial a João Borsoi Junior e aos auxiliares de sua Gráfica, pela rapidez na confecção do volume.

A Jean-Paul Sartre, expressamos o maior reconhecimento, por nos haver cedido os direitos de publicação, em livro, do seu magnífico trabalho.

*

Achamos interessante publicar, em apêndice, os artigos de dois intelectuais brasileiros, Fernando Sabino e Rubem Braga. Com outros jornalistas, eles visitaram Cuba na comitiva do deputado Jânio Quadros, chegando a Havana a 28 de março de 1960 e lá se demorando apenas cinco dias. Muitas das observações feitas nesses artigos estão hoje superadas pelos acontecimentos, mas valem como flagrante de certo momento da Revolução.

O artigo de Fernando Sabino foi publicado no “Jornal do Brasil”, em abril, e o de Rubem Braga no número de junho da revista “Senhor”.

Os Editores. (BUSATO, 2005, p. 21)

Nessa apresentação é possível verificar a rede de amigos que os editores tinham, demonstrando que seu capital social, sua rede de relações, já eram vultosos, já tinham a sua importância dentro das editoras em que Braga e Sabino atuaram.

Em 1968 a Sabiá publicou o romance *Cem Anos de Solidão*, do colombiano Gabriel Garcia Márquez. Por indicação do poeta Pablo Neruda (autor cuja poesia a Sabiá tinha editado, dentro da coleção Antologia Poética, em 1968, também) a Sabiá lançou esse romance, que era “a obra mais importante da língua espanhola desde *Dom Quixote de La Mancha*” (Sabino, 1975, p. 87), pela primeira vez no Brasil.

Era um momento propício para traduzir a literatura latino-americana, que passava pelo chamado **Boom Latino-Americano**, um fenômeno literário conduzido por jovens autores latino-americanos que foi divulgado na Europa e no resto do mundo, na década de 1960.

Conforme analisamos no capítulo anterior, a Revolução Cubana teve grande ascendência nos fatos ocorridos nos anos 1960 no Brasil. A intelectualidade da época aderiu ao evento como se uma utopia pudesse ser realizada, combatendo o imperialismo, a injustiça e o atraso social (COSTA, 2009, p. 45). Sabino e Braga manifestaram concordância com a Revolução ao publicar o livro de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, *Furacão sobre Cuba*, inaugurando, justamente, sua entrada no mundo editorial; o lançamento foi um sucesso, e inaugurou a Editora do Autor.

Não significava isso que Rubem Braga e Fernando Sabino apoiassem a luta armada, a guerrilha, e sim que a chegada dos revolucionários ao poder em Cuba, encorajou-os a lutar, com suas armas – os livros –, escrevendo e editando, **orientando, naquele momento**, o que seria lido em relação à literatura brasileira. Orientar, no que diz respeito a selecionar determinados livros, com certa orientação política, para a construção de um pensamento crítico.

4.1 – A Revolução Cubana, o Boom e a Editora

Houve uma **questão social** na América Latina nos anos 1960 e no Brasil. Com a Revolução Cubana, o Concílio Vaticano II, a instauração de regimes de exceção em vários países latino-americanos, como o Brasil, a Argentina, o Chile e Uruguai, fomentando um pensamento crítico, uma resistência aos governos autoritários que estavam se instalando, perseguido, torturando e matando opositores do regime, movimentos sociais, músicos, artistas, políticos etc.

A Editora do Autor e a Sabiá atravessaram justamente essas fases da história do Brasil e da América Latina. De 1960 a 1972 Sabino e Braga, reconhecidos em seus papéis dentro da literatura e edição do país, editaram livros que propuseram a formação de um pensamento crítico ao regime de exceção.

Conforme visto no primeiro capítulo, a Editora Sabiá possuía diversos tipos de capitais: econômico, humano, social e intelectual. No caso aqui estudado, o capital social adquire continuidade, pois se no Brasil Sabino e Braga eram detentores de prestígio literário, jornalístico e editorial, passando a publicar autores estrangeiros, a Sabiá expandiu seu catálogo para além das fronteiras do Brasil, trazendo a público livros que chamavam a atenção na América Latina, Europa e Estados Unidos.

Não se tratava apenas de redes de contatos e relações constituídas, no caso, pelos editores, mas o fato da produção cultural ser também fator que favorecia a agremiação de um determinado grupo. Esse grupo, produtores de livros e literatura brasileira, tinham mais um motivo para se juntar: a Revolução Cubana, gerando um debate durante toda a década de 1960.

A Revolução gerou um interesse do mundo em relação à América Latina, chamando atenção para uma **movimentação** literária que influenciou autores no Brasil e em muitos países, que foi o **Boom Latino-Americano**. Esses autores latino-americanos estabeleceram uma nova identidade para a região, mudando a maneira como se olhava para esses países da América até então.

Essa movimentação teve projeção internacional simultaneamente, mostrando uma vitalidade, uma visão renovada para essa região do continente. É inegável a semelhança com o “grupo” brasileiro de autores que a Sabiá reunia – Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Fernando Sabino, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Oswaldo França Júnior, Paulo Mendes Campos, entre outros. Era uma questão gregária em que vários autores e autoras em franca produção, reagiram, cada qual a sua maneira, aos acontecimentos de seu tempo (implantação de ditaduras, revolução cubana). E, como os autores brasileiros, os autores do Boom trabalhavam em revistas e jornais de sua época, não como cronistas, mas dando maior espaço e atenção a escritores, expandindo o público leitor, antes restrito, formando assim um ambiente propício para a nova literatura.

Em relação ao mercado editorial, as obras do Boom não foram editadas por uma editora específica, os livros foram publicados por diferentes casas: na Argentina, Losada, Emecé, Sudamericana, Compañía General Fabril Editora; no México, Fondo de Cultura Económica, Era, Joaquín Mortiz; no Chile, Nascimento e Zig-Zag; no Uruguai, Alfa e Arca; na Venezuela, Monte Ávila; na Espanha (Barcelona), Seix Barral, Lumen, Anagrama (RAMA, 1985, p. 8).

Uma definição do Boom seria um tanto quanto imprecisa, pois exceto a língua espanhola sendo elo entre esses autores, as trajetórias literárias eram diversas, não havendo um eixo central temático, estilístico e narrativo. Eram estilos vindos de autores de diferentes países que, a partir da Revolução Cubana, tiveram projeção internacional.

Júlio Cortázar, dentro do texto de Rama (1985), inclui o caráter político ao Boom, que

Com o avanço do socialismo e seu triunfo, que eu considero inevitável, e em um prazo não excessivamente longo. Finalmente, o que é o boom senão a mais extraordinária tomada de consciência por parte do povo latino-americano de uma face de sua própria identidade? O que é essa tomada de consciência senão uma importantíssima parte da “desalienação”? (RAMA, 1985, p. 5).

Ou seja, segundo o autor argentino, havia o horizonte político e politizado nos livros desses escritores, no sentido em que se buscava essa tomada de consciência, questão identitária, da “nova” América Latina, novas posições políticas por uma justiça social.

Essa busca identitária não seguia um denominador comum entre os autores do Boom, cada um manifestava o seu modo de se chegar à nova identidade. Tratando de temas de cunho rural, urbano, histórico, político, usando o **realismo fantástico**²¹ como um novo jeito de se fazer literatura na América Latina, rompendo com o modelo de realismo ocidental em uso.

Mas, segundo Vidal (2009), as relações pessoais eram o que determinava as movimentações entre autores, críticos – e editores. Um modelo parecido com o que

²¹Segundo Bella Josef, a narrativa fantástica é definida como “a percepção particular de acontecimentos estranhos. O real e o imaginário ocupam-se do tempo da incerteza. A narrativa fantástica é assim, alcançada através da ambiguidade, e o leitor é obrigado a considerar o mundo dos personagens como o mundo das pessoas, identificando-se como caráter hesitante de um dos personagens. A percepção desse leitor implícito está quase sempre inscrita no texto pela identificação do leitor aos personagens. A hesitação se institui como tema da obra e situa-se entre real e ilusório, entre real e imaginário (TODOROV, *apud* JOSEF, 1974, p.198).

a Sabiá mantinha, em que o capital social foi importante para o êxito dessa geração de autores, que se liam, se avaliavam mutuamente, em uma rede que, por certas semelhanças, tinha a Sabiá como uma das editoras a dar voz e edição para seus livros.

Esse processo de publicação das obras do boom começou com a sugestão de Neruda a Sabino para publicar o famoso romance de Garcia Márquez. Porém, em 1968, Márquez já era um autor consagrado, custando caro para a Sabiá:

Os direitos autorais são considerados os mais altos jamais pagos a um escritor praticamente desconhecido aqui: dois mil dólares. Como sempre acontece, outras grandes empresas editoriais brasileiras recusaram-se a lançá-lo em português antes, sob a surrada alegação de que ninguém lê literatura hispano-americana. O escritor Rubem Braga, em um instante de muita sorte e bastante faro, não contou conversa. (RODRIGUES, 1969).

O interessante dessa notícia é o valor pago pela editora, superando em muito os dez por cento pagos aos demais autores do catálogo. Era uma aposta, sem dúvida, mas ancorada por vendas expressivas no exterior, que superavam a marca de trezentos mil exemplares vendidos. O fato do livro ter sido recusado por outras editoras é devido, como cita Hallewell (2005, p. 476), às poucas obras de literatura hispano-americana traduzidas para o português até os anos 1960:

A Editora Sabiá lançou entre nós um romance que está sendo considerado de grande importância na literatura mundial e especialmente na de língua espanhola. Trata-se de “Cem Anos de Solidão”, do colombiano Gabriel Garcia Márquez. Críticos de vários países apontam-no como uma obra-prima. Em sua língua original venderam-se dele mais de 300 mil exemplares, já tendo sido traduzido para o francês e o italiano. (JORNAL DO COMMERCIO, 1969)²².

Diante desses índices, de tantos exemplares vendidos, era difícil não publicar *Cem Anos de Solidão*. Trezentos mil exemplares comercializados? Porém, como será visto nas considerações finais, ao publicar autores estrangeiros, a Sabiá acabou por mudar seu foco, que terminou por levar seus editores a vendê-la para a José Olympio.

²² Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspxbib=364568_15&PagFis=58902>. Acesso em jun. 2018).

Anteriormente, na Editora do Autor, Sabino e Braga já tinham traduzido alguns livros estrangeiros, mas não tanto quanto na Sabiá. Percebe-se uma maior abrangência das traduções da Sabiá em relação às traduções publicadas pela Editora do Autor. Devido à oportunidade de publicar uma série de escritores que estavam em voga e a necessidade de fazer caixa para a editora (já que o regime editorial não era mais de coparticipação com os autores), a Sabiá trouxe para a cultura brasileira autores estrangeiros que tiveram um grande impacto para o país. Segundo Hallewell (2005, p. 475) o êxito das traduções da Sabiá estimulou outros editores a publicarem mais autores latino-americanos, mostrando, dessa forma, toda uma literatura em língua espanhola desconhecida no país.

4.2 – Os livros estrangeiros

Diante de um cenário onde a literatura estrangeira, em especial a latino-americana, estava em evidência, Sabino e Braga decidiram, por motivos financeiros, mas motivados também por fatores ideológicos e literários, publicar essas obras no Brasil. Diante do sucesso que o Boom estava fazendo no exterior e do quase completo desconhecimento das obras hispano-americanas no país, era uma inegável oportunidade de ganho financeiro, prestigiando livros que iam ao encontro do pensamento dos editores. E não apenas a possibilidade de lucro os motivava, eram livros que se coordenavam com a conjuntura da época, com a Revolução Cubana, com a possibilidade do aparecimento de um mundo livre, crítico, sem regimes de exceção. Era uma literatura que, através de mecanismos como o realismo fantástico, a crítica social e política, mudou o modo como a própria América Latina se via.

Porém, era preciso transpor essas obras para o português. A literatura hispano-americana não era desconhecida no Brasil até o surgimento da Editora Sabiá, mas as traduções eram escassas, ou lidas no original; o que a deixava no limite do desconhecimento. Ora, uma tradução não é simplesmente um processo de transposição de um texto de uma língua para outra. É preciso ter conhecimentos de ambas as línguas, a língua originária, a língua de saída, e a língua de chegada. São

dois sistemas linguísticos que podem, ou não, ter certas semelhanças, mas que, ainda assim, seus léxicos não são necessariamente correspondentes.

Cabe ao tradutor achar esses pontos de ligação entre as duas línguas. Uma palavra não tem o mesmo sentido para os dois sistemas e cabe a ele, o tradutor, fazer escolhas para que o sentido, a intenção que está contida no texto, seja transposta e, posteriormente, compreendida pelo leitor.

Walter Benjamin, através de Branco comenta sobre o processo de tradução: As traduções devem preservar o parentesco das línguas. Que mais poderão elas fazer senão transmitir o mais exatamente possível a forma e o sentido do original? (BENJAMIN *apud* BRANCO, 2008, p. 30).

As línguas não são estranhas umas às outras, sendo *a priori* – e abstraindo de todas as ligações históricas – afins naquilo que querem dizer. No que pretendem dizer, aquilo ao que o escritor, no caso, quis dizer, quis buscar. Uma das críticas à tradução está em ela não poder traduzir fielmente a intenção do artista. Nem sempre é possível ter o domínio, o conhecimento da língua de onde veio a obra: a tradução torna-se inevitável, na medida em que também recria.

Parte-se, então, da premissa de que a tradução é uma ponte entre duas línguas, entre dois sistemas culturais. O livro traduzido guarda elementos desses sistemas: o sistema de partida (a língua originária) e o sistema de chegada (a língua a que se traduziu). Sempre que uma tradução é feita, o tradutor tem em mente os dois sistemas: quais as diferenças entre eles, quais as semelhanças, quais as ligações que podem ser utilizadas para unir essas duas margens, são questões pertinentes ao processo de tradução.

Segundo a teoria de tradução de Paulo Henriques Britto:

A função da tradução é produzir um texto T^1 , que substitua um texto T , para que possa ser lido por pessoas que leem o idioma em que T^1 foi escrito, mas não o idioma em que T foi escrito. Deve haver, pois, uma determinada relação de correspondência entre T e T^1 , para que a leitura de T^1 possa ser considerada, até certo ponto e em muitas situações, como correspondendo a uma leitura de T , de tal modo que o leitor de T^1 possa dizer, sem faltar com a verdade, que leu T (BRITTO, 2012, p. 59).

Essa correspondência entre duas línguas é o objetivo da tradução. Achar as melhores soluções para que o sentido, o objetivo do autor, seja compreendido pelos leitores da língua de chegada.

Durante a pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais foram encontradas diversas edições da Sabiá, dentre elas, livros de autores nacionais e internacionais. Um dos elementos buscados na pesquisa foram os paratextos desses livros, para que se verificasse se continham algum dado relevante a respeito das obras.

Um dos paratextos encontrados no livro *Boquinhos Pintadas*, de Manuel Puig, possui a seguinte informação:

“O AUTOR chama seu romance de folhetim, e o divide em “Primeira Entrega”, “Segunda Entrega”, etc. Cada um desses Fascículos (como preferimos traduzir) tem como dístico um trecho de letra de tango ou bolero, que resolvemos deixar na língua original. O mesmo fizemos com letras de canções inseridas no texto. A linguagem de Juan Carlos, em seu diário, é cheia de erros de ortografia e expressões do lunfardo, a gíria portenha, mas decidimos não procurar equivalências em português. (SILVEIRA, 1970, p. 5).

Nessa citação há a preocupação dos editores e do tradutor em manter os termos originais da obra, para que se preservasse o máximo possível do teor do livro, suas expressões originais. Mesmo não tendo equivalência em português, foi feita essa escolha, de não traduzir certos termos do texto. É preciso lembrar que são edições pioneiras no Brasil, livros que nunca foram editados no país, e os editores quiseram manter as características originais da obra para uma tentativa de assimilação por parte dos leitores.

Essas notas, inseridas em algumas das traduções da Sabiá, fornecem pistas sobre as intenções dos editores em relação aos objetivos de se publicar tais livros. Em outro paratexto, contido no livro *O Enterro do Diabo*, de Gabriel Garcia Márquez, há uma particularidade em relação à tradução:

O título original do livro é *La Hojarasca* – literalmente, *a folharada* – no sentido que o Autor explica em sua nota-prefácio. Ali, e também em dois capítulos, em que aparece em grifo, preferimos deixar a palavra em espanhol. Quanto ao título em português, achamos que *O Entêrro do Diabo* é expressivo e adequado. (SILVEIRA, 1970, p. 6).

O tradutor Joel Silveira²³ adota o mesmo procedimento para ambos, de manter certos traços linguísticos do espanhol falado, vulgar – o lunfardo é uma gíria argentina e uruguaia, oriunda dos imigrantes italianos advindos de classes mais baixas de Buenos Aires. A leitura termina por ser enriquecida com termos desconhecidos e novos para o leitor, provenientes de diferentes realidades contidas na América Latina.

Paratextos são definidos como os demais elementos contidos em um livro, auxiliando a compreensão da obra em sua totalidade. Discursos auxiliares contidos nas capas, nas orelhas, nas folhas de guarda, no índice, nas notas de rodapé, configurando, então, um sustentáculo da obra em si.

Segundo o estudioso francês Jean Genette

Definir um elemento de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta onde?), sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (quando?), seu modo de existência, verbal ou outro (como?), as características de sua instância de comunicação, destinatador e destinatário (de quem? a quem?) e as funções que animam sua mensagem: para fazer o que? (GENETTE, 2009, p. 12).

Os paratextos carregam esses tipos de indagações, tendo como objetivo apresentar o livro ao mundo, ao público leitor, situá-lo. Ao lançar mão desses artifícios, a Sabiá tentava situar o leitor em relação a essa nova literatura que estava em evidência em 1968.

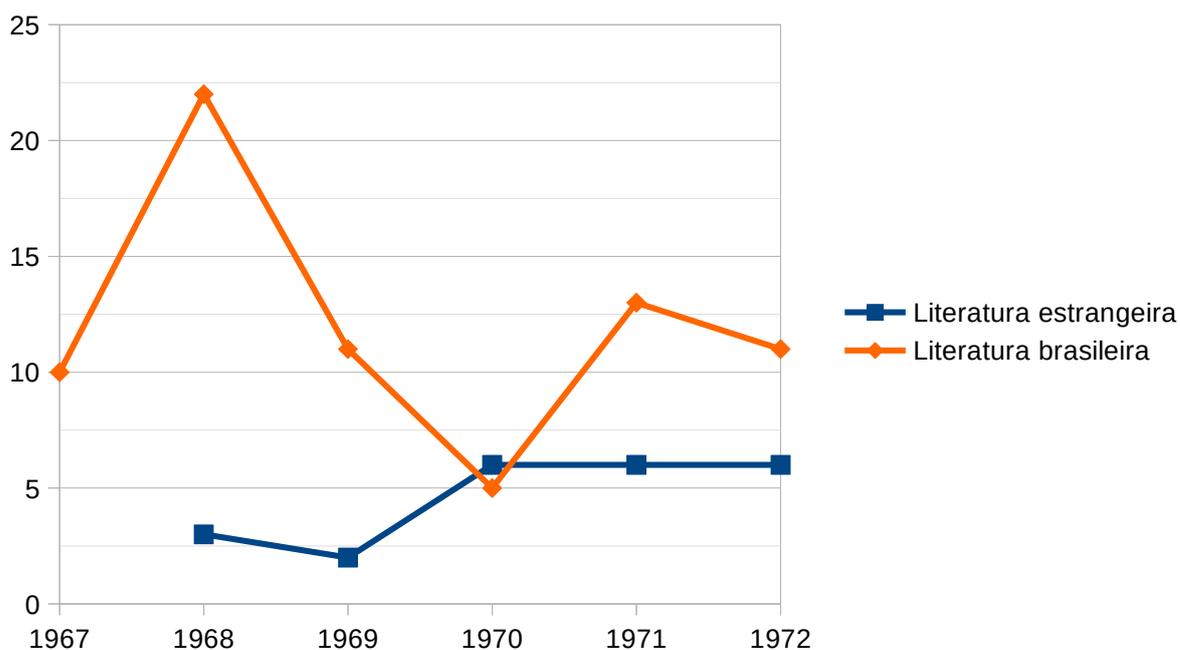
A editora não contava apenas com Silveira para traduzir, contava com outros tradutores, tais como Remy Gorga Filho, Maria Julieta Graña, Marly de Oliveira Moreira, José Sanz, Eliane Zagury, Édson Braga²⁴.

²³Joel Silveira (1918-2007) foi jornalista e escritor (com livro editado pela Editora do Autor, *Alguns Fantasmas*), atuando em jornais e revistas durante muitos anos, mostrando um caráter crítico à ditadura getulista, e como correspondente de guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Ferrari (2012), a partir de 1964, Silveira dedicou-se à tradução de autores de literatura, passando para o português diversos livros para a Editora Sabiá. É interessante perceber como esse conflito (a Segunda Guerra) influenciou em diversos níveis a Sabiá, como apontamos no capítulo anterior.

²⁴Remy Gorga Filho foi jornalista e tradutor, responsável pela tradução de *A Casa Verde*, de Mario Vargas Llosa. Maria Julieta Graña foi escritora e cronista, Marly de Oliveira Moreira foi poetisa e professora de literatura italiana e hispano-americana, traduzindo, juntas o livro *Borges, Nova Antologia Pessoal*, de Jorge Luis Borges. José Sanz foi editor, escritor e crítico de cinema, tendo coordenado a coleção de ficção científica da Sabiá, a Coleção Asteroide, traduziu os livros *Bill, Herói Galáctico*, de Harry Harrison. Eliane Zagury foi tradutora e professora universitária, traduzindo para a editora a poesia de Pablo Neruda, *Antologia Poética* e *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez. Édson Braga, jornalista e escritor, traduziu *Funerais da Mamãe Grande*, de Garcia

Para ilustrar o percurso das edições da Sabiá ano após ano, elaborei um gráfico ,em números gerais, para verificar como a editora articulou literatura estrangeira e literatura brasileira em seu catálogo:

Gráfico 1 – Livros de literatura (nacional e estrangeira) editados pela Sabiá de 1967 a 1972:



Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico indica que a Editora Sabiá publicou eminentemente literatura brasileira, tendo publicado seis livros de cunho político (5,35% de seu catálogo). Porém, os livros traduzidos propiciaram um crescimento financeiro para a editora possibilitando a publicação de literatura nacional. Segundo o gráfico, a partir de 1970, a Sabiá permaneceu com o mesmo número de livros estrangeiros publicados, percebendo-se um aumento substancial do número de livros de literatura brasileira. As vendas dos autores latino-americanos financiaram a publicação de literatura nacional (Fig. 32):

Figura 32 – Livros mais vendidos no *Jornal do Brasil*, de 18 de outubro de 1969²⁵

Os 10 livros mais vendidos no Rio	
NACIONAIS	ESTRANGEIROS
1. O MEU PÉ DE LARANJA-LIMA, de José Mauro de Vasconcelos, Edições Melhoramentos, NCr\$ 8,50.	1. MULHERES DE MÉDICOS, de Franl G. Slaughter, Editôra Eldorado, NCr\$ 16,00.
2. FLICTS, de Ziraldo, Editôra Expressão e Cultura, NCr\$ 18,00.	2. CEM ANOS DE SOLIDÃO, de Gabriel Garcia Marques, Editôra Sabiá, NCr\$ 15,00.
3. FABULA E CONTRAFABULA, de Henrique Pongetti, Editôra Pongetti, NCr\$ 10,00.	3. O GOLPE DE 63 NO PERU, de Victor Villanueva, Editôra Civilização Brasileira, NCr\$ 15,00.
4. RUA DESCALÇA, de José Mauro de Vasconcelos, Edições Melhoramentos, NCr\$ 9,00.	4. TEOREMA, de Pier Paolo Pasolini, Editôra Nova Fronteira, NCr\$ 15,00.
5. FORMAÇÃO ECONÔMICA DA AMÉRICA LATINA, de Celso Furtado, Lia Editôra, NCr\$ 15,00.	5. O PRIMEIRO-MINISTRO, de Arthur Hailey, Editôra Nova Fronteira, NCr\$ 16,00.

Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

Nesta lista percebe-se a presença de outros títulos políticos entre os mais vendidos, reforçando o momento editorial por que o Brasil passava, quando outras editoras como Brasiliense, Civilização Brasileira, Expressão e Cultura e Globo publicaram obras que refletiram a problematização dessa **questão social** América Latina.

Diante do sucesso da edição, a Sabiá tratou de publicar os outros livros de García Márquez, e também livros de outros autores latino-americanos. O sucesso do autor colombiano acontecera no Brasil, trazendo consigo demais autores dessa movimentação literária (Fig. 33):

²⁵ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/142606>. Acesso em jun. 2018.

Figura 33 – Propaganda dos livros latino-americanos na *Folha de São Paulo*, de 7 de junho de 1970²⁶

Roteiro para conhecer literatura latino-americana



**CEM ANOS DE
SOLIDÃO**



GABRIEL
GARCÍA
MARQUEZ

BORGES
NOVA ANTOLOGIA PESSOAL

Abaixo estão relacionadas as principais obras dos principais autores latino-americanos citados neste caderno e ainda as que estão traduzidas para o português. De algumas destas obras informamos ainda o seu preço. Os livros podem ser encontrados nas grandes livrarias da cidade.

Gabriel García Marquez

CEM ANOS DE SOLIDÃO 18,00
Editora **Sabiá**

OS FUNERAIS DA MAMÃE
GRANDE 14,00
Editora **Sabiá**

NINGUÉM ESCREVE AO CO-
RONEL 8,00
Editora **Sabiá**

LA HOJARASCA
A ser lançado brevemente pela
Editora **Sabiá** com o título "O
Veneno da Madrugada".

Jorge Luís Borges

NOVA ANTOLOGIA PESSOAL 14,00
Editora **Sabiá**

EL ALFPH
HISTORIA DE LA ETERNIDAD
FICCIONES
EVARISTO CARRIEGO
DISCUSION
OTRAS EQUISICIONES
HISTORIA UNIVERSAL DE LA
INFAMIA
EL HACEDOR

Miguel Ángel Asturias

WEEK-END NA GUATEMALA
Editora **Sabiá** Brasileira

O EMBaixADOR
Editora **Sabiá** Brasileira

Juan Rulfo

PEDRO PARAMO 4,00

Julio Cortázar

LAS ARMAS SECRETAS
62 MODELOS PARA AMAR
LOS PREMIOS
SINAL DEL JUEGO
TODOS LOS FUEGOS DEL
FUEGO
DE CRONÓPIOS Y DE FAMA

Vargas Llosa

LA CASA VERDE



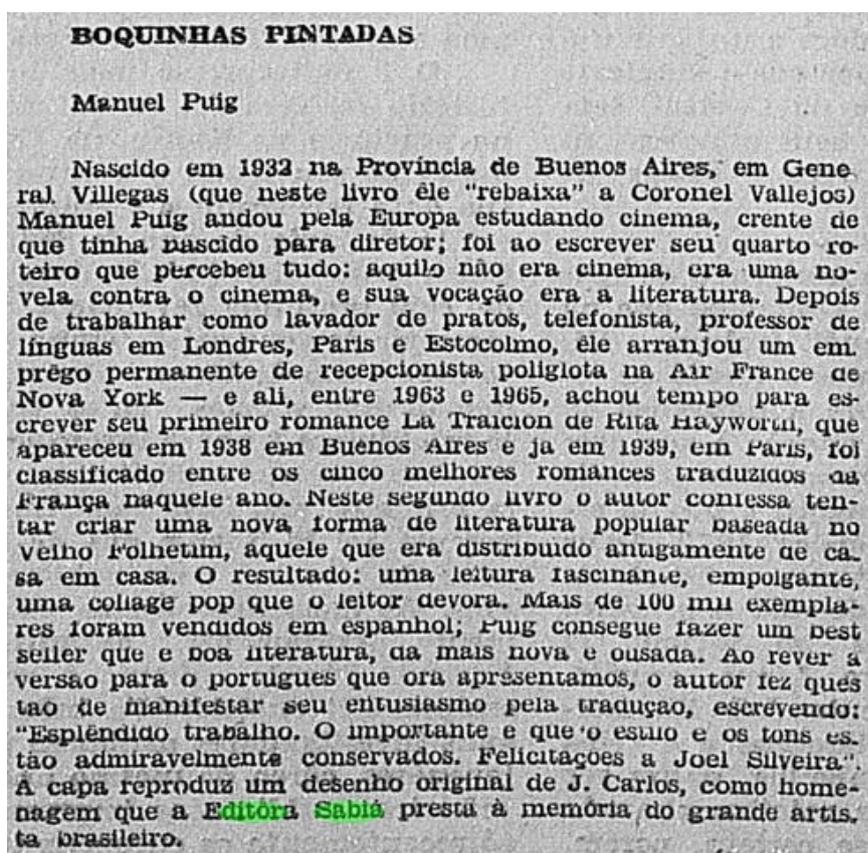
Fonte: Acervo *Folha de São Paulo*

Em 1970, a literatura latino-americana estava em evidência no Brasil, não apenas a Sabiá estava publicando livros desse segmento, outras editoras já tinham traduzido e lançado autores sul-americanos por aqui, mostrando que era viável, do ponto de vista financeiro, investir na publicação das obras do Boom.

²⁶ Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=3682&anchor=4346877&pd=07991dfd67f3bdeddee3b712503db286>>. Acesso em ag. 2018.

Outro livro publicado pela Sabiá foi *Boquinhos Pintadas*, do argentino Manuel Puig. Antes de publicá-lo no Brasil, Rubem Braga e Fernando Sabino se depararam com uma obra que trazia consigo uma venda de mais de cem mil exemplares vendidos em língua espanhola (Fig. 34):

Figura 34 – Matéria no Diário do Paraná sobre o livro *Boquinhos Pintadas*, de Manuel Puig²⁷



Fonte: Memória – Biblioteca Nacional

No final do texto o autor, Manuel Puig, agradece ao tradutor do livro, Joel Silveira, por ter preservado os traços originais da obra, como apresentamos anteriormente com o paratexto encontrado na edição, mostrando que a rede de amigos que a Sabiá tinha expandiu-se para fora do Brasil.

Isso ocasionou um crescimento da editora, para além dos planos iniciais dos editores. Se a ideia de editar livros nascia "do interesse (não menos digno) de editar

²⁷ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/761672/80433>>. Acesso em ag. 2018.

nossos próprios livros e, na medida do possível, os de nossos amigos” (SABINO, 1983, p. 12), a literatura estrangeira que resolveram lançar no Brasil, por motivações de ordem financeira, levou a Sabiá a um outro patamar, o patamar de uma empresa grande, consolidada, onde o capital financeiro era parte decisiva, junto aos outros elementos citados no capítulo 1 (capital social, humano). As traduções ocasionaram essa mudança de uma editora de amigos para uma editora onde os números e os valores envolvidos eram importantes. Não significa que antes, publicando os amigos, Rubem Braga e Fernando Sabino não se preocupavam com a saúde financeira da empresa, mas agora ela tinha um peso maior, visto as tiragens que as traduções latino-americanas vendiam.

4.3 – A Coleção Asteroide

Em 1970, a Sabiá lançou o primeiro volume da Coleção Asteroide, coleção dedicada à ficção científica. Em um primeiro momento, causa surpresa o fato de uma editora de literatura contemporânea, que editava romances, contos, crônicas, poesia e teatro, editar livros de ficção científica.

Conforme relata o crítico literário Fausto Cunha²⁸, em seu artigo “A Ficção Científica no Brasil”,

Antes de comprada pelo José Olympio, a editora Sabiá criara a coleção Asteroide, que ia ser dirigida por mim (o nome da coleção nasceu numa conversa minha com Rubem Braga a bordo de um avião para Curitiba, em 1968) e depois ficou entregue às boas mãos de José Sanz, um connoisseur com relações internacionais e escrupuloso tradutor. Apresentou ele títulos expressivos como *Solaris*, de Stanislaw Lem (redescoberto pelo público quando do lançamento do belíssimo filme que inspirou), *Carne*, de Philip J. Farmer, *O Homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick, *As Casas de Armas*, de A. E. van Vogt. (CUNHA, 2013).

José Sanz foi jornalista, crítico de cinema, diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna e ligado ao chamado Cinema Novo, movimento cinematográfico brasileiro, famoso nos anos de 1960 e 1970. Entusiasta do gênero de ficção científica, acabou por dirigir e traduzir livros para a Coleção Asteroide.

²⁸ Fausto Cunha foi um crítico literário, escrevendo em revistas e jornais, reconhecido como um dos grandes especialistas em ficção científica do Brasil.

Segundo Sainz, em entrevista ao jornal *Correio da Manhã*, de 31 de julho de 1972, o gênero (ficção científica) nasceu nos “primeiros relatos da Bíblia e da necessidade do homem de sonhar com situações fora da realidade” (SAINZ, 1972).

O gênero não era desconhecido no Brasil, ao contrário dos autores de livros de literatura latino-americana que a Sabiá vinha publicando. Segundo La Roque:

A Ficção Científica Brasileira com um universo literário a parte, passou a existir com as primeiras obras do paulista Jeronymo Monteiro (1908-1970), que em 1947 publicou, “Três Meses no Século 81” e, em 1948, “A Cidade Perdida”, criando regras e métodos próprios, além de formar um público específico. Até então, o que havia eram textos casuais de literatos como: Monteiro Lobato, Menotti Del Picchia, Gastão Cruls, Érico Veríssimo, Machado de Assis e Adalzir Bittencourt. Tais autores, até o final da década de 30 mencionavam em suas obras, universos remotos habitados por seres fantásticos, ambientes utópicos e voltados para a aventura. (LA ROCQUE, 2012, p. 77).

Ao lançar a Coleção Asteroide, a Sabiá não estava investindo em um gênero desconhecido no Brasil, a ficção científica estava em franca ebulição nos anos 60 e 70 do século XX, como relata Leonardo: Nos anos 60 e 70 do séc. XX o grande filão literário era o da ficção científica que fervilhava nos EUA, França, na extinta URSS e na Inglaterra, esta última considerada berço do gênero (LEONARDO, 2007, p. 3).

Era um momento oportuno para se publicar o gênero, diante também dos acontecimentos da época, como a exploração espacial, onde o cosmos era disputado pelos Estados Unidos e a antiga União Soviética.

Para uma melhor compreensão do gênero, Leonardo comenta a respeito:

Historicamente o conceito (de ficção científica) passou por diversas mudanças, e atualmente faz-se uma mistura tomando por base um tripé que inclui: ficção, fantasia e horror. Utilizaremos o conceito de verossimilhança quer em um conto, novela ou romance de F.C. por nos parecer apropriado ao entendimento das narrativas. A construção de uma ficção de hipótese pseudocientífica, ela mesma ficcional passa a ser construída com extrema liberdade. A F.C. apresenta-se como especulativa ou de antecipação. Tem também um caráter prescritivo, uma espécie de antecipação forçada e de reordenação de um mundo ditado por uma entidade superior. A F.C. e a literatura de ficção científica, como costuma acontecer com as rotulagens de obras antigas, passam a pertencer a lista de livros desse novo gênero inventado (LEONARDO, 2007, p. 7).

Ou seja, é um gênero que trata de histórias baseadas em hipóteses com base científica, com certa verossimilhança. Se não houver certa plausibilidade não será

ficção científica, mas **fantasia**. Porém, é preciso que existam elementos narrativos que a façam tornar-se **literatura**, não **ciência**. Elementos como personagens constituídos, tempo, enredo e espaço. Do contrário, não será literatura, e sim um relatório científico.

Foram editados inicialmente seis livros, a partir de 1970: *As casas de Armas*, de A. E. Van Vogt, *o Homem do Castelo Alto*, de Philip K. Dick, *O Rei das Estrelas*, de Edmond Hamilton, *O Homem Sintético*, de Theodore Sturgeon, *Carne*, de Philip José Farmer e *Solaris*, de Stanislaw Lem.

A Sabiá, graças a uma novidade inventada pelos seus editores, um clube de assinaturas chamado Clube Sabiá de Ficção Científica, conforme atesta a carta promocional da editora (disponível nos Apêndices) contribuiu para a popularização do gênero. A ficção científica passava pelo seguinte período:

De 1958 até hoje – Período Sincrético. Nesta fase emprega-se uma visão “Prometeica”, que vem após uma época pessimista. Este período sugere um novo homem que controle a máquina, a técnica, a ciência e não seja subjugado por elas. A paz, a concórdia e o bem-estar são teses dessa corrente, porém, sempre apoiadas na tecnologia e na ciência. A partir da década de 60, juntamente com as tendências New Age, Bossa Nova, reforça-se o tema da sexualidade (incomum na F.C.); remodelam personagens fundamentais do inconsciente humano: a heroína do tipo Barbarella, o monstro extraterrestre, o mocinho, criam nuvens inteligentes, vegetais racionais, etc. Embora tenham surgido algumas novidades, a ficção científica continua com a mesma estrutura: a fusão do medieval com o moderno e o futuro salpicados de imaginação e fantasia. Mas sempre com seu discurso próprio: o científico, sem dúvida um ponto positivo para o gênero (LEONARDO, 2007, p. 10).

Era um período interessante para a ficção científica, em que as mudanças sociais, comportamentais dos anos 1960 apareceram no gênero, mas mantendo uma mesma estrutura: o passado convivendo com o futuro.

O interessante é que a ficção científica, naquele determinado período do Brasil, representava outras coisas. Talvez a intenção de Rubem Braga e Fernando Sabino fosse, através do gênero, continuar a fomentar o citado pensamento crítico através dos livros, da literatura. Se a Sabiá, a partir de 1969, não publicava mais livros políticos e tinha voltado suas atenções somente para a literatura, ela também escolheu gêneros que continuassem a “educar” os leitores contra o regime de exceção: a literatura como articuladora de pensamento. Segundo La Rocque:

Desde o século XIX o gênero provou ser um veículo ideal para registrar tensões na definição da identidade nacional e do processo de modernização. Essas tensões são exacerbadas na América Latina e, por isso, a produção da ficção em países como Brasil, Argentina e México, grandes representantes desse gênero no continente, é muito mais politizada do que a escrita nos países do Norte. No Brasil, o gênero ajudou a refletir uma agenda política mais concreta e os escritores, ontem e hoje, estão mais intimamente envolvidos com os rumos futuros de seu país e usaram o gênero nascente não apenas para circular suas ideias na arena pública, mas também para mostrar aos seus compatriotas suas opiniões sobre a realidade presente e suas visões sobre um tempo futuro, melhor e mais moderno (LA ROCQUE, 2012, p. 77).

Os editores acabaram por escolher mais uma forma de combater: pela literatura de ficção científica. O conhecimento que ambos tinham do campo literário os fazia perceber que a literatura pode ser, sim, um meio de se criar uma mentalidade discordante, mesmo com um gênero como a ficção científica.

É claro que esse ponto de vista carrega uma carga de idealismo, que talvez Fernando Sabino e Rubem Braga quisessem apenas ganhar dinheiro com um gênero que estava em voga nessa época; porém, essa possibilidade não deixa de ser válida, como comenta Sainz na entrevista ao *Correio da Manhã*, em 1972:

Em Wells, o leitor sente a dimensão exata da ficção científica. O homem saindo para o espaço, lutando com outros seres, sentindo as disparidades de comportamento social. O homem se voltando para si, viajando no seu mundo interior, modificando pautas de comportamento, se confundindo, se exigindo, se superando (SAINZ, 1972).

4.4 – As edições da Coleção Asteroide

Cunha (1974) comenta que, em conversa com Rubem Braga, idealizaram a Coleção Asteroide. Depois dos lançamentos iniciais, foram editados mais dois livros da Coleção, *Bill, Herói Galáctico*, de Harry Harrison, e *O Homem Violento*, de A. E. Van Vogt, em 1972. Quando a Sabiá foi vendida à José Olympio, no final de 1972, a Coleção Asteroide continuou a ser editada pela nova proprietária, pois os contratos já tinham sido assinados.

Como se tratavam de livros estrangeiros, em língua inglesa, a Sabiá formulou um contrato em inglês (mostrado na íntegra nos Apêndices). Conforme pesquisa na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, foram encontrados três contratos de edições:

dos livros *As Casas de Armas* e *O Homem Violento*, de A. E. Van Vogt e *O Matador*, de Colin Wilson.

Em comparação com os contratos de autores nacionais (também em anexo), a Sabiá, conforme registrado no item 3 do contrato de *O Homem Violento*, de A. E. Van Vogt:

3. The PUBLISHERS shall pay to the PROPRIETORS the sum of 100 (one hundred) U. S. dollars, payable on signature of this Agreement.

3. Os EDITORES pagarão aos PROPRIETÁRIOS a quantia de 100 (cem) dólares americanos, pagáveis na assinatura deste Acordo. (ACERVO DE OBRAS RARAS – BIBLIOTECA NACIONAL)

A editora pagava ao autor a quantia de 100 dólares americanos para a assinatura do contrato, não ocorrendo com os autores brasileiros, no entanto, qualquer tipo de pagamento na assinatura do contrato. Em outro contrato, para *O Matador*, de Colin Wilson, o percentual de pagamento é outro, cerca de 200 dólares americanos:

2. The Publishers shall pay to the Author as an outright sum for an edition of 3,000 (three thousand) copies the sum of \$200 (two hundred US dollars) which sum shall be payable upon signature of this agreement. For all further editions of the Work the Publishers shall pay to the Author a sum to be mutually agreed.

2. Os Editores deverão pagar ao Autor uma quantia e uma quantia total de 3.000 (três mil cópias), a quantia de \$ 200 (duzentos dólares americanos), cujo pagamento será pago após a assinatura deste contrato. o Trabalho dos Publicadores deverá pagar ao Autor uma quantia a ser mutuamente acordada. (ACERVO DE OBRAS RARAS – BIBLIOTECA NACIONAL).

Esse procedimento, de pagar ao autor estrangeiro uma quantia para a assinatura do contrato, ocorreu para convencer o autor a editar seu livro com a Sabiá, e não com outra editora.

Havia também, no contrato de *As Casas de Armas*, uma cláusula que mencionava o pagamento de *royalties* por percentual de venda:

a) A royalty of 6% (six per cent) shall be paid on the first 5.000 (five thousand) copies, 8% (eight per cent) on from 5.000 – 10.000 (five thousand to ten thousand) and 10% (ten per cent) thereafter.

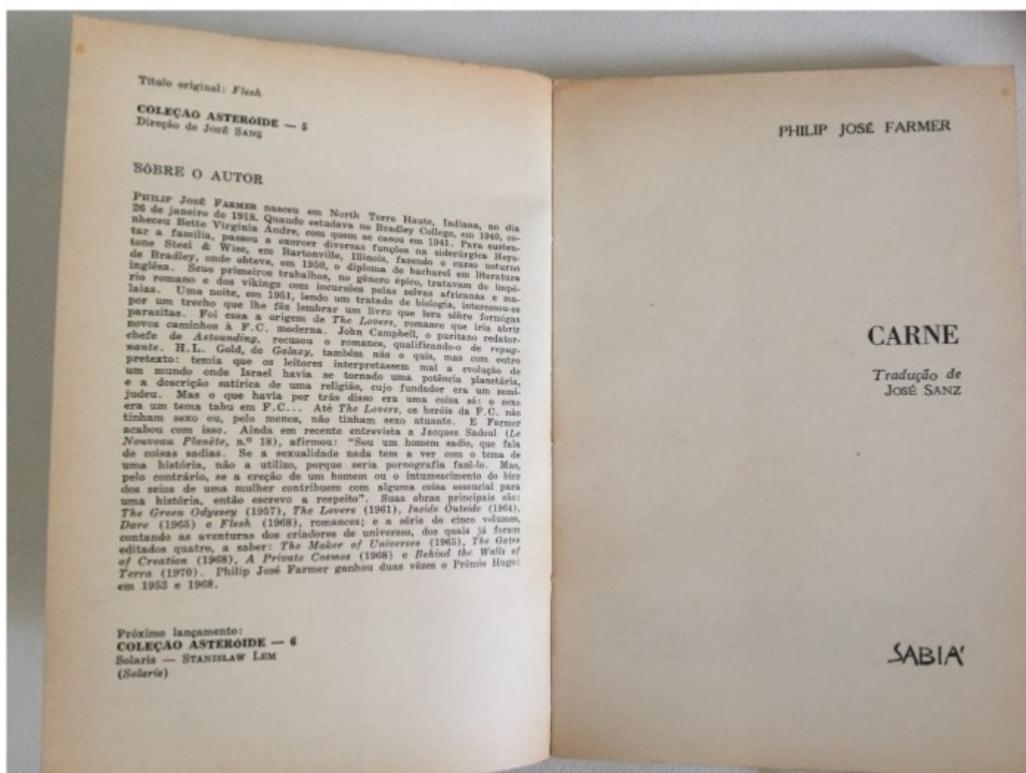
a) Serão pagos royalties de 6% (seis por cento) nos primeiros 5.000 (cinco mil) exemplares, 8% (oito por cento) de 5.000 – 10.000 (cinco mil a dez mil)

e 10% (dez por cento) depois. (ACERVO DE OBRAS RARAS – BIBLIOTECA NACIONAL).

Era uma espécie de premiação pela venda de livros. Nos outros dois contratos, essa cláusula foi suprimida, quase igualando os contratos e tratamento dado aos autores brasileiros e estrangeiros, exceto pelo fato deles, os estrangeiros, receberem de 100 a 200 dólares por assinatura de contrato, coisa que não ocorria com autores nacionais. Porém, as diferenças entre esses contratos em língua inglesa são pequenas, com alguns elementos diferentes entre si, de acordo com a legislação do país de onde veio o livro.

A Coleção foi ideia de (mais) um amigo dos editores da Sabiá, trazendo para o catálogo da editora um gênero de romance que não era desconhecido no Brasil, mas devido à influência de Cunha, essa coleção foi publicada. Os livros que a compõem possuem elementos que diferem dos outros livros da Sabiá. Há mais material em volta do texto do livro, há mais paratextos para embasar as edições. (Fig. 35):

Figura 35 – Biografia de Philip José Farmer no livro *Carne*



Fonte: Acervo pessoal do autor

Todos os livros da Coleção possuem biografias, textos na contracapa e na primeira orelha. Como diz Genette (2009, p. 29): “uma prática que o costume anglo-americano designa com o sugestivo termo *blurb* (ou, mais ao pé da letra, *promotional statement*), equivalente ao nosso *blá-blá-blá* ou *conversa de vendedor*”, ou seja, uma maneira de promover os livros da Coleção Asteroide.

No volume escrito por Harry Harrison, *Bill, Herói Galáctico*, o texto da contracapa é escrito, curiosamente, pelo próprio autor: ele mesmo se autopromove. O livro de Philip José Farmer, *Carne*, tem na contracapa elogios de diferentes procedências. Um dos comentários é de autoria de Roger Zelazny, escritor de ficção científica, e os outros são comentários de revistas especializadas do gênero: *Galaxie*, *Publishers Weekly* e *Fantasy and Science Fiction*.

No livro de Stanislaw Lem, *Solaris*, o texto da contracapa foi escrito pelo escritor, engenheiro químico e espião franco-polonês Jacques Bergier. Na quarta capa do livro de Philip K. Dick, *O Homem do Castelo Alto*, três comentários aparecem, mas são de outros autores, de outras revistas especializadas: a citada *Galaxie*, *Worlds of If* e *New Worlds*. Portanto, esses paratextos funcionam como legitimações da crítica segmentada, especializada, informando o leitor a respeito desses autores, ainda desconhecidos no Brasil. Recursos, portanto, visando uma propaganda, um marketing dos livros.

Portanto, foram edições que tiveram elementos adicionais, com fins promocionais, diferentes das demais. As edições latino-americanas também têm biografias, mas não com essa evidência, na folha de guarda da edição. O objetivo era apresentar os autores, que eram editados pela primeira vez no Brasil.

Diante de tais números, das grandes vendas dessas traduções da Sabiá, a editora tomou outro rumo. Houve uma mudança de mentalidade. Não apenas os editores, seus amigos, seu círculo de relações, publicavam seus livros.

Isso ocasionou uma mudança de rumo para a editora, junto a outros fatores, que fizeram com que Rubem Braga e Fernando Sabino se desencantassem com sua bem-sucedida editora. O foco não era mais esse pequeno grupo coeso de cronistas, poetas, romancistas, o foco passou a ser o capital, e pensar apenas no capital não estava em seus planos. A Editora Sabiá passou a bater asas para longe deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a duração do mestrado, da investigação, foi sempre pensada a questão da importância do suporte na literatura, em especial a literatura brasileira. De como uma editora poderia influenciar a leitura no país, como decisões editoriais modificam toda a recepção de um livro de literatura pelo público leitor.

Rubem Braga e Fernando Sabino pularam, por determinado tempo, para o lado de lá do livro: de autores, foram editores. Dois escritores consagrados, legitimados, resolveram eles mesmos publicar seus livros. Depois de um começo avassalador em 1960, a Editora do Autor, a primeira investida dos dois novos editores, prosseguiu editando os próprios livros e de outros autores, evidenciando todo um conjunto de relações, em vários níveis (no campo social, jornalístico, literário, político) que Rubem Braga e Fernando Sabino construíram até então.

Imbuídos dessa primeira experiência editorial, fundaram em 1967, outra editora, maior, mais robusta, uma continuidade da primeira, a Editora Sabiá, que se manteve ativa até 1972. Foram doze anos de intensa atividade editorial, considerando o tempo de vida da primeira empreitada. Doze anos em que importantes livros, nacionais e estrangeiros, foram publicados no país, em uma época muito difícil na história do Brasil. Esses editores não ficaram indiferentes ao que acontecia à sua volta, trataram de manifestar suas inconformidades através do livro, do suporte impresso. Rubem Braga já manifestara essa postura ao protestar, em jornal, contra a prisão do editor Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, em 1965, e voltou a criticar a prisão dos donos da gráfica, em 1968, onde era rodado o livro *Nossa Luta em Sierra Maestra*, posteriormente censurado.

A falta de estudos mais aprofundados sobre a Sabiá, pois há ainda menos documentos sobre a Editora do Autor, foi o que motivou a pesquisa. Um dos poucos casos dentro da literatura brasileira em que um autor controlou o processo de edição de um livro, seu e de outros autores. E as informações disponíveis sobre isso motivaram uma busca mais ampla, em centros de pesquisa, públicos e privados, bibliotecas para que essa história pudesse ser melhor compreendida.

Certas decisões dos editores mudaram o curso da Sabiá. De uma editora de amigos que planejavam se publicar, tornou-se algo maior e mais importante do ponto de vista financeiro. Se era essa a intenção de escritores-editores? Seria um pouco arriscado dizer que a Sabiá nasceu somente para editar esse grupo, de autores brasileiros, pois diante da oportunidade de publicar os romances latino-americanos que faziam tanto sucesso na época, era algo irrecusável diante das expressivas vendas dos livros nos demais países da América do Sul. Havia a motivação financeira sim, era preciso fazer o caixa da editora, mas essa decisão, aliada a outros acontecimentos, orientou a Sabiá para outros caminhos, e aí, o capital era o centro das atenções, não mais apenas o fator social, de reunir os amigos em festivos lançamentos.

Alguns acontecimentos favoreceram essa mudança de paradigma para a Sabiá. Para Sabino, em um determinado momento da editora, as coisas acabaram por tomar um rumo que não gerou tanto interesse para eles.

Os amigos, os outros autores pertencentes ao grupo, de certa forma, foram cuidar de suas vidas, foram ter outros projetos: Vinícius, cada vez mais entretido com sua carreira musical; Sérgio Porto falecendo em 30 de setembro de 1968, o mesmo ano que a editora começou a publicar as obras latino-americanas. Não que eles todos deixassem de ser amigos e próximos, mas outros fatos vão ocorrendo na vida, novos livros vão aparecendo, outros autores e autoras se apresentam fora de seu círculo de relações. Era esse mesmo o objetivo da Sabiá, ser uma empresa profissional, ou mesclar uma atividade séria com amizades e convívio social?

Desse modo, pode-se concluir que, a partir da entrada dos autores estrangeiros e o afastamento de membros desse grupo, tudo isso contribuiu para que a Sabiá tivesse o foco apenas no dinheiro, no capital, não na reunião de amigos, festivos lançamentos e confraternizações. Eles queriam ganhar dinheiro, presume-se, mas a editora cresceu tanto que fugiu ao controle, a ponto de, certo dia, Sabino entrar na sede da Sabiá e ver um relógio de ponto e funcionários que nunca tinha visto, estranhando a proporção que a editora tinha tomado.

Não se trataria, então, de uma empresa? Será que isso tudo, empresa, sede, contratos com muitos autores, negociação com bancos, prazos, era o que eles queriam, desde o início? No entanto, devido justamente a essa reunião de diferentes

prestígios (os capitais simbólicos já discutidos aqui), a editora teve lucro, as vendagens eram altas e geravam retorno financeiro. Mas, a partir de 1968, eles começaram a lidar com autores estrangeiros, de outras procedências, com diferentes carreiras literárias (Fig. 36):

Figura 36 – Matéria publicada na *Folha de São Paulo*, de 23 de junho de 1971³⁰

Caduquice ou deturpação

RIO (Sucursal) — Apesar de não conhecer a obra de Balzac, "A Procura do Absoluto", o escritor Fernando Sabino disse ontem não acreditar que Gabriel Garcia Márquez tenha plagiado o autor francês no seu romance "Cem anos de Solidão", que já vendeu mais de 50 mil volumes no Brasil.

Sabino, um dos diretores da **Editora Sábá**, que publica no Brasil as obras de Garcia Márquez, conheceu Asturias em 1966, num congresso internacional do Pen Club, realizado em Bred, Iugoslávia, e naquela época o escritor guatemalteco pareceu-lhe "perfeitamente lucido e inteligente". Asturias, segundo o jornal francês, disse que há grandes semelhanças entre os personagens e a trama de "A Procura do Absoluto", e "Cem Anos de Solidão", que levam a pensar num "quase plágio".

Caduquice ou deturpação

"Hoje é possível que Asturias esteja "gaga", mas é evidente que não há plágio de Balzac no romance de Garcia Márquez", diz Fernando Sabino. "Acredito que houve deturpação das declarações de Asturias e o fato de haver afinidades e pontos comuns entre as duas obras não constitui um fundamento suficiente para a acusação de plágio."

O plágio em literatura, segundo Fernando Sabino, é uma questão muito difícil de constatar e, pessoalmente, só se recorda de "um caso famoso", apontado por ele em 1944. Nessa época, Sabino "por acaso" traduzira o romance "Rebeca", de Daphne de Maurier, e observou que era muito semelhante ao livro de Carolina Nabuco, "A Sucesso-

ra". O romance da escritora brasileira havia sido traduzido para o inglês e na época ele denunciou o plágio, juntamente com Alvaro Lins, que escreveu uma série de artigos. "Rebeca" foi levado ao cinema por Alfred Hitchcock.

"Se Garcia Márquez serviu-se de Balzac, para escrever "Cem Anos de Solidão", foi de modo legítimo. A considerar isso como plágio, então o "Ulisses", de James Joyce, seria plagiado da "Odisséia", de Homero. Acredito que Asturias deve desmentir ou retificar as suas declarações", diz Sabino.

11.ª edição

O primeiro livro de Garcia Márquez foi publicado no Brasil em 1969 e a primeira edição esgotou-se logo. Hoje, "Cem Anos de Solidão" já está na 11.ª edição, com mais de 50 mil volumes publicados. Os outros romances de Garcia Márquez também foram "best-sellers", com suas edições esgotando-se rapidamente: "Ninguém Escreve ao Coronel", "Os Funerais da Mãe Grande", "Veneno de Madrugada" e "Enterro do Dia-bo".

Atualmente, Garcia Márquez está concluindo novo romance que também será editado no Brasil. Das suas obras, apenas uma não foi publicada aqui: — "Relato de um Naufrago", que reúne uma série de reportagens.

Numa carta recente a Rubem Braga, diretor da **Editora Sábá**, Garcia Márquez diz que não pretende vir ao Brasil porque está "assustado" com a sua popularidade e tem medo que suas aparições em público convertam-se em "espetáculos"

Fonte: Acervo *Folha de São Paulo*.

Os números mostrados nessa matéria são altos, cinquenta mil livros em circulação e todos os outros títulos do autor esgotados. O sucesso era tamanho, que Garcia Márquez não quis saber de badalações e lançamentos de livros. Ora, isso

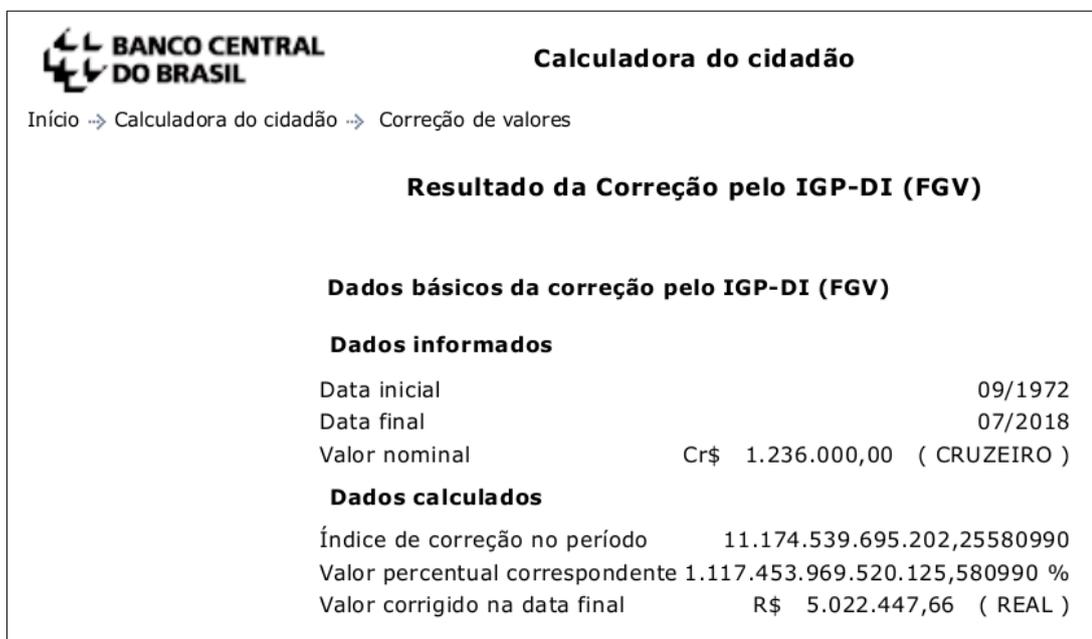
³⁰ Disponível em: < <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=4063&anchor=4366694&pd=86f71cb6cae4179cf5597ab487395cae>. Acesso em jul. 2018).

contradizia o que Sabino e Braga queriam, inicialmente, que era fazer uma editora festiva, descontraída, um motivo para reunir os amigos em torno de uma produção literária em comum. A partir dos autores latino-americanos, a Sabiá cresceu, transformando-se em uma empresa grande, com funcionários, relógio de ponto e papel timbrado. O foco passou a ser outro.

Então, Sabino e Braga perceberam que era preciso empenhar mais tempo, mais trabalho para continuar com a Sabiá que, naquela época, se tornara representativa para a literatura brasileira, diante das vendas apresentadas.

A argumentação de Fernando Sabino e Rubem Braga é que eles não eram empresários, não nasceram para conduzir uma empresa, que isso estava tirando o tempo para escrever suas próprias obras. Ou sacrificavam parte de seu tempo para a escrita em prol de uma editora rentável ou continuavam a escrever sua literatura. A venda da editora para a José Olympio, rendeu-lhes a soma de Cr\$ 1.236.000,00 (um milhão e duzentos e trinta e seis mil cruzeiros). Esses valores, atualizados segundo o critério da página do Banco Central do Brasil, são (Fig. 37):

Figura 11 – Valores atualizados da venda da Editora Sabiá, em 1972³¹:



BANCO CENTRAL DO BRASIL

Calculadora do cidadão

Início → Calculadora do cidadão → Correção de valores

Resultado da Correção pelo IGP-DI (FGV)

Dados básicos da correção pelo IGP-DI (FGV)

Dados informados

Data inicial	09/1972
Data final	07/2018
Valor nominal	Cr\$ 1.236.000,00 (CRUZEIRO)

Dados calculados

Índice de correção no período	11.174.539.695.202,25580990
Valor percentual correspondente	1.117.453.969.520.125,580990 %
Valor corrigido na data final	R\$ 5.022.447,66 (REAL)

Fonte: Banco Central do Brasil.

³¹ Disponível em: <<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores>>. Acesso em jul. 2018.

Portanto, a venda foi rentável para os donos da Sabiá, possibilitando que voltassem ao seu lugar de origem, como autores. Segundo o contrato de venda para a José Olympio, mostrado em anexo (cláusula Quinta, item 5.4), Rubem Braga e Fernando Sabino, durante os três anos seguintes à venda da editora, não poderiam fundar outra editora nem exercer atividade editorial semelhante. Ou seja, não poderiam mais atuar como editores em uma empresa que rivalizasse com a José Olympio. Era o fim da carreira de editores de Rubem Braga e Fernando Sabino.

Sabino, posteriormente, aventurou-se pelo cinema, fundou a Bem-Te-Vi Filmes, em parceria com David Neves, documentando feiras internacionais para o governo do Brasil (mostrando que continuava a ter boas relações com o governo, mesmo tendo publicado livros de esquerda, contestadores), documentários diversos e os renomados curtas-metragens sobre autores brasileiros. A experiência editorial na Sabiá serviu para que Sabino tomasse total controle de sua obra, pois comprou de sua própria editora os direitos de publicação de seus livros, inclusive, editando ele mesmo, depois de vender a editora. Quando a Editora Record passou a publicar suas obras, em 1975, Sabino, em acordo com Alfredo Machado, tinha, dessa forma, direito a um percentual maior do que os 10% de direitos autorais de praxe. Cuidando pessoalmente dos projetos gráficos dos livros, sem interferência externa, Sabino influenciou diretamente a recepção de suas obras no meio literário, tendo eles uma feição própria, independente do padrão gráfico da Record.

Já Rubem Braga recebeu um convite de seu amigo Armando Nogueira, diretor de jornalismo da Rede Globo, depois de conversar com Walter Clark e Otto Lara Resende. Seria interessante para a emissora ter a sua colaboração, através de textos sobre os temas que preferisse. A proposta era a de que Rubem Braga não precisaria ir à redação da emissora, pois haveria um *office boy* para buscar os textos e, em relação ao salário, ganharia o dobro do que o jornal pagava.

Braga, mesmo depois de ter protestado em jornal contra a prisão de Ênio Silveira e contra a prisão dos donos da gráfica que imprimia o livro que **ele mesmo** tinha mandando rodar, em atos de desagrado com a repressão da ditadura, foi trabalhar na principal rede de televisão do país, ganhando o dobro do que ganhava em jornal, e sem sair de casa. Essa **segurança institucional** discutida no Capítulo 1

garantiu a ele e a Sabino lugares de destaque, ou melhor, possibilitou a continuidade de suas carreiras.

Por fim, o maior legado da Editora Sabiá foi ter sido uma editora orientada por valores não apenas financeiros, e sim por fatores literários e ideológicos. O aspecto literário resume-se em prestigiar gêneros desprezados por outras editoras, como conto, poesia e crônica, dando uma feição moderna à figura do cronista. A crônica já existia sob a pena de Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac, entre outros. Mas naquela altura da literatura brasileira, sob a influência modernista, segundo Cândido (2003) ela foi se aprimorando até desembocar em Rubem Braga, talvez o mais notório cronista do país. E o cronista foi editor também, influenciando além da literatura, a edição de livros no Brasil. Um papel ainda não estudado seriamente, mas sobre o qual se conclui que, juntos, Fernando Sabino e Rubem Braga mudaram o rumo da literatura brasileira. Sobretudo diante de uma época marcada por um brutal regime de exceção, que censurava, torturava e matava quem se opusesse a ele. Usaram então os livros, a leitura, como meio de tomada de consciência. Havia outros meios de lutar contra um regime autoritário, no entanto o livro, como fator de luta, foi o meio que Rubem Braga e Fernando Sabino escolheram para fomentar a formação desse pensamento crítico, tão necessário nos dias de hoje.



REFERÊNCIAS

ALLEN, David L. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

ANDRADE, Pedro. [**Correspondência**]. Destinatário: Otto Lara Resende. Rio de Janeiro, dez. 1968. 1 carta.

ANDRADE, Olímpio de. **O livro brasileiro**. Brasília: INL; Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Organização de Lúcia Castello Branco. Tradução de Karlheinz Barck e outros. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.

BETELLA, Gabriela Kvacek. A lealdade da busca: Fernando Sabino fala sobre os outros e encontra ele mesmo, ou vice-versa. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 9, n. 1-2, jan/jun, jul/dez 2005, p. 123-134.

BIGNOTTO, Cilza C. **Figuras de autor, figuras de editor**: as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925). São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BLOCH, Arnaldo. **Fernando Sabino**. Rio de Janeiro: Relume, 2005.

BORNATTO, Suzete P. A seleção brasileira de escritores nos livros didáticos dos anos 70. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 51, jan./mar. 2014, p. 85-101.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Coisas ditas**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1990.

_____. O campo econômico. In: **Revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, no 119, setembro de 1997, p. 48-66. Tradução de Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa, Fim de Século, 2003.

_____. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas, Papyrus Editora, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007

BRAGA, Rubem. **Crônicas da Guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. [Correspondência]. Destinatário: Otto Lara Resende. Rio de Janeiro, 19 fev. 1968. 1 carta.

_____. [Correspondência]. Destinatário: Otto Lara Resende. Rio de Janeiro, 24 jul. 1968. 1 carta.

BRAGANÇA, Aníbal. Sobre o editor. Notas para sua história. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, jul./dez. 2005, p. 219-237.

BRANCO, Lucia Castello. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUSATO, Jonathan Mazzone. **O Escritor como Editor**. 2005. 134f. Trabalho de conclusão de curso. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Um general na biblioteca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. **A vida ao rés-do-chão**. . São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99. (Coleção Para Gostar de Ler: Crônicas. v. 5)

CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga**: um cigano fazendeiro do ar. 2ª edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.

CHARTIER, Roger (Org.). **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora da UNESP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Pastoral. Gaudium et Spes**. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em ag. 2018.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. número de folhas.Tese (doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

DAVIES, Gill. **Gestion de Proyectos Editoriales**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2005.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

FERNANDES, Millor. [**Correspondência**]. Destinatário: Otto Lara Resende. Rio de Janeiro, 16 dez. 1967. 1 carta.

FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937-1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo**. São Paulo: Editora FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2005.

HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

INTERCOM, **Enciclopédia de comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LA ROCQUE, Lucia de. Literatura e imagens de ficção científica: perspectivas entre as ciências e as artes, relações possíveis para a formação de professores no ensino de ciências. In: HARRIS, Leila Assumpção. **A Voz e Olhar do Outro**. Volume IV. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

LEONARDO, Edivaldo Marcondes. **A ficção científica no Brasil nas décadas de 60 e 70 e Fausto Cunha**. Dissertação de mestrado (Teoria Literária). Universidade Estadual Paulista, 2007.

LIMA, Kelly Pereira de. **Onde estão os livros censurados?:** ainda os efeitos de 64 nas coleções de bibliotecas. Dissertação de mestrado (Ciências da Informação) – Universidade Federal Fluminense, 2016.

MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARQUES, Reinaldo. **Arquivos Literários**. Teoria, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MOUTINHO, Nogueira. **O oceano, esse desconhecido**. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 abr. 1971. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=4000&anchor=5409723&pd=bb8bbcd02042dce8c739225d9c4b8607>>. Acesso em ago. 2018.

MUNIZ JR., José de Souza. Intelectuais do livro: espaços de formação e autorreflexão do espaço editorial no Brasil e na Argentina. In: **GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação**, evento componente do **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, LOCAL, 2014.

PAIXÃO, Fernando. **José Olympio**: um editor de risco. Estudos Avançados, v.22, n. 64, 2008.

PANIZZOLO, Claudia. **Ênio Silveira e a Companhia Editora Nacional**: uma grande ofensiva cultural. **Quaestio** – Revista De Estudos de Educação, Ano 05, n. 02, nov. 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

PROGRAMA RODA VIVA. **Entrevista com Fernando Sabino**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-0YwkdS2igE>>. Acesso em: 04 out. 2015.

WELLER, André (Dir.). **RUBEM Braga** – Olho as Nuvens Vagabundas (Canal Brasil). Direção e Produção de André Weller. Rio de Janeiro: André Weller, 2014.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DUPGbSmmg78>>. Acesso em: dia fev. 2018.

RAMA, Ángel. **El Boom em Perspectiva**. Tradução de La crítica de la cultura en América Latina. LOCAL: Biblioteca Ayacucho, S/D. p. 266 – 306.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro, 1960-1990**. São Paulo: COM-ARTE FAPESP, 1996.

RIBEIRO, Ewerton Martins. Retrato de um escritor bifurcado e de sua paixão pela literatura: um biografema de Fernando Sabino com foco no livro *Zélia, uma paixão*. 2015. NÚMERO DE FOLHAS. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

SABINO, Fernando. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **Gente**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1975.

_____. **O tabuleiro de damas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. As várias vidas de Rubem Braga. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQDabJnVE60&t=91s>>. Acesso em: dia ago. 2018.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

SILVEIRA, Natália Stefanini da. **Padrões de movimentação de sabiás (*turdus ssp. turdiae*) em paisagens fragmentárias**. 2015. número de folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas). Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2015.

SHIFFRIN, Andre. **O negócio dos livros**. São Paulo: Casa da Palavra, 2006.

STEEN, Edla Van. **Viver e escrever. V.2**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

TEIXEIRA, Gisela Cardoso. Jornalismo e Literatura em tempos da Segunda Guerra Mundial: uma análise discursiva dos textos de George Orwell e Rubem Braga. In: **VII MOSTRAD - Mostra de Trabalhos em Análise do Discurso**, 2017, Belo Horizonte. VII MOSTRAD - Caderno de Resumos, 2017. p. 22.

THOMPSON, John B. **Mercadores de Cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

VALENTE JUNIOR, Valdemar. Memória da crônica moderna do Rio de Janeiro. **Estação Literária**, Londrina, v. 11, jul. 2013, p. 41-50.

WERNECK, Humberto. Um gênero tipicamente brasileiro. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 2.

ANEXOS

1967:

Vinicius de Moraes – *Antologia Poética* (poesia).
Rubem Braga – *A Traição das Elegantes* (crônicas).
Fernando Sabino – *A Inglesa Deslumbrada* (crônicas).
José Carlos Oliveira – *A Revolução das Bonecas* (crônicas).
Paulo Mendes Campos – *Hora do Recreio* (crônicas).
Vinicius de Moraes – *Livro de Sonetos* (poesia)
Stanislaw Ponte Preta – *Febeapá – 2* (crônicas).
Fernando Sabino – *A Mulher do Vizinho* (crônicas).
João Cabral de Melo Neto – *Morte e Vida Severina* (teatro)
Stanislaw Ponte Preta – *Febeapá – 1* (crônicas).

1968:

Fernando Sabino – *O Homem Nu* (crônicas).
João Cabral de Melo Neto – *Poesias Completas* (poesia)
Márcio Moreira Alves – *O Cristo do Povo* (Coleção *Hora e Vez do Brasil*) (relatos).
D. Hélder Câmara – *A Revolução dentro da Paz* (Coleção *Hora e Vez do Brasil*).
(religioso).
Clarice Lispector – *A Paixão segundo G.H.* (romance)
Luiz Lopes Coelho – *A Idéia de Matar Belina* (romance)
Vinicius de Moraes – *Para Viver um Grande Amor* (crônicas e poesia)
Murilo Mendes – *A Idade do Serrote.* (biografia)
Ernesto Che Guevara – *Nossa Luta em Sierra Maestra* (relatos).
Pablo Neruda – *Antologia Poética* (poesia).
Pero Vaz de Caminha – *Carta a El Rey D. Manuel* (história).
Fernando Sabino – *O Encontro Marcado* (romance).
Carlos Drummond de Andrade – *Boitempo* (poesia).
Stanislaw Ponte Preta – *Tia Zulmira e Eu* (crônicas).
Stanislaw Ponte Preta – *Na Terra do Crioulo Doido* (crônicas).
Stanislaw Ponte Preta – *Primo Altamirando e Elas* (crônicas).
Stanislaw Ponte Preta – *Garoto Linha Dura* (crônicas).
Stanislaw Ponte Preta – *Rosamundo e os Outros* (crônicas).
Chico Buarque de Holanda – *Roda-Viva* (teatro).
Clarice Lispector – *A Mulher que Matou os Peixes.* (romance).
Maria Cristina D. Leal – Lysette A. Gomes Raymundo/Murilo Leal – *Aprendendo a Estudar (I/Linguagem)* (didático).
Maria Cristina D. Leal – Lysette A. Gomes Raymundo / Cláudio Murilo Leal – *Aprendendo a Estudar (II/Matemática)* (didático).
Marco Aurélio Matos e Fernando Sabino – *O Evangelho das Crianças.* (religioso).
Jorge de Lima - *Antologia Poética.* (poesia).
Clarice Lispector - *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres.* (romance).
Gabriel García Márquez – *Cem Anos de Solidão* (romance).
João Cabral de Melo Neto – *Antologia Poética* (poesia).
R. Magalhães Júnior – *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio* (Coleção *Hora e Vez do Brasil*) (político).

Rubem Braga – *O Conde e o Passarinho*. 4ª edição (crônicas).

1969:

Rubem Braga – *A Borboleta Amarela*. 4ª edição (crônicas).

Rubem Braga – *Ai de Ti, Copacabana!* 5ª edição (crônicas).

Fernando Sabino – *A Companheira de Viagem* (crônicas).

João Cabral de Melo Neto – *Morte e Vida Severina (Edição de Bolso)* (teatro).

Carlos Drummond de Andrade – *Contos de Aprendiz* (contos).

Oswaldo França Júnior – *Um Dia No Rio* (romance).

Paulo Mendes Campos – *O Anjo Bêbado* (crônicas).

Manuel Bandeira – *Antologia Poética* (poesia).

Gabriel García Márquez – *Ninguém Escreve ao Coronel* (romance).

Clarice Lispector – *Perto do Coração Selvagem* (romance).

Jorge Luis Borges – *Nova Antologia Pessoal* (poesia).

Fernando Sabino – *Medo em Nova Iorque – A Cidade Vazia* (crônicas).

Rubem Braga e Carlos Scliar – *Caderno de Guerra* (crônicas).

1970:

Gabriel García Márquez – *Os Funerais da Mamãe Grande* (contos).

Gabriel García Márquez – *O Veneno da Madrugada* (romance).

Yolanda Jordão – *Ponte de Pedra* (poesia).

A. E. Van Vogt – *As Casas de Armas* (Coleção Asteroide) (romance).

Gabriel Garcia Márquez – *O Enterro do Diabo* (romance).

Lysette A. Gomes Raymundo / Maria Cristina D. Leal / Cláudio Murilo Leal / Vinicius de Moraes - *Eu Gosto de Ler* (didático).

Vinicius de Moraes – *A Arca de Noé* (poesia).

Rubem Braga – *Um Pé de Milho* 3ª edição (crônicas).

Manuel Puig – *Boquinhas Pintadas* (romance).

Carlos Drummond de Andrade – *Antologia Poética* (poesia)

Philip K. Dick – *O Homem do Castelo Alto* (Coleção Asteroide) (romance).

Clarice Lispector – *Laços de Família* (romance).

Paulo Moreira da Silva – *O Desafio do Mar* (estudos).

1971:

Edmond Hamilton – *O Rei Das Estrelas* (Coleção Asteroide) (romance).

Otto Lara Resende – *O Retrato Na Gaveta* (contos).

Otto Lara Resende – *O Braço Direito*. 2ª edição (romance).

Mario Vargas Llosa – *A Casa Verde* (romance).

Clarice Lispector – *A Cidade Sitiada* (romance).

Theodore Sturgeon – *O Homem Sintético* (Coleção Asteroide) (romance).

Vinicius de Moraes – *Para Uma Menina Com Uma Flor* (crônicas).

Philip José Farmer – *Carne*. (Coleção Asteroide) (romance).

Carlos Drummond de Andrade – *A Bolsa & A Vida* (crônicas).

Oswaldo França Júnior – *Jorge, um Brasileiro* (romance).

Rubem Braga – *A Cidade e a Roça*. 2ª e 3ª edição (crônicas).

Clarice Lispector – *Felicidade Clandestina* (romance).

Stanislaw Lem – *Solaris* (Coleção Asteroide) (romance).

Carlos Drummond de Andrade / Clarice Lispector / Fernando Sabino / Manuel
Bandeira / Paulo Mendes Campos / Rachel de Queiroz / Rubem Braga – *Elenco de
Cronistas Modernos*. (crônicas).

Dante Milano – *Poesias* (poesia).

Luis Martins – *João do Rio – Uma Antologia* (contos, crônicas, reportagens).

Pablo Neruda – *20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada* (poesia).

1972:

Harry Harrison – *Bill, Herói Galáctico* (Coleção Asteroide) (romance).

Nelida Piñon – *A Casa da Paixão*. (romance).

Marisa Raja Gabaglia – *Milho Pra Galinha, Mariquinha* (crônicas)

Chico Anísio – *O Batizado da Vaca* (crônicas).

Pedro Nava – *Baú de Ossos* (memórias).

Alberto Dines – *Posso?* (contos).

Josué Guimarães – *A Ferro e Fogo – Tempo de Solidão* (romance).

Oswaldo França Júnior – *O Homem de Macacão* (romance).

Lygia Bojunga Nunes – *Os Colegas* (romance).

Carybé – *Nureyev* (ilustrações).

A. E. Van Vogt – *O Homem Violento* (Coleção Asteroide) (romance).

Kate Wilhelm – *O Ser Assassino* (Coleção Asteroide) (romance).

Colin Wilson – *O Matador* (Coleção Asteroide) (romance).

Nelida Piñon – *Sala de Armas* (romance).

Chico Anísio – *O Enterro do Anão* (crônicas).

Marisa Raja Gabaglia – *Os Grilos de Amâncio Pinto* (crônicas).

Damon Knight – *O Outro Pé* (romance).

Carlos Drummond de Andrade – *Menino Antigo (Boitempo II)* (poesia).

Joaquim I. A. Macdowell – *Primeiro Livro de Memórias de Deusmedeu Boaventura*
(romance).

Chico Anísio – *É Mentira, Terta?* (crônicas).

Josué Guimarães – *Depois do Último Trem* (romance).

Pedro Nava – *Balão Cativo*. (memórias).

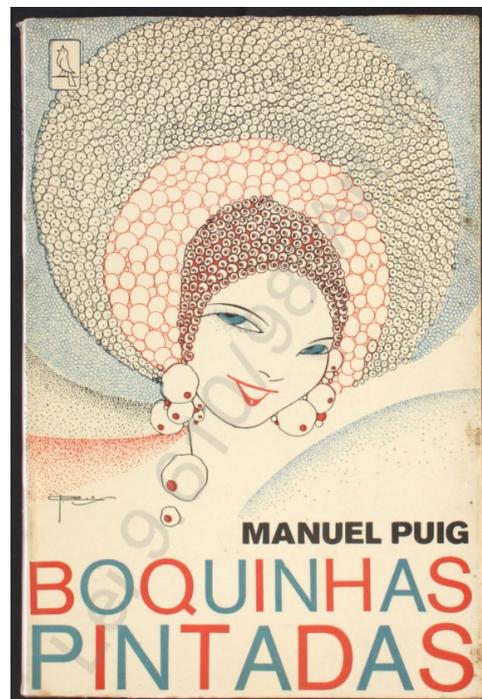
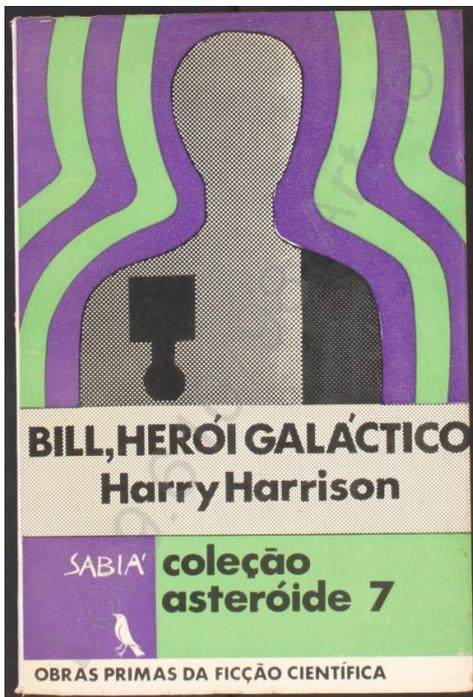
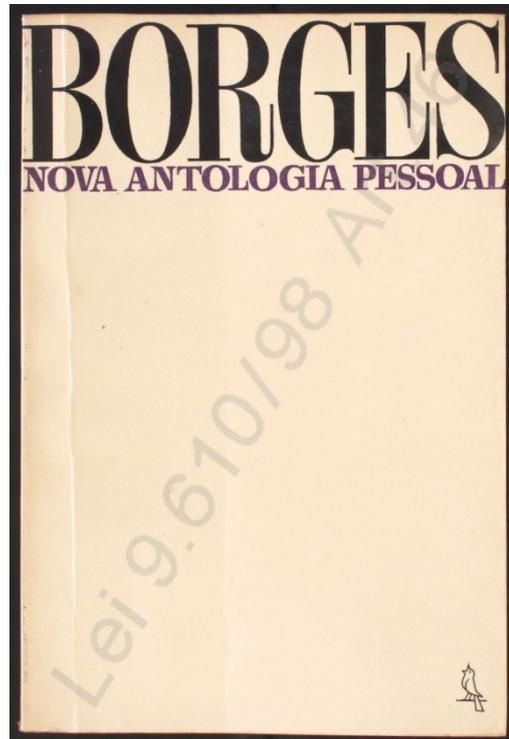
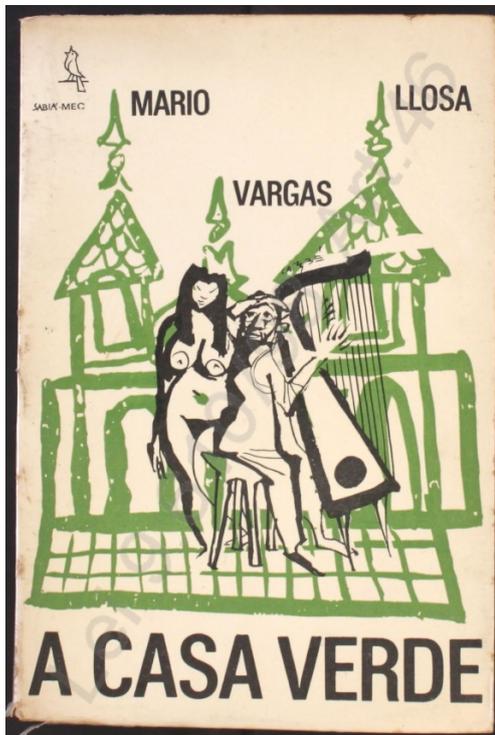
Luis Fernando Veríssimo – *O Popular* (crônicas).

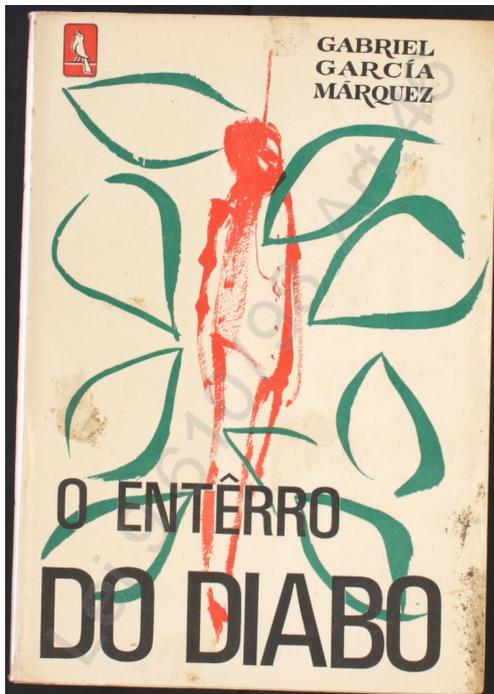
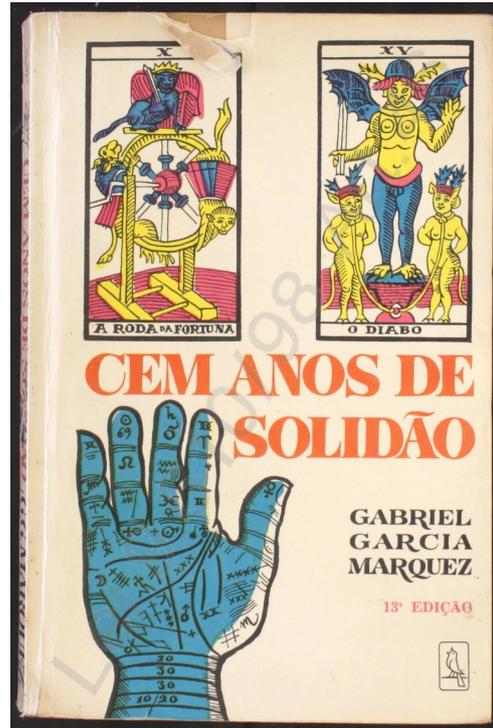
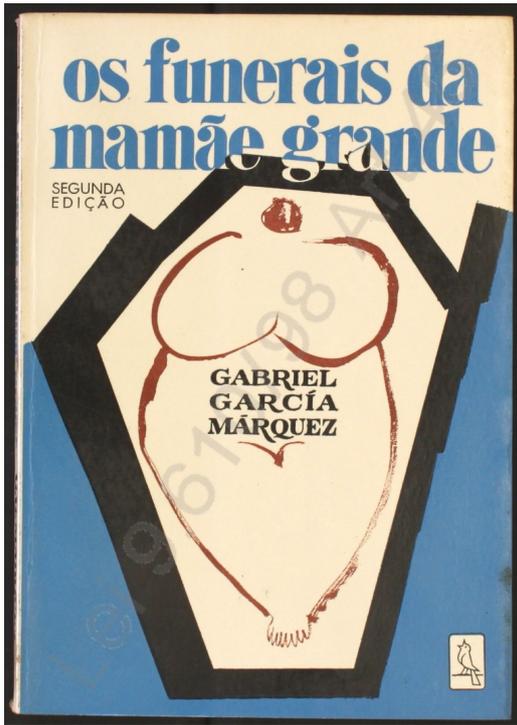
Robert A. Heinlein – *Não Temerei o Mal* (romance).

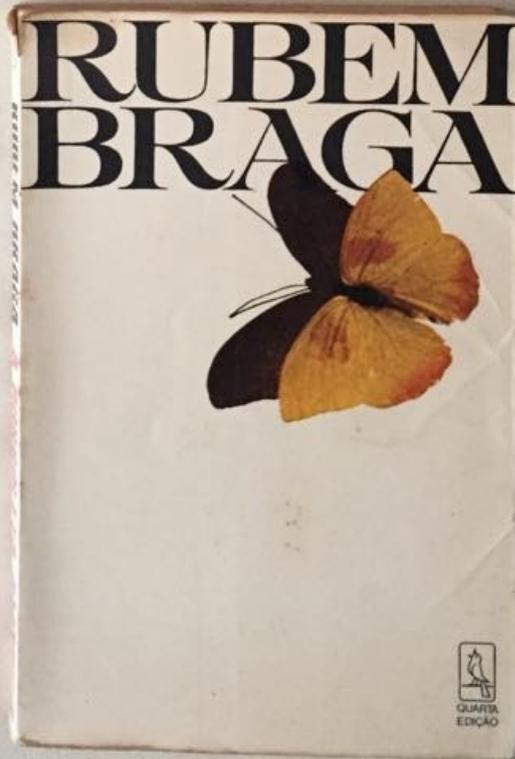
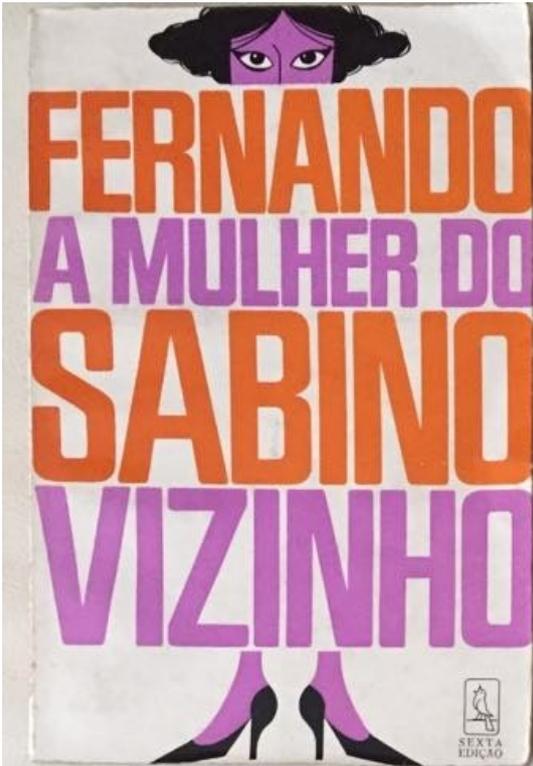
Chico Anísio – *A Curva do Calombo* (crônicas).

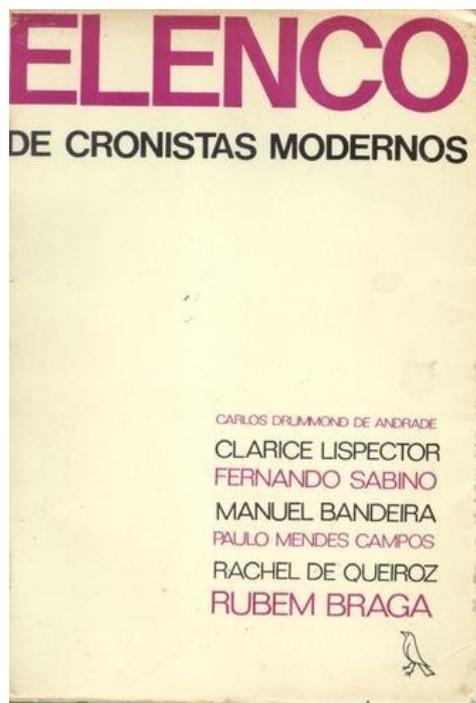
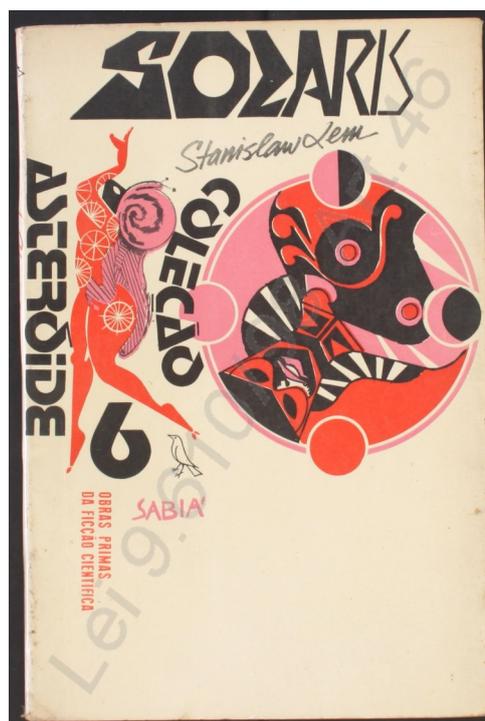
Nelida Piñon – *Tebas do meu Coração* (romance).

Anexo B – Capas da Editora Sabiá

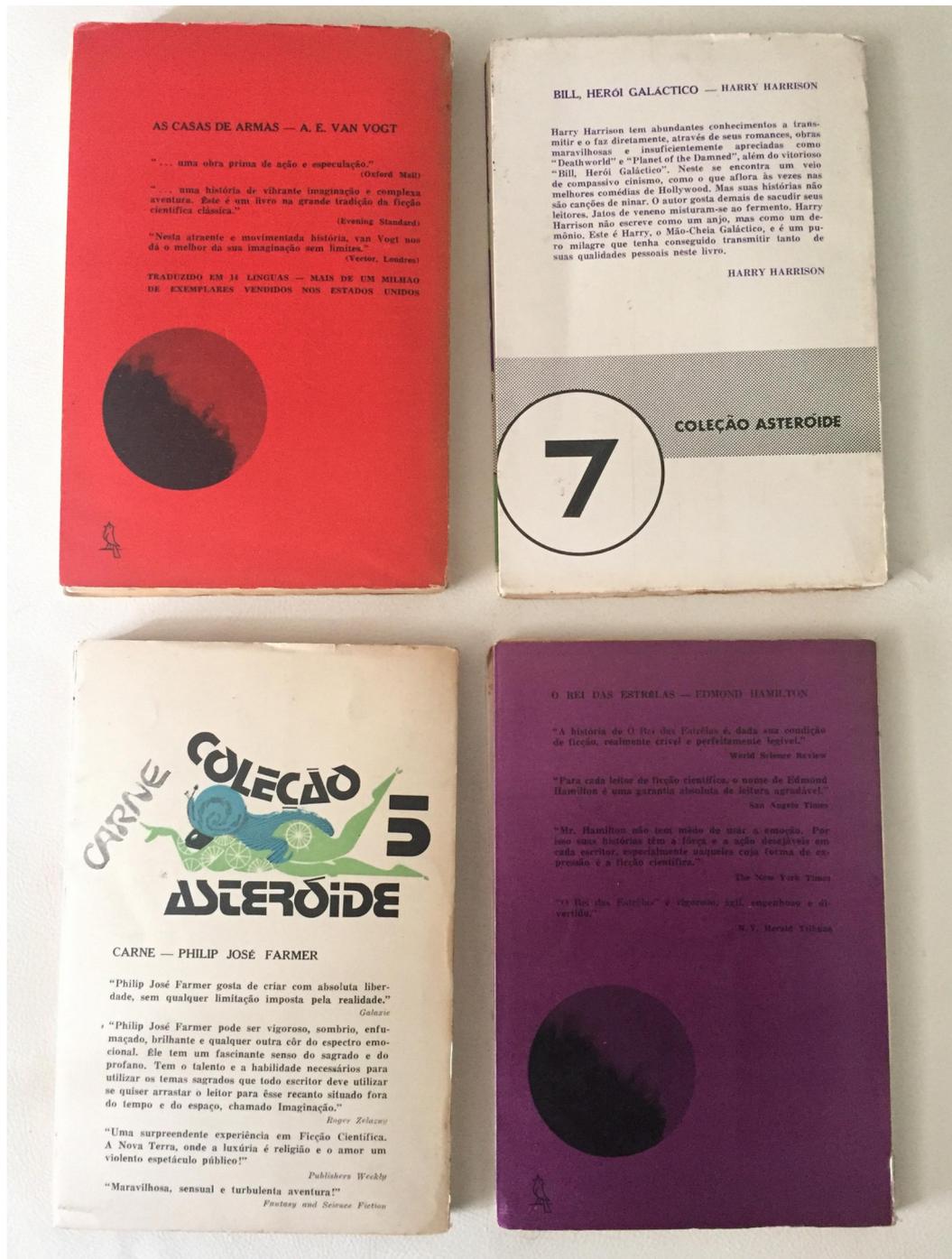




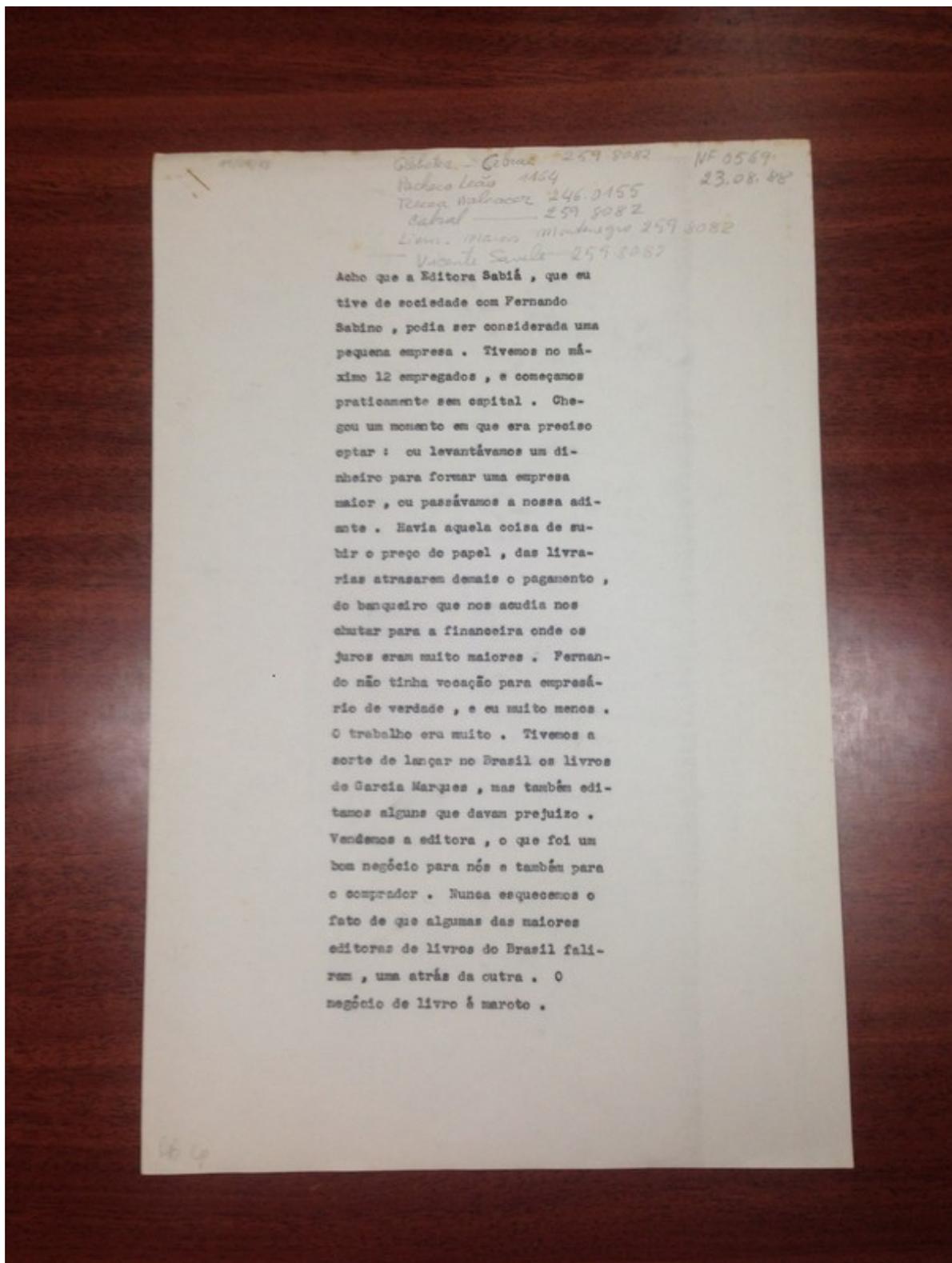




Anexo C – Paratextos dos volumes da Coleção Asteroide



Anexo E – Carta de Rubem Braga sobre a Editora Sabiá



Gabala - Gibal 259 8082 NF 0569
Natcha Leão 4454 23.08.48
Teresa Nalvador 246.0155
Bahal 259 8082
Liam. Maria Machado 259 8082
Vicente Sante 259 8082

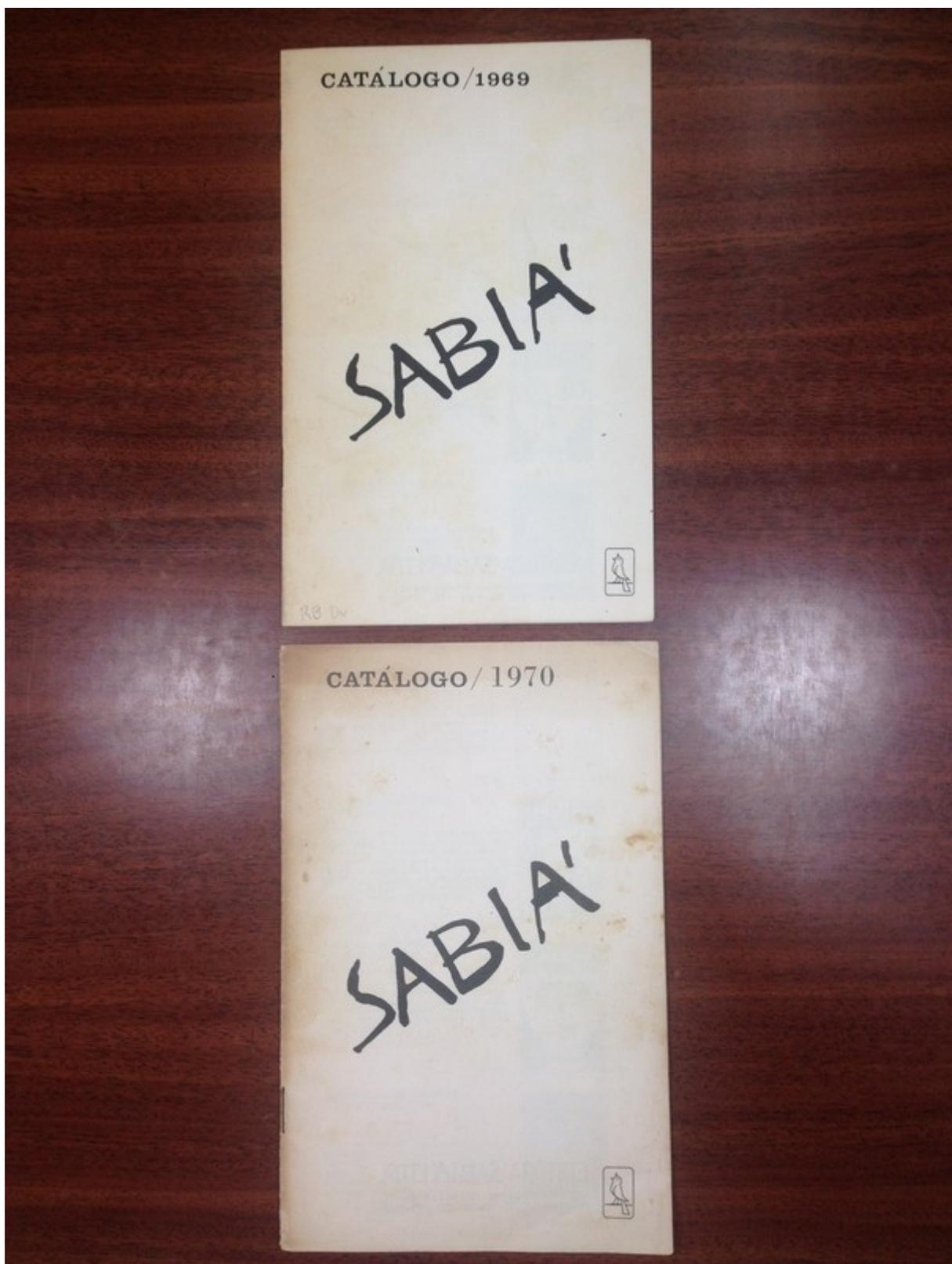
Acho que a Editora Sabiá, que eu tive de sociedade com Fernando Sabino, podia ser considerada uma pequena empresa. Tivemos no máximo 12 empregados, e começamos praticamente sem capital. Chegou um momento em que era preciso optar: ou levantávamos um dinheiro para formar uma empresa maior, ou passávamos a nossa adiante. Havia aquela coisa de subir o preço do papel, das livrarias atrasarem demais o pagamento, do banqueiro que nos acudia nos abutar para a financeira onde os juros eram muito maiores. Fernando não tinha vocação para empresário de verdade, e eu muito menos. O trabalho era muito. Tivemos a sorte de lançar no Brasil os livros de Garcia Marques, mas também editamos alguns que davam prejuízo. Vendemos a editora, o que foi um bom negócio para nós e também para o comprador. Nunca esquecemos o fato de que algumas das maiores editoras de livros do Brasil faliram, uma atrás da outra. O negócio de livro é maroto.

Mas a verdade é que valeu a pena .
Lançamos autores como Chico Anísio ,
Oswaldo França Junior , Chico Buarque ,
Marisa Raja Gabaglia , Aguinaldo Silva,
todo o Stanislaw Ponte Preta , Dom
Helder Câmara , Che Guevara , Vargas
Llosa , Jorge Luis Borges , Manuel
Puig , Pedro Nava . Ajudamos a divul-
gar João Cabral com seus "Poemas em
Voz Alta" . E mais os livros de ~~Í~~
Bandeira , Vinícius , Paulo Mendes
Campos , Dante Milano , Otto Lara
Resende , Marcio Moreira Alves ,
almirante Paulo Moreira da Silva ,
Mário Mendes , Nélida Piñon ,
Carlinhos Oliveira , Clarice Lispector...

Sim , valeu bem a pena a nossa
pequenina empresa .

PA Gp

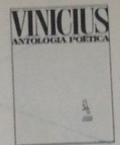
Anexo F – Catálogo de livros da Sabiá



EDITORA SABIA' LTDA.
 AVENIDA COPACABANA, 861 - GR. 609 - ZC 07
 RIO DE JANEIRO - 68 - TEL. 57-0923

ANTOLOGIA POÉTICA
 VINICIUS DE MORAES

Quase toda a obra do grande poeta brasileiro e, seguramente, tudo que ele tem de melhor. Desde os poemas de Caminho para a Distância e Forma e Exegese, até as elegias de linguagem popular e sensual e os poemas de sentido social — sempre com a constante lírica que faz o melhor de sua obra.



12,00

264 pgs.

A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES
 RUBEM BRAGA

O título deste último livro de Rubem Braga ia ser Valente Menina, mas o Autor abriu mão dele para aceitar o de uma crônica bem ruidosa sobre as "Dez Mais". Não quis abrir mão, entretanto, da figurinha de mão de Carlos Leão feita para a capa. É uma seleção de crônicas que o Autor escreveu nos últimos sete anos no Brasil e em Marrocos. O oitavo e o melhor livro de crônicas de Braga.



216 pgs.

A INGLÊSA DESLUMBRADA
 FERNANDO SABINO

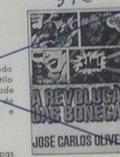
O mais novo e fascinante livro do famoso cronista. Crônicas e histórias vividas na Inglaterra e no Brasil. Páginas das mais hilariantes de nossa literatura, ao lado de casos humanos e conoventes, narrados no seu inconfundível estilo.



212 pgs.

A REVOLUÇÃO DAS BONECAS
 JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

A maior afirmação da crônica brasileira na década dos 60. Mistura de lirismo e sarcasmo, em um estilo de máxima agilidade a serviço de uma sensibilidade especial para o ridículo e o patético do homem de nosso tempo. O mais surpreendente, inquieto e saboroso comentarista da hora atual.



220 pgs.

EDITORA SABIA' LTDA.
 RUA TONELEROS, 191 - CASAS 4 e 5 - ZC-07
 RIO DE JANEIRO, 68 - TEL.: 257-0923 e 256-2801

ANTOLOGIA POÉTICA
 VINICIUS DE MORAES

Quase toda a obra do grande poeta brasileiro e, seguramente, tudo que ele tem de melhor. Desde os poemas de Caminho para a Distância e Forma e Exegese, até as elegias de linguagem popular e sensual e os poemas de sentido social — sempre com a constante lírica que faz o melhor de sua obra.



264 pgs.

A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES
 RUBEM BRAGA

O título deste último livro de Rubem Braga ia ser Valente Menina, mas o Autor abriu mão dele para aceitar o de uma crônica bem ruidosa sobre as "Dez Mais". Não quis abrir mão, entretanto, da figurinha de mão de Carlos Leão feita para a capa. É uma seleção de crônicas que o Autor escreveu nos últimos sete anos no Brasil e em Marrocos. O oitavo e o melhor livro de crônicas de Braga.



216 pgs.

A INGLÊSA DESLUMBRADA
 FERNANDO SABINO

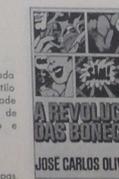
O mais novo e fascinante livro do famoso cronista. Crônicas e histórias vividas na Inglaterra e no Brasil. Páginas das mais hilariantes de nossa literatura, ao lado de casos humanos e conoventes, narrados no seu inconfundível estilo.



212 pgs.

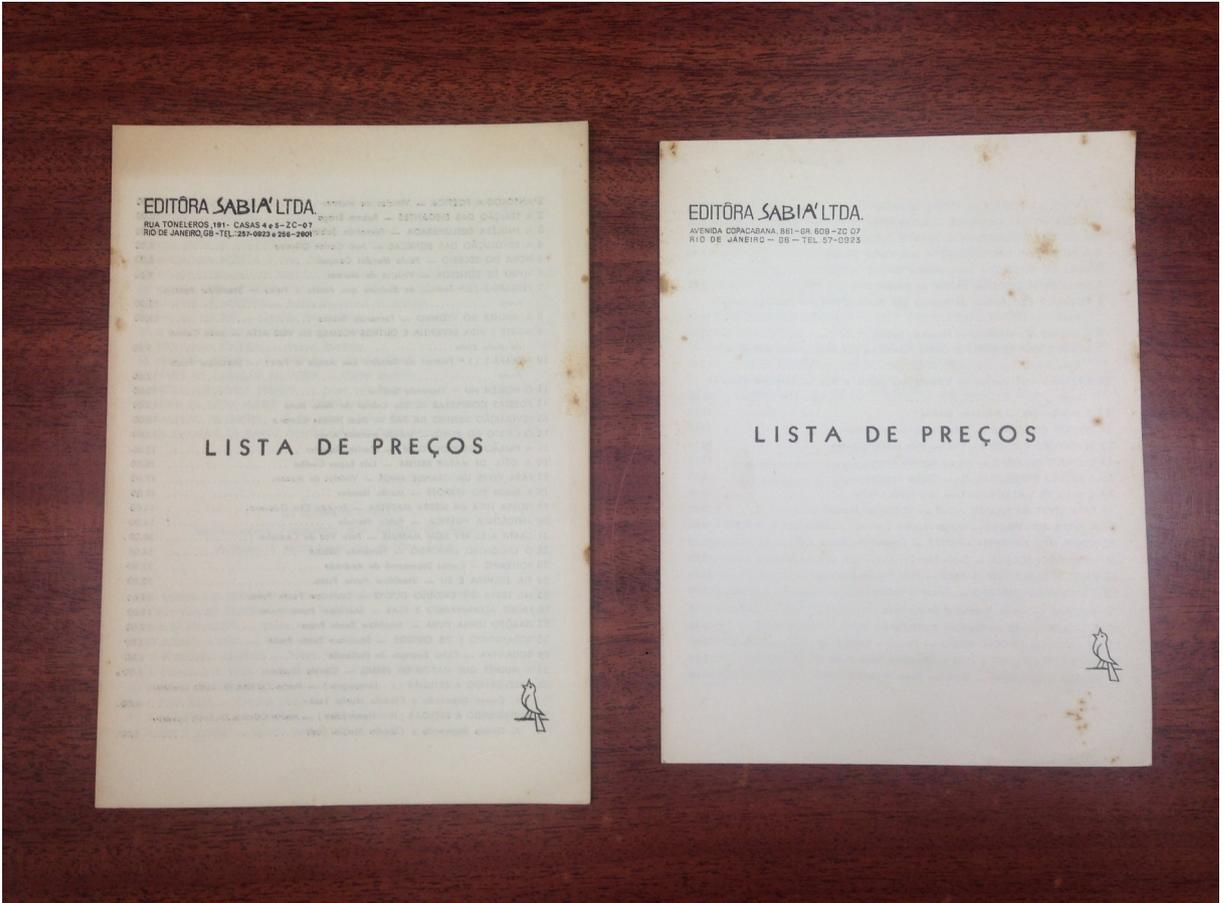
A REVOLUÇÃO DAS BONECAS
 JOSÉ CARLOS OLIVEIRA

A maior afirmação da crônica brasileira na década dos 60. Mistura de lirismo e sarcasmo, em um estilo de máxima agilidade a serviço de uma sensibilidade especial para o ridículo e o patético do homem de nosso tempo. O mais surpreendente, inquieto e saboroso comentarista da hora atual.



220 pgs.

Anexo G – Lista de preços



1 ANTOLOGIA POÉTICA — Vinícius de Moraes	14,00
2 A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES — Rubem Braga	10,00
3 A INGLÊSA DESLUMBRADA — Fernando Sabino	12,00
4 A REVOLUÇÃO DAS BONECAS — José Carlos Oliveira	8,00
5 HORA DO RECREIO — Paulo Mendes Campos	8,00
6 LIVRO DE SONETOS — Vinícius de Moraes	9,00
7 FEBEAPÁ-2 (2.º Festival de Besteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	12,00
8 A MULHER DO VIZINHO — Fernando Sabino	12,00
9 MORTE E VIDA SEVERINA E OUTROS POEMAS EM VOZ ALTA — João Cabral de Melo Neto	9,00
10 FEBEAPÁ-1 (1.º Festival de Besteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	12,00
11 O HOMEM NU — Fernando Sabino	12,00
12 POESIAS COMPLETAS — João Cabral de Melo Neto	12,00
13 REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ — Dom Helder Câmara	10,00
14 O CRISTO DO POVO — Márcio Moreira Alves	12,00
15 A PAIXÃO SEGUNDO G. H. — Clarice Lispector	12,00
16 A IDÉIA DE MATAR BELINA — Luiz Lopes Coelho	10,00
17 PARA VIVER UM GRANDE AMOR — Vinícius de Moraes	12,00
18 A IDADE DO SERROTE — Murilo Mendes	10,00
19 NOSSA LUTA EM SIERRA MAESTRA — Ernesto Che Guevara	14,00
20 ANTOLOGIA POÉTICA — Pablo Neruda	14,00
21 CARTA A EL REY DOM MANUEL — Pero Vaz de Caminha	30,00
22 O ENCONTRO MARCADO — Fernando Sabino	14,00
23 BOITEMPO — Carlos Drummond de Andrade	12,00
24 TIA ZULMIRA E EU — Stanislaw Ponte Preta	12,00
25 NA TERRA DO CRIOLINO DOIDO — Stanislaw Ponte Preta	12,00
26 PRIMO ALTAMIRANDO E ELAS — Stanislaw Ponte Preta	12,00
27 GAROTO LINHA DURA — Stanislaw Ponte Preta	12,00
28 ROSAMUNDO E OS OUTROS — Stanislaw Ponte Preta	12,00
29 RODA-VIVA — Chico Buarque de Hollanda	8,00
30 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES — Clarice Lispector	7,00
31 APRENDENDO A ESTUDAR (I - Linguagem) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	6,00
32 APRENDENDO A ESTUDAR (II - Matemática) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	6,00

33 O EVANGELHO DAS CRIANÇAS — Marco Aurélio Matos e Fernando Sabino	12,00
34 ANTOLOGIA POÉTICA — Jorge de Lima	14,00
35 UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES — Clarice Lispector	12,00
36 CEM ANOS DE SOLIDÃO — Gabriel García Márquez	18,00
37 ANTOLOGIA POÉTICA — João Cabral de Melo Neto	14,00
38 A VIDA TURBULENTA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO — R. Magalhães Júnior	15,00
39 A MORTE E VIDA SEVERINA (Ed. Bólso) — João Cabral de Melo Neto	1,50
40 CONTOS DE APRENDIZ — Carlos Drummond de Andrade	12,00
41 UM DIA NO RIO — Oswaldo França Júnior	12,00
42 O ANJO BÊBADO — Paulo Mendes Campos	13,00
43 ANTOLOGIA POÉTICA — Manuel Bandeira	14,00
44 NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL — Gabriel García Márquez	8,00
45 PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM — Clarice Lispector	12,00
46 NOVA ANTOLOGIA PESSOAL — Jorge Luís Borges	14,00
47 NOVA TORQUE E A CIDADE VAZIA — Fernando Sabino	12,00
48 MEDO EM GUERRA — Carlos Scliar e Rubem Braga	30,00
49 OS FUNERAIS DA MAMÃE GRANDE (Gabriel García Márquez)	14,00

OS SEGUINTE LIVROS
ORIGINALMENTE PUBLICADOS PELA EDITORA DO AUTOR
PASSARA À PROPRIEDADE DA EDITORA SABIÁ

39 O CONDE E O PASSARINHO (Morro do Isolamento) — Rubem Braga	12,00
40 CRÔNICAS DE GUERRA — Rubem Braga	12,00
41 UM PÉ DE MILHO — Rubem Braga	8,00
42 O HOMEM ROUCO — Rubem Braga	10,00
43 A BORBOLETA AMARELA — Rubem Braga	12,00
44 A CIDADE E A ROÇA (Três Primitivos) — Rubem Braga	8,00
45 AI DE TI, COPACABANA! — Rubem Braga	12,00
46 A VIDA REAL — Fernando Sabino	10,00
47 A COMPANHEIRA DE VIAGEM — Fernando Sabino	10,00
48 POESIA E PROSA — Newton Braga	8,00

1 ANTOLOGIA POÉTICA — Vinícius de Moraes	12,00
2 A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES — Rubem Braga	8,00
3 A INGLÊSA DESLUMBRADA — Fernando Sabino	10,00
4 A REVOLUÇÃO DAS BONECAS — José Carlos Oliveira	8,00
5 HORA DO RECREIO — Paulo Mendes Campos	8,00
6 LIVRO DE SONETOS — Vinícius de Moraes	8,00
7 FEBEAPÁ-2 (2.º Festival de Besteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	10,00
8 A MULHER DO VIZINHO — Fernando Sabino	10,00
9 MORTE E VIDA SEVERINA (E Outros Poemas em Voz Alta) — João Cabral de Melo Neto	8,00
10 FEBEAPÁ-1 (1.º Festival de Besteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	10,00
11 O HOMEM NU — Fernando Sabino	10,00
12 POESIAS COMPLETAS — João Cabral de Melo Neto	12,00
13 REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ — Dom Helder Câmara	10,00
14 O CRISTO DO POVO — Márcio Moreira Alves	12,00
15 A PAIXÃO SEGUNDO G. H. — Clarice Lispector	8,00
16 A IDÉIA DE MATAR BELINA — Luiz Lopes Coelho	8,00
17 PARA VIVER UM GRANDE AMOR — Vinícius de Moraes	10,00
18 A IDADE DO SERROTE — Murilo Mendes	8,00
19 NOSSA LUTA EM SIERRA MAESTRA — Ernesto Che Guevara	12,00
20 ANTOLOGIA POÉTICA — Pablo Neruda	12,00
21 CARTA A EL REY DOM MANUEL — Pero Vaz de Caminha	30,00
22 O ENCONTRO MARCADO — Fernando Sabino	12,00
23 BOITEMPO — Carlos Drummond de Andrade	10,00
24 TIA ZULMIRA E EU — Stanislaw Ponte Preta	10,00
25 NA TERRA DO CRIOLINO DOIDO — Stanislaw Ponte Preta	10,00
26 PRIMO ALTAMIRANDO E ELAS — Stanislaw Ponte Preta	10,00
27 GAROTO LINHA DURA — Stanislaw Ponte Preta	10,00

28 ROSAMUNDO E OS OUTROS — Stanislaw Ponte Preta	10,00
29 RODA-VIVA — Chico Buarque de Hollanda	7,00
30 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES — Clarice Lispector	6,00
31 APRENDENDO A ESTUDAR (I - Linguagem) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	5,00
32 APRENDENDO A ESTUDAR (II - Matemática) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	5,00
33 O EVANGELHO DAS CRIANÇAS — Marco Aurélio Matos e Fernando Sabino	10,00
34 ANTOLOGIA POÉTICA — Jorge de Lima	12,00
35 UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES — Clarice Lispector	9,00
36 CEM ANOS DE SOLIDÃO — Gabriel García Márquez	15,00
37 ANTOLOGIA POÉTICA — João Cabral de Melo Neto	12,00
38 A VIDA TURBULENTA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO — R. Magalhães Júnior	15,00

OS SEGUINTE LIVROS
ORIGINALMENTE PUBLICADOS PELA EDITORA DO AUTOR
PASSARAM À PROPRIEDADE DA EDITORA SABIÁ

39 O CONDE E O PASSARINHO (Morro do Isolamento) — Rubem Braga	10,00
40 CRÔNICAS DE GUERRA — Rubem Braga	12,00
41 UM PÉ DE MILHO — Rubem Braga	8,00
42 O HOMEM ROUCO — Rubem Braga	10,00
43 A BORBOLETA AMARELA — Rubem Braga	8,00
44 A CIDADE E A ROÇA (Três Primitivos) — Rubem Braga	8,00
45 AI DE TI, COPACABANA — Rubem Braga	10,00
46 A VIDA REAL — Fernando Sabino	10,00
47 A COMPANHEIRA DE VIAGEM — Fernando Sabino	10,00
48 POESIA E PROSA — Newton Braga	8,00

1 ANTOLOGIA POÉTICA — Vinícius de Moraes	14,00
2 A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES — Rubem Braga	10,00
3 A INGLÊSA DESLUMBRADA — Fernando Sabino	12,00
4 A REVOLUÇÃO DAS BONECAS — José Carlos Oliveira	8,00
5 HORA DO RECREIO — Paulo Mendes Campos	8,00
6 LIVRO DE SONETOS — Vinícius de Moraes	9,00
7 FEBEAPÁ-2 (2.º Festival de Basteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	12,00
8 A MULHER DO VIZINHO — Fernando Sabino	12,00
9 MORTE E VIDA SEVERINA E OUTROS POEMAS EM VOZ ALTA — João Cabral de Melo Neto	9,00
10 FEBEAPÁ-1 (1.º Festival de Basteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	12,00
11 O HOMEM NU — Fernando Sabino	12,00
12 POESIAS COMPLETAS — João Cabral de Melo Neto	12,00
13 REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ — Dom Helder Câmara	10,00
14 O CRISTO DO POVO — Márcio Moreira Alves	12,00
15 A PAIXÃO SEGUNDO G. H. — Clarice Lispector	10,00
16 A IDÉIA DE MATAR BELINA — Luiz Lopes Coelho	12,00
17 PARA VIVER UM GRANDE AMOR — Vinícius de Moraes	10,00
18 A IDADE DO SERROTE — Murilo Mendes	14,00
19 NOSSA LUTA EM SIERRA MAESTRA — Ernesto Che Guevara	14,00
20 ANTOLOGIA POÉTICA — Pablo Neruda	30,00
21 CARTA A EL REY DOM MANUEL — Pero Vaz de Caminha	14,00
22 O ENCONTRO MARCADO — Fernando Sabino	12,00
23 BOITEMPO — Carlos Drummond de Andrade	12,00
24 TIA ZULMIRA E EU — Stanislaw Ponte Preta	12,00
25 NA TERRA DO CRIÓULO DOIDO — Stanislaw Ponte Preta	12,00
26 PRIMO ALTAMIRANDO E ELAS — Stanislaw Ponte Preta	12,00
27 GAROTO LINHA DURA — Stanislaw Ponte Preta	12,00
28 ROSAMUNDO E OS OUTROS — Stanislaw Ponte Preta	12,00
29 RODA-VIVA — Chico Buarque de Hollanda	8,00
30 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES — Clarice Lispector	7,00
31 APRENDENDO A ESTUDAR (I - Linguagem) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	6,00
32 APRENDENDO A ESTUDAR (II - Matemática) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	6,00

33 O EVANGELHO DAS CRIANÇAS — Marco Aurélio Matos e Fernando Sabino	12,00
34 ANTOLOGIA POÉTICA — Jorge de Lima	14,00
35 UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES — Clarice Lispector	12,00
36 CEM ANOS DE SOLIDÃO — Gabriel García Márquez	18,00
37 ANTOLOGIA POÉTICA — João Cabral de Melo Neto	14,00
38 A VIDA TURBULENTA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO — R. Magalhães Júnior	15,00
39 A VIDA E VIDA SEVERINA (Ed. Bólta) — João Cabral de Melo Neto	1,50
40 MORTE E APRENDIZ — Carlos Drummond de Andrade	12,00
41 CONTOS DE APRENDIZ — Carlos Drummond de Andrade	12,00
42 UM DIA NO RIO — Oswaldo França Júnior	13,00
43 O ANJO BÉBADO — Paulo Mendes Campos	14,00
44 ANTOLOGIA POÉTICA — Manuel Bandeira	8,00
45 NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL — Gabriel García Márquez	8,00
46 NINGUÉM ESCREVE SELVAGEM — Clarice Lispector	12,00
47 PERTO DO CORAÇÃO PESSOAL — Jorge Luis Borges	14,00
48 NOVA ANTOLOGIA PESSOAL — Fernando Sabino	12,00
49 MÉDO EM NOVA IORQUE E A CIDADE VAZIA — Fernando Sabino	30,00
50 CADERNO DE GUERRA — Carlos Scliar e Rubem Braga	30,00
51 OS FUNERAIS DA MAMÃE GRANDE (Gabriel García Márquez)	14,00

OS SEGUINTE LIVROS
ORIGINALMENTE PUBLICADOS PELA EDITORA DO AUTOR
PASSARA À PROPRIEDADE DA EDITORA SABIÁ

39 O CONDE E O PASSARINHO (Morro do Isolamento) — Rubem Braga	12,00
40 CRÔNICAS DE GUERRA — Rubem Braga	12,00
41 UM PÉ DE MILHO — Rubem Braga	8,00
42 O HOMEM ROUCO — Rubem Braga	10,00
43 A BORBOLETA AMARELA — Rubem Braga	12,00
44 A CIDADE E A ROÇA (Três Primitivos) — Rubem Braga	8,00
45 AI DE TI, COPACABANA! — Rubem Braga	12,00
46 A VIDA REAL — Fernando Sabino	10,00
47 A COMPANHEIRA DE VIAGEM — Fernando Sabino	10,00
48 POESIA E PROSA — Newton Braga	8,00

1 ANTOLOGIA POÉTICA — Vinícius de Moraes	12,00
2 A TRAIÇÃO DAS ELEGANTES — Rubem Braga	8,00
3 A INGLÊSA DESLUMBRADA — Fernando Sabino	10,00
4 A REVOLUÇÃO DAS BONECAS — José Carlos Oliveira	8,00
5 HORA DO RECREIO — Paulo Mendes Campos	8,00
6 LIVRO DE SONETOS — Vinícius de Moraes	8,00
7 FEBEAPÁ-2 (2.º Festival de Basteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	10,00
8 A MULHER DO VIZINHO — Fernando Sabino	10,00
9 MORTE E VIDA SEVERINA (E Outros Poemas em Voz Alta) — João Cabral de Melo Neto	8,00
10 FEBEAPÁ-1 (1.º Festival de Basteira que Assola o País) — Stanislaw Ponte Preta	10,00
11 O HOMEM NU — Fernando Sabino	10,00
12 POESIAS COMPLETAS — João Cabral de Melo Neto	12,00
13 REVOLUÇÃO DENTRO DA PAZ — Dom Helder Câmara	10,00
14 O CRISTO DO POVO — Márcio Moreira Alves	12,00
15 A PAIXÃO SEGUNDO G. H. — Clarice Lispector	8,00
16 A IDÉIA DE MATAR BELINA — Luiz Lopes Coelho	8,00
17 PARA VIVER UM GRANDE AMOR — Vinícius de Moraes	10,00
18 A IDADE DO SERROTE — Murilo Mendes	8,00
19 NOSSA LUTA EM SIERRA MAESTRA — Ernesto Che Guevara	12,00
20 ANTOLOGIA POÉTICA — Pablo Neruda	12,00
21 CARTA A EL REY DOM MANUEL — Pero Vaz de Caminha	30,00
22 O ENCONTRO MARCADO — Fernando Sabino	12,00
23 BOITEMPO — Carlos Drummond de Andrade	10,00
24 TIA ZULMIRA E EU — Stanislaw Ponte Preta	10,00
25 NA TERRA DO CRIÓULO DOIDO — Stanislaw Ponte Preta	10,00
26 PRIMO ALTAMIRANDO E ELAS — Stanislaw Ponte Preta	10,00
27 GAROTO LINHA DURA — Stanislaw Ponte Preta	10,00

28 ROSAMUNDO E OS OUTROS — Stanislaw Ponte Preta	10,00
29 RODA-VIVA — Chico Buarque de Hollanda	7,00
30 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES — Clarice Lispector	6,00
31 APRENDENDO A ESTUDAR (I - Linguagem) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	5,00
32 APRENDENDO A ESTUDAR (II - Matemática) — Maria Cristina D. Leal, Lysette A. Gomes Raymundo e Cláudio Murilo Leal	5,00
33 O EVANGELHO DAS CRIANÇAS — Marco Aurélio Matos e Fernando Sabino	10,00
34 ANTOLOGIA POÉTICA — Jorge de Lima	12,00
35 UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES — Clarice Lispector	9,00
36 CEM ANOS DE SOLIDÃO — Gabriel García Márquez	15,00
37 ANTOLOGIA POÉTICA — João Cabral de Melo Neto	12,00
38 A VIDA TURBULENTA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO — R. Magalhães Júnior	15,00

OS SEGUINTE LIVROS
ORIGINALMENTE PUBLICADOS PELA EDITORA DO AUTOR
PASSARAM À PROPRIEDADE DA EDITORA SABIÁ

39 O CONDE E O PASSARINHO (Morro do Isolamento) — Rubem Braga	10,00
40 CRÔNICAS DE GUERRA — Rubem Braga	12,00
41 UM PÉ DE MILHO — Rubem Braga	8,00
42 O HOMEM ROUCO — Rubem Braga	10,00
43 A BORBOLETA AMARELA — Rubem Braga	8,00
44 A CIDADE E A ROÇA (Três Primitivos) — Rubem Braga	8,00
45 AI DE TI, COPACABANA — Rubem Braga	10,00
46 A VIDA REAL — Fernando Sabino	10,00
47 A COMPANHEIRA DE VIAGEM — Fernando Sabino	10,00
48 POESIA E PROSA — Newton Braga	8,00

Anexo H – Carta de Rubem Braga sobre o livro *Nova Antologia Pessoal*,
de Jorge Luis Borges

EDITORIA SABIÁ LTDA.

Av. N. S. de Copacabana, 861 - Gr. 609
Rio de Janeiro - GB.

Rio , 12 de agosto 1967

Senhora Mantovani
Editorial Sur
Buenos Aires

Venho confirmar , com esta , a carta que endereceei
a Vitória Ocampo . Tendo deixado , com Fernando Sabino , a Edi-
tôra do Autor , acabamos de fundar a Editôra Sabiá .
Pretendemos iniciar uma série de traduções e estamos particularmente
interessados na "Antologia Personal" de Borges .

Peço-lhe a bondade de me informar que importância devemos pagar
por uma edição inicial de 4.000 exemplares , e também por milhares
subsequentes . Do êxito desse lançamento dependerá a publicação de
outras traduções de Borges .

Desejo também saber a ^{maneira} ~~maneira~~ de fazer o pagamento dos direitos.

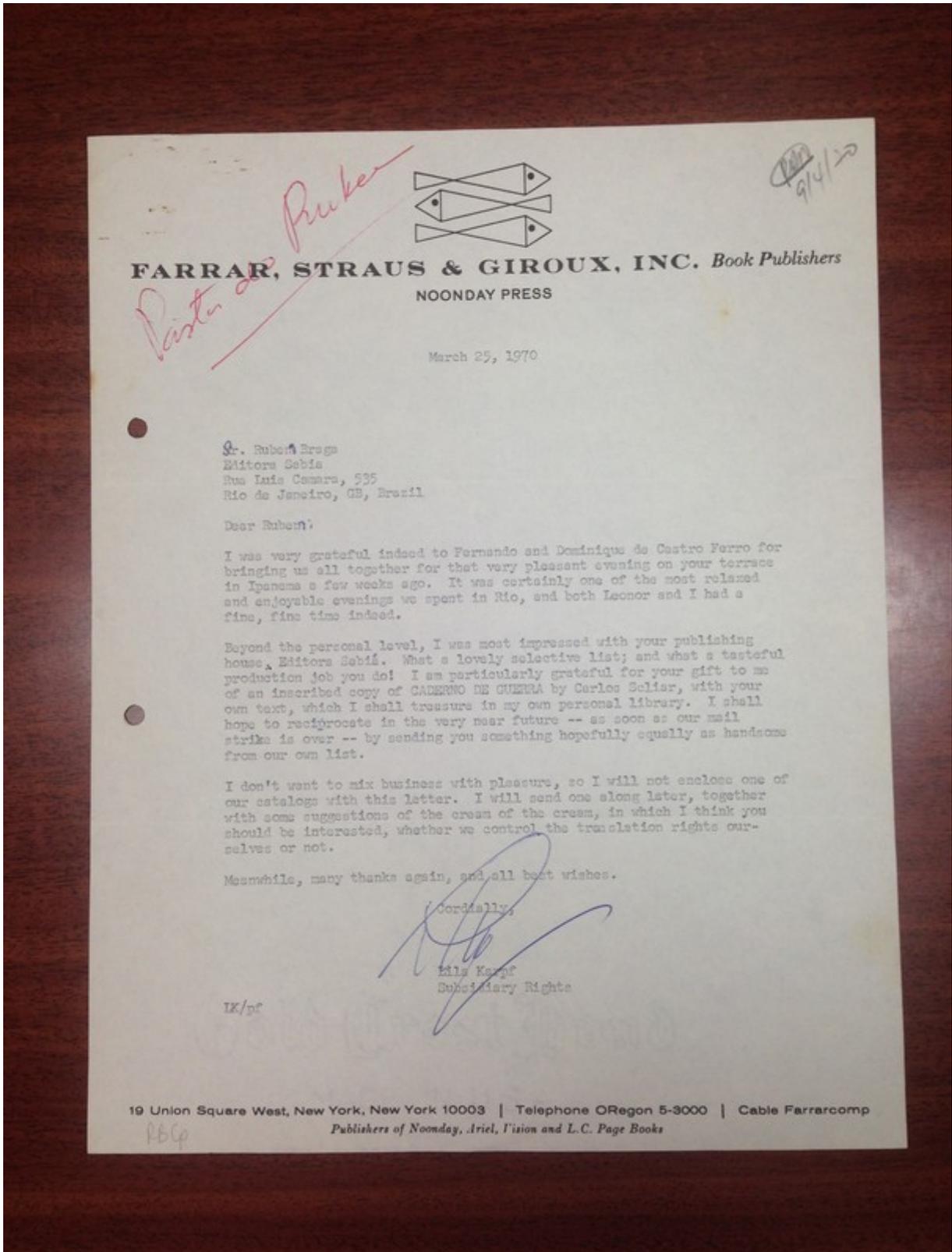
Rogo desculpar a má apresentação desta carta , que estou batendo
pessoalmente , pois a editôra está em plena instalação .

Cumprimenta-a cordialmente

Rubem Braga

RB G

Anexo I – Carta, em inglês, enviada à Sabiá



Lista de Pukes

9/4/70



FARRAR, STRAUS & GIROUX, INC. Book Publishers
NOONDAY PRESS

March 25, 1970

Sr. Rubem Braga
Editora Sabiá
Rua Luis Camara, 535
Rio de Janeiro, GB, Brazil

Dear Rubem:

I was very grateful indeed to Fernando and Dominique de Castro Ferro for bringing us all together for that very pleasant evening on your terrace in Ipanema a few weeks ago. It was certainly one of the most relaxed and enjoyable evenings we spent in Rio, and both Leonor and I had a fine, fine time indeed.

Beyond the personal level, I was most impressed with your publishing house, Editora Sabiá. What a lovely selective list; and what a tasteful production job you do! I am particularly grateful for your gift to me of an inscribed copy of *CADERNO DE GUERRA* by Carlos Scliar, with your own text, which I shall treasure in my own personal library. I shall hope to reciprocate in the very near future -- as soon as our mail strike is over -- by sending you something hopefully equally as handsome from our own list.

I don't want to mix business with pleasure, so I will not enclose one of our catalogs with this letter. I will send one along later, together with some suggestions of the cream of the cream, in which I think you should be interested, whether we control the translation rights ourselves or not.

Meanwhile, many thanks again, and all best wishes.

Cordially,

Miss Kaye
Secretary

IK/pf

19 Union Square West, New York, New York 10003 | Telephone ORegon 5-3000 | Cable Farrarcomp
Publishers of Noonday, Ariel, Fision and L.C. Page Books

PBC

Anexo J – Recibo dos direitos autorais dos livros de Rubem Braga

EDITORA SABIÁ LTDA.
RUA TONELEROS, 191 - CASAS 4 e 5 - ZC-07
RIO DE JANEIRO, GB - TEL.: 257-0923 e 256-2901

DIREITOS AUTORAIS DE 1º A 31 DE JANEIRO DE 1972

R E C I B O

Recebi da Editora Sabiá Ltda., a importância de Cr\$ 241,41 (Duzentos e quarenta e um cruzeiros e quarenta e um centavos), relativa aos direitos autorais das obras de minha autoria "Ai de Ti Copacabana", "A Borboleta Amarela", "A Traição das Elegantes", "Cronicas de Guerra", "Conde e o Passarinho", "Carta a el Rey Dom Manuel" e "A Cidade e a Roça", dos livros vendidos e pagos durante o período de 1º a 31 de janeiro de 1972, conforme / discriminação abaixo:

Direitos Autorais:	Cr\$ 262,40
Imp. de Renda Retido na Fonte (8%):	Cr\$ 20,99
A Receber:	<u>Cr\$ 241,41</u>

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1972

Rubem Braga

Rubem Braga



Anexo K – Contrato de venda da Sabiá para a Editora José Olympio

Contrato de cessão de quotas de capital social.

PK
ABE
W
J/
Wolney

RUBEM BRAGA, brasileiro, desquitado, jornalista, domiciliado nesta cidade, onde reside na Rua Barão da Torre 42, apartamento C-01, inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas sob o nº 026.480.837; ANNE BEATRICE ESTILL, brasileira, solteira, maior, domiciliada nesta cidade, onde reside na Rua Venancio Flores 100, apartamento 304, inscrita no Cadastro de Pessoas Físicas sob o nº 009.917.087; FERNANDO TAVARES SABINO, brasileiro, desquitado, jornalista, domiciliado nesta cidade, onde reside na Rua Venancio Flores 100, apartamento 304, inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas sob o nº 224.917.617; e ROBERTO SELJAN BRAGA, brasileiro, casado, bancário, domiciliado nesta cidade, onde reside na Rua Barão da Torre 42, apartamento C-01, inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas sob o nº 040.343.847, de um lado, como CEDENTE, e, de outro lado, como CESSIONÁRIA, a PEREIRA ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES LTDA, com sede nesta cidade na Rua Marquês de Olinda 12, inscrita no Cadastro Geral de Contribuintes sob o nº 34.108.506/001, representada por seus Diretores José Olympio Pereira Filho e Daniel Joaquim Pereira, têm entre si justo e pactuado o que se segue:

CLÁUSULA PRIMEIRA - OBJETO DO CONTRATO

m 1.1. Os CEDENTES são titulares da totalidade do ca- MM

pital social da EDITORA SABIÁ LTDA., com sede nesta cidade na Rua Toneleros 191, casas IV e V, inscrita no Cadastro Geral de Contribuintes sob o nº 33.718.024, doravante denominada simplesmente SABIÁ, capital social esse de Cr\$100.000,00 (cem mil cruzeiros), subscrito e integralizado, dividido em 20.000 (vinte mil) quotas, do valor nominal de Cr\$5,00 (cinco cruzeiros), e assim distribuído:

<u>Cotista</u>	<u>Nº de cotas</u>	<u>Valor (Cr\$)</u>
Rubem Braga	8.000	40.000,00
Fernando Tavares Sabino	2.000	10.000,00
Anne Beatrice Estill	8.000	40.000,00
Roberto Seljan Braga	<u>2.000</u>	<u>10.000,00</u>
Totais	20.000 =====	100.000,00 =====

1.2. Essas quotas acham-se inteiramente livres e desembaraçadas de ônus, judiciais ou extrajudiciais, legais ou convencionais, reais ou pessoais, não estando nenhuma delas caucionada em garantia de gestão da SABIÁ, em favor dos CEDENTES ou de terceiros.

CLÁUSULA SEGUNDA - PREÇO E FORMA DE PAGAMENTO

2.1. Os CEDENTES cedem e transferem à CESSIONÁRIA as aludidas quotas representativas do capital da SABIÁ, pelo preço certo e ajustado de Cr\$1.236.000,00 (um milhão e duzentos e trinta e seis mil cruzeiros), que recebem neste ato, e do qual dão à CESSIONÁRIA plena, raza, geral e irrevogável quitação.

2.2. Do preço e do pagamento, declarados no item

2.1., cabem Cr\$494.400,00 (quatrocentos e noventa e quatro mil e quatrocentos cruzeiros) ao CEDENTE RUBEM BRAGA, Cr\$123.600,00 (cento e vinte e três mil e seiscentos cruzeiros) ao CEDENTE FERNANDO TAVARES SABINO, Cr\$494.400,00 (quatrocentos e noventa e quatro mil e quatrocentos cruzeiros) à CEDENTE ANNE BEATRICE ESTILL e Cr\$123.600,00 (cento e vinte e três mil e seiscentos cruzeiros) ao CEDENTE ROBERTO SELJAN BRAGA.

2.3. Os CEDENTES assinarão, em favor da CESSIONÁRIA ou de quem esta indicar, dentro do prazo de 60 (sessenta) dias, a contar desta data, o competente instrumento de alteração do contrato social da SABIÁ, para efeito de efetivação, perante a Junta Comercial do Estado da Guanabara, da presente cessão de quotas, ainda que esse instrumento contenha quaisquer outras disposições, relativas à sociedade ou às relações entre seus novos sócios, desde que nenhuma delas represente alteração ou novação dos compromissos ora assumidos.

CLÁUSULA TERCEIRA - ATIVO E PASSIVO DA SABIÁ

3.1. Os CEDENTES atestam a absoluta fidedignidade do Balanço Geral de 31.12.1971 e do balancete de 30.6.1972 (Anexos I e II), bem como da escrituração da SABIÁ, desde 30.6.1972 até a presente data, esclarecido que, por iniciativa da CESSIÃO NÁRIA, e em 30.6.1972, os auditores especializados ATG-Assessoria Técnica Global Ltda. procederam ao exame minucioso dos livros, papéis e documentos de contabilidade da SABIÁ.

3.2. Os CEDENTES declaram ainda (a) que os atos praticados pela SABIÁ, ou por seus Diretores ou administradores co

PD
BB
[Signature]
Lodym

mo tais, e os procedimentos internos ou externos de contabilização e assunção ou exoneração de subscrições, obedeceram às normas legais e regulamentares aplicáveis, (b) que inexistiu litígio judicial ou administrativo de natureza fiscal, parafiscal, trabalhista ou cível, instaurado contra a SABIÁ, (c) que a marca SABIÁ se acha devidamente legalizada junto ao Departamento Nacional de Propriedade Industrial, estando compreendida no prego desta cessão, (d) que esse prego também abrange o fundo editorial da SABIÁ, nos termos e condições constantes dos respectivos contratos assinados com seus editados e que são de pleno conhecimento da CESSIONÁRIA, e (d) que a SABIÁ não responde perante terceiros e/ou os CEDENTES, por nenhuma obrigação que não esteja devidamente escriturada.

3.3. Em consequência das declarações contidas no item 3.2. os CEDENTES assumem plena e total responsabilidade por quaisquer encargos que atinjam ou venham a atingir a SABIÁ e que não se achem explicitados no seu passivo escriturado, o que não exclui o direito deles de contestarem a exigência e/ou o montante desses encargos perante os respectivos credores, desde que o façam em termos que não prejudiquem os negócios, os interesses e o crédito da SABIÁ ou de empresa a que venha a ser incorporada ou com que venha a ser fundida, convencionando-se, para tanto, que:

- a) se a referida contestação importar em ou resultar de procedimentos administrativos ou judiciais, em nome da SABIÁ, caberá aos CEDENTES promover os e/ou orientá-los, bem como pagar todas as despesas que lhes digam respeito, inclusive para garantia de instância;

m

[Signature]

b) a SABIÁ, sob o controle da CESSIONÁRIA ou de quem vier a substituí-la, suprirá aos procuradores indicados pelos CEDENTES para aquela finalidade, os necessários poderes de representação;

c) tomando conhecimento de qualquer dos procedimentos em causa, a Diretoria da SABIÁ a ser designada pela CESSIONÁRIA ou quem venha a substituí-la, comunicá-la aos CEDENTES RUBEM BRAGA e/ou FERNANDO TAVARES SABINO até três dias após a ciência do fato, cabendo-lhes responder, em prazo igual, se pretendem exercer o direito de contestação ora assegurado;

d) nos casos de (i) falta de providência dos CEDENTES RUBEM BRAGA e/ou FERNANDO TAVARES SABINO para liquidar ou contestar as obrigações capituláveis neste cláusula, (ii) aponte, protesto, arreto ou sequestro iminentes ou (iii) início de ação executiva, a CESSIONÁRIA ou a SABIÁ poderão automaticamente quita-los com as despesas que para tanto se tornarem necessárias.

3.4. Todos os dispêndios em que a CESSIONÁRIA ou a SABIÁ incidirem, nos termos do item 3.3., inclusive por juros, correção monetária, honorários de advogado e eventuais depósitos para garantia de instância, serão automaticamente cobrados aos CEDENTES, valendo os comprovantes que a CESSIONÁRIA ou a SABIÁ exibirem como prova da liquidez, certeza e exigibilidade dos créditos respectivos.

3.5. Os CEDENTES garantem ainda a existência física do estoque da SABIÁ nesta data existente, descrito no Anexo III, ressaltando que os volumes, ainda que nessa lista acusados, dos

livros escritos pelos CEDENTES RUBEM BRAGA e FERNANDO TAVARES SABINO e por OTTO LARA RESENDE e RAYMUNDO MAGALHÃES JUNIOR , pertencem de pleno direito a seus autores, não constituindo portanto propriedade da SABIÁ, embora editados sob o selo dela, uma vez que tais livros são objeto de contrato de distribuição entre os respectivos autores e a SABIÁ.

CLÁUSULA QUARTA - EXECUÇÃO DO CONTRATO

4.1. Para os efeitos do disposto no item 2.3., os CEDENTES outorgam nesta data mandato, por instrumento em separado (minuta junta, Anexo IV) aos Srs. Hamilton Abade Valente Ferreira e Alberto Venancio Filho, com poderes amplos e irrevogáveis para ceder e transferir à CESSIONÁRIA ou quem esta indicar as quotas objeto da presente cessão, mediante alteração do contrato social da SABIÁ a ser submetida à Junta Comercial do Estado da Guanabara, em ato que poderá prever inclusive sua simultânea modificação para sociedade anônima entendido que (a) esses procuradores subscrevem o presente instrumento para se declararem cientes da única limitação oposta a seu mandato, conforme o mesmo item 2.3., in fine, e que (b) dito mandato deverá ser exercido no máximo de até 60 dias da data deste contrato de vez que os CEDENTES acusarão em sua declaração de bens a cessão de quotas ora pactuada.

4.2. A partir de hoje e enquanto não arquivada, perante a Junta Comercial do Estado da Guanabara, a alteração

do contrato social da SABIÁ, prevista no item 2.1., será a empresa gerida pelos Srs. Antonio Olavo Pereira Junior, Carlos Alberto Sholl Isnard, Luis Cavalcanti de Albuquerque Lacerda e Geraldo Jordão Pereira, inclusive para os efeitos de escolha dos livros a serem editados ou distribuídos e das condições que deverão reger os respectivos contratos de edição ou distribuição, aos quais os atuais Diretores da SABIÁ outorgam, nesta data, igualmente por instrumento em separado (minuta junta, Anexo V) o mandato a tanto necessário, ficando entendido que toda e qualquer responsabilidade proveniente da prática de atos internos ou externos, em nome da SABIÁ, por esses mandatários, caberá única e exclusivamente à CESSIONÁRIA, em nenhuma hipótese atingindo aos CEDENTES.

4.3. Todas as quantias que CEDENTES ou CESSIONÁRIA tenham a haver-se, em virtude das obrigações assumidas neste contrato, serão cobráveis por ação executiva, e, se liquidadas com mora:

a) sujeitas a correção monetária pelos índices das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional a partir de seus vencimentos quando previamente estipulados, ou, em caso contrário, da petição inicial ou da notificação ou interpeção competente;

b) acrescidas de juros não compensatórios de 12% (doze por cento) ao ano, honorários de advogado à razão de 20% (vinte por cento) sobre o valor da condenação e custas, independentemente de outras cominações que o Juiz venha a fixar, quando ajuizadas.

CLÁUSULA QUINTA - DISPOSIÇÕES GERAIS

5.1. As comunicações entre partes, e decorrentes da execução deste contrato, serão dirigidas, conforme o caso, aos CEDENTES RUBEM BRAGA e/ou FERNANDO TAVARES SABINO, de um lado e à CESSIONÁRIA de outro lado, sempre mediante carta entregue sob protocolo ou enviada através do Registro de Títulos e Documentos para os endereços acima declarados, cuja modificação eventual deverá ser imediata e reciprocamente comunicada, sob pena de continuarem a valer sempre os mesmos endereços; tais comunicações, se obedecido o disposto neste item, prevalecerão automaticamente em relação a todos os CEDENTES.

RBE
GBB
ms.
/

5.2. Ainda que a CESSIONÁRIA efetive esta cessão em favor de terceiros, a que transfira ou venha a transferir posteriormente as quotas ora cedidas, ou ações que as substituam, se transformada a SABIÁ em sociedade anônima, permanecerá responsável perante os CEDENTES pelos encargos acima pactuados.

5.3. As obrigações ora assumidas, são indivisíveis, e, quanto aos CEDENTES, solidárias, só se extinguindo (a) por seu cumprimento ou (b) pela decorrência do prazo legal de prescrição aplicável.

5.4. Os Srs. FERNANDO TAVARES SABINO e RUBEM BRAGA se comprometem, pelo prazo de 3 (três) anos, a contar da data deste contrato, a não se estabelecerem, em conjunto ou separadamente, como editores, de maneira a concorrer com as atuais atividades da SABIÁ, ou com idênticas atividades exercidas por

m

ama

empresa em que a SABIÁ venha a ser incorporada ou fundida.

5.5. Os Anexos I, II, III, IV e V fazem parte integrante e indissolúvel do presente instrumento.

5.6. Fica eleito o foro do Rio de Janeiro para dirimir controvérsias resultantes deste contrato.

E, assim justos e pactuados, o subscrevem em cinco vias iguais, perante testemunhas, de modo bom, firme e valioso, por si, seus herdeiros e sucessores, a todo e qualquer tempo.

ABE
[Handwritten initials and marks]

Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1972

[Signature]
RUBEM BRAGA

[Signature]
ANNE BEATRICE ESTILL

[Signature]
FERNANDO TAVARES SABINO

[Signature]
ROBERTO SELJAN BRAGA

[Signature]
PEREIRA ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES LTDA.

Cientes:

[Signature]
HAMILTON ABADE VALENTE FERREIRA

[Signature]
ALBERTO VENANCIO FILHO

Testemunhas:

[Signature]

[Signature]

APÊNDICES

CONTRATO DE EDIÇÃO

CONTRATO que fazem entre si a EDITORA SABIÁ LTDA., com sede nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na rua Toneleros, 191, casas 4 e 5, neste instrumento denominado EDITORA e **CLARICE LISPECTOR, brasileira, domiciliada nesta cidade, rua Gustavo Sampaio, 88, apto. 701,** neste instrumento denominado AUTOR, mediante as cláusulas e condições seguintes:

1ª - O AUTOR assegura à EDITORA, nos termos de legislação vigente, o direito, com exclusividade para a língua portuguesa, de editar e vender em livro de qualquer tipo ou formato sua obra intitulada "**Felicidade Clandestina**".

2ª - A EDITORA se dispõe a publicar uma edição inicial, correspondente à 1ª edição da obra, com tiragem de 3.000 (três mil) exemplares, dos quais 180 (cento e oitenta) serão destinados à distribuição gratuita aos críticos, bibliotecas e fins publicitários, 20 (vinte) fornecidos gratuitamente ao AUTOR e 2.800 (**dois mil e oitocentos**) postos à venda em brochura ou encadernados, isolados ou em coleção.

3ª - As tiragens e edições subsequentes, com número de exemplares a critério da EDITORA, do que a mesma dará conhecimento ao AUTOR, se regerão pelas cláusulas do presente contrato. Caso se esgote a obra e a EDITORA não providencie uma nova edição dentro do prazo de 6 (seis) meses, após recebimento, por escrito, de solicitação expressa do AUTOR nêsse sentido, reverterão ao AUTOR os direitos aqui assegurados à EDITORA, podendo fazê-la editar e vender como melhor de convier;

4ª - A EDITORA pagará ao AUTOR, pelos direitos autorais de cada edição ou tiragem, a importância correspondente à **10% (dez por cento)** do preço de capa dos exemplares vendidos, em prestações semestrais a 31 de março e 30 de setembro de cada ano, sendo o pagamento respectivo efetuado dentro de 30 (trinta) dias após as mencionadas datas. A título de adiantamento, a EDITORA pagará ao AUTOR, por ocasião de cada lançamento ou tiragem, a importância correspondente a 20% (vinte por cento) da totalidade dos direitos autorais e que será deduzida da primeira prestação de contas subsequente.

5ª - Fica assegurado ao AUTOR o direito de adquirir o número de exemplares que desejar, com desconto de 30% (trinta por cento) sobre o preço de capa.

6ª - Caberá à EDITORA a escolha do formato do livro, desenho de capa, caracteres tipográficos, paginação, papel empregado e toda a parte material de cada edição ou tiragem.

7ª - Fica assegurado ao AUTOR todo e qualquer direito sobre a sua obra, que não tenha sido expressamente assegurado à EDITORA pelo presente contrato.

8ª - Fica eleito o fôro desta cidade para dirimir e sanar quaisquer controvérsias oriundas dêste contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, assinam este documento em 3 (três) vias, na presença de 2 (duas) testemunhas, ficando uma via em poder do AUTOR e duas vias em poder da EDITORA.

Rio de Janeiro, **12 de novembro de 1972**

Clarice Lispector

Clarice Lispector

Fernando Sabino

FERNANDO SABINO

EDITORA SABIÁ

CONTRATO DE EDIÇÃO

CONTRATO que fazem entre si a EDITORA SABIÁ LTDA., com sede nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, na rua Toneleros, 191, casas 4 e 5, neste instrumento denominado EDITORA e **CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, brasileiro, domiciliado nesta cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, à rua Conselheiro Lafaiete, 60, apto. 701**, neste instrumento denominado AUTOR, mediante cláusulas e condições seguintes:

1ª - O AUTOR assegura à EDITORA, nos termos de legislação vigente, o direito, com exclusividade para a língua portuguesa, de editar e vender em livro de qualquer tipo ou formato sua obra intitulada "**A Bolsa & a Vida**".

2ª - A EDITORA se dispõe a publicar uma edição inicial, correspondente à 3ª edição da obra, com tiragem de **5.000 (cinco mil)** exemplares, dos quais 180 (cento e oitenta) serão destinados à distribuição gratuita aos críticos, bibliotecas e fins publicitários, 20 (vinte) fornecidos gratuitamente ao AUTOR e **4.800 (Quatro mil e oitocentos)** postos à venda em brochura ou encadernados, isolados ou em coleção.

3ª - As tiragens e edições subsequentes, com número de exemplares a critério da EDITORA, do que a mesma dará conhecimento ao AUTOR, se regerão pelas cláusulas do presente contrato. Caso se esgote a obra e a EDITORA não providencie uma nova edição dentro do prazo de 6 (seis) meses, após recebimento, por escrito, de solicitação expressa do AUTOR nêsse sentido, reverterão ao AUTOR os direitos aqui assegurados à EDITORA, podendo fazê-la editar e vender como melhor de convier;

4ª - A EDITORA pagará ao AUTOR, pelos direitos autorais de cada edição ou tiragem, a importância correspondente à 10% (dez por cento) do preço de capa dos exemplares vendidos, em prestações semestrais a 31 de março e 30 de setembro de cada ano, sendo o pagamento respectivo efetuado dentro de 30 (trinta) dias após as mencionadas datas. A título de adiantamento, a EDITORA pagará ao AUTOR, por ocasião de cada lançamento ou tiragem, a importância correspondente a 20% (vinte

por cento) da totalidade dos direitos autorais e que será deduzida da primeira prestação de contas subsequente.

5ª - Fica assegurado ao AUTOR o direito de adquirir o número de exemplares que desejar, com desconto de 30% (trinta por cento) sobre o preço de capa.

6ª - Caberá à EDITORA a escolha do formato do livro, desenho de capa, caracteres tipográficos, paginação, papel empregado e toda a parte material de cada edição ou tiragem.

7ª - Fica assegurado ao AUTOR todo e qualquer direito sobre a sua obra, que não tenha sido expressamente assegurado à EDITORA pelo presente contrato.

8ª - Fica eleito o foro desta cidade para dirimir e sanar quaisquer controvérsias oriundas deste contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, assinam este documento em 3 (três) vias, na presença de 2 (duas) testemunhas, ficando uma via em poder do AUTOR e duas vias em poder da EDITORA.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1971

Carlos Drummond de Andrade

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Fernando Sabino

FERNANDO SABINO

EDITORA SABIÁ

Apêndice C – Prospecto da Coleção Asteroide

COLEÇÃO ASTEROÍDE – SABIÁ OBRAS PRIMAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Nascida antes da bomba atômica, da genética e dos computadores, a ficção científica jamais deixou de refletir os inumeráveis pesadelos e esperanças de uma humanidade cuja história vem se acelerando loucamente.

Embora ainda não divulgada no Brasil como merece, a ficção científica começa a aparecer no mundo inteiro como a literatura essencial de uma época que se ressentia profundamente do que poderíamos chamar de “o impacto do amanhã”. Indo além da conquista do espaço, do controle da matéria, etc., a ficção científica revela ainda novas fronteiras e descobre novas promessas e próximas ameaças.

Essa ficção científica de hoje é apresentada pela COLEÇÃO ASTEROÍDE da EDITORA SABIÁ, numa rigorosa seleção das melhores obras do gênero sob a orientação do renomado especialista José Sanz.

■ AS CASAS DE ARMAS, de A. E. van Vogt
nos mostra, num longínquo futuro, um mundo possível, dominado por um governo despótico, ao qual se opõe uma poderosa e misteriosa organização de homens livres, fabricantes de estranhas armas, estranhas mesmo para a tecnologia da época.

■ O HOMEM DO CASTELO ALTO, de Philip K. Dick
é uma brilhante e apavorante especulação sobre o “se”. O admirável escritor americano pinta o futuro imediato do nosso mundo, um mundo em que nazistas e japoneses ganharam a guerra de 1939/1945 e as consequências dessa vitória.

■ O REI DAS ESTRÉLAS, de Edmond Hamilton
nos oferece a aventura em estado puro, com piratas espaciais, naves invisíveis, princesas deslumbrantes e reiscientistas, vivendo espalhados por toda a galáxia daqui a 200.000 anos. A Terra é um planeta sem importância e o centro do universo é a cidade imperial de Throon, situada num planeta do sol Canopus.

■ O HOMEM SINTÉTICO, de Theodore Sturgeon.
Considerado um grande mestre pela novíssima geração de escritores do gênero, Sturgeon conta-nos nesse romance, uma fantástica história de crianças e de seres não humanos, mas com aspecto humano, e de algumas pedras estranhas – *as dreaming jewels* – de origem não terrestre. Sobre a obra de Sturgeon, confessou uma vez o famoso Ray Bradbury:

“Eu me inclinava sobre a obra de Sturgeon com um ciúme secreto e atormentador.”

■ CARNE, de Philip José Farmer
Depois de 800 anos explorando as estrelas, Peter Stagg volta à Terra e encontra o planeta devastado por um desastre atômico. É eleito Herói Solar. Implantam chifres verdadeiros em sua testa e lhe inoculam a pura energia sexual de cinquenta touros, soltando-o depois em orgias com bandos de virgens excitadas, num espantoso ritual de fertilidade pública, até o dia em que uma terrível verdade lhe é revelada.

■ SOLARIS, de Stanislaw Lem
Os homens atingiram, no sistema centauriano, o planeta Solaris. Nenhum traço de vida. Apenas um enorme oceano, cobrindo sua superfície que era, na realidade, um enorme ser vivo. Instalados no planeta, começam a receber pessoas conhecidas. Serão elas reais ou frutos de alucinação? Qual seria o formidável poder daquele ser vivo em forma de oceano?

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal, correndo por conta da Editora as despesas de remessa, os livros assinalados, bem como a carteira de inscrição gratuita no Clube Sabiá de Ficção Científica, que me dará direito a receber não somente estes, como os demais lançamentos da Coleção Asteroide pelo Reembolso Postal, na média de 6 por ano, com desconto permanente de dez (10%) por cento.

Antecipadamente grato.

Nome.....
Endereço.....
Cidade.....Estado.....

PREÇO DE CADA EXEMPLAR: Cr\$ 15,00

Apêndice D - Contrato de *As Casas de Armas*, de A. E. Van Vogt

Editora Sabiá Ltda.

MEMORANDUM OF AGREEMENT made this 3th day of March 1970, between FORREST J. ACKERMAN, 915 South Sherbourne Drive, Los Angeles, California, 90035, (hereinafter called the PROPRIETORS) of the one part and EDITORA SABIÁ LTDA., Rua Toneleros 191 - fundos, Copacabana, Rio de Janeiro, ZC-07 Brazil, S. America (hereinafter called the PUBLISHERS) of the other part. Whereby it is mutually agreed regarding a book entitled: "WEAPON SHOPS OF ISHER", BY A. E. VAN VOGT (hereinafter called the said work)

1. The PROPRIETORS grant to the PUBLISHERS, their successors and assigns sole exclusive right to publish the said work in book form in the Portuguese language subject to the conditions following:

2. Accounts of the sales of the said work shall be made up at the 31st March and 30th September in each year and shall be delivered or sent to the PROPRIETORS within three (3) months of such making up of accounts, together with the amounts due to the PROPRIETORS at such rendering of accounts, the PUBLISHERS paying the PROPRIETORS as follows:

- a) A royalty of 6% (six per cent) shall be paid on the first 5.000 (five thousand) copies, 8% (eight per cent) on from 5.000 – 10.000 (five thousand to ten thousand) and 10% (ten per cent) thereafter.
- b) No royalty shall be payable on copies given away in the interest of the said work or on copies lost or damaged.

3. The PUBLISHERS shall pay to the PROPRIETORS the sum of 100 (one hundred) U. S. dollars, payable on signature of this Agreement.

4. All details as to the manner of publication, production and advertisement of the said work and the number and destination of free copies shall be left to the discretion of the PUBLISHERS who shall bear all expense in connection therewith.

5. The PROPRIETORS shall receive on publication six (6) presentation copies of the said work and shall be entitled to purchase further copies for personal use but not for re-sale at two-thirds of the published price.

6. If the said work shall become out of print and the PUBLISHERS shall decline or neglect to print and publish any new edition of the said work within six (6) months after receiving a request in

writing to do só from the PROPRIETORS then and in that event all rights of printing and publishing the said work as granted by this agreement shall revert to the PROPRIETORS.

7. If the payment should not be made by the PUBLISHERS of monies due, or statements should not be delivered to the PROPRIETORS as agreed herein within three (3) months after the date of a written demand from the PROPRIETORS or their agent for such payment, this agreement shall be considered to bem cancelled and all the rights granted in it shall revert to the PROPRIETORS forthwith and without further procedure.

8. The PUBLISHERS shall have first option to publish the next work written by the same author on such terms as may be resonable.

As witness the hans of the two parties

Rio de Janeiro, 28 de março de 1970

Fernando Sabino

PUBLISHERS

Editôra Sabiá Ltda.

Forrest Ackerman

PROPRIETORS

Apêndice E – Cartas, bilhetes, encontrados na Fundação Casa de Rui Barbosa

Editora Sabiá Ltda.

Rio 7/7/72

Hélio,

Autorizado pelo Fernando estou enviando os atestados de saúde dos funcionários da Editora para você fazer a gentileza de assinar.

Com o abraço amigo

Paulo Roberto Rocco

Editora Sabiá Ltda

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1969

Querido Carlos

Tomo a liberdade de lhe mandar as provas da tradução de Julieta, com algumas dúvidas do revisor.

Ninguém mais credenciado para esclarecê-los, depois da (ou juntamente com a) tradutora.

Muito lhe agradeço se puder fazê-lo da noite para o dia como é do seu feitio.

Parabéns pela estréia no J.B., você está em plena forma e sempre com novo vigor.

Com o afetuoso abraço do

seu amigo de sempre

Fernando Sabino

Fernando Sabino

FS/me

Editora Sabiá Ltda.

Rio 19/9/68

Carlos

Aí vão as primeiras provas do “Boitempo”, para v. rever, com aquela eficiência (e ineficiência) que lhe é peculiar. Os últimos toques de paginação, frontispício, etc. vão depois.

Assim que v. tiver um tempinho para bate-papo, me avise. Até lá, com um afetuoso abraço, o seu

Fernando

Editora Sabiá Ltda

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1970

Ilmo. Sr.

Carlos Drummond de Andrade

Rua Conselheiro Lafayete, 60 ap. 72

Prezado Senhor,

A Editôra Sabiá tem sido frequentemente consultada por outras Editôras sôbre as condições de inclusão e Antologias ou livros didáticos de trechos de obras por nós editadas, entre as quais as de sua autoria.

Depois de estudarmos o assunto, resolvemos sugerir aos nossos autores condições inspiradas nas que prevalecem como norma geral para publicações no estrangeiro em casos semelhantes, que são as seguintes, a constar da carta-contrato de permissão do autor ao editor:

- 1) Os trechos a serem incluídos são:.....
- 2) Os direitos autorais relativos à mencionada inclusão deverão ser de 5% (cinco por cento) no caso de livro didático e 7% (sete por cento) no caso de antologia literária, sobre o preço de capa de cada tiragem, calculados na proporção do número de páginas dos textos do Autor em relação ao número de páginas do livro, contando-se como uma página cada poema e as frações de páginas ou textos completos, e deverão ser pagos:
 - a) até a data de lançamento da edição;
 - b) em prestações de contas a 31 de dezembro de cada ano, e pagamento respectivo até 31 de janeiro seguinte, dos direitos autorais relativos a edições ou tiragens subseqüentes.
- 3) Os trabalhos mencionados deverão ser transcritos sem qualquer alteração do texto original, e mencionadas as fontes de transcrição.

Vimos ainda sugerir-lhe, na defesa de seus interesses de Autor junto a Editôres de livros e outros meios de publicação, a utilização dos serviços de um agente literário. A Editôra Sabiá tem encaminhado seus autores ao Dr. Silvio Campelo – Av. Graça Aranha, 327 s/805 tel: 232.4107 – Rio de Janeiro – GB – cuja Agência especializada neste ramo de atividades ora se inicia sob os melhores auspícios, e que se recomenda pela competência e probidade

com que saberá desincumbir-se desta missão junto a editores e autores, em termos profissionais.

Caso estejam de acôrdo com as sugestões acima muito lhe agradeceríamos entrasse em contacto com o Dr. Silvio Campello, pelo telefone acima mencionado, no horário de 11 às 12 hs e 17 às 19 hs que estará em condições de prestar-lhes melhores esclarecimentos sôbre o assunto.

Com estima e consideração, subscrevemo-nos,

Atenciosamente

*com o afetuoso abraço
do
Fernando Sabino*

Fernando Sabino
Diretor

Rio, 25 de maio 67

Dom Manuel

Venho importuná-lo novamente. Aquela declaração cuja assinatura lhe pedi deve ser substituída pela que aí vai, em vista do acordo que eu e Sabino fizemos com o Acosta. Rasguei aquela. Peço que assine esta em duas vias, ficando v. com a terceira cópia. Eu me encarregarei de fazer chegar ao Acosta a carta.

De sua “Antologia”, “Os Reis Vagabundos” e “Itinerário da Pasárgada” a Editôra (agora só Acosta) ainda tem um bom estoque. O que está esgotado é “Poesia do Brasil”. Quero porém, reeditar esse livro com outro plano, dando-lhe feição que facilite sua adoção nas escolas, sem o tom polêmico do nosso Melchior. Sobre isso conversaremos outra hora.

Fernando e eu faremos logo outra editôra. Ia ser Sabiá, não pode ser. Tentaremos João-de-barro, andorinha, gaivota, arpoador, cantagalo, juriti – o que não estiver registrado ainda. Mas é para já.

Que maio bonito! Saúde, e um abraço do

Rubem Braga

Rubem Braga

27-7174

Barão da Torre, 42 - cob.

Baú de Ossos – PEDRO NAVA

O recente lançamento de Baú de Ossos, memórias de Pedro Nava, pela Editora Sabiá, deverá constituir-se no acontecimento literário mais significativo de 1972, em que se comemora o cinquentenário da Semana de Arte Moderna. Até então escritor, poeta e pintor apenas bissexto, conhecido e admirado de poucos fora da área da medicina, Pedro Nava adquire agora, com o lançamento de suas memórias, a estatura e a categoria de escritor público, numa revelação que só não irá surpreender suas amigos e admiradores mais chegados. Baú de Ossos, memórias da infância do autor, cobre o período de 1903 a 1911, do seu nascimento à morte de José Nava, seu pai, e é antes de tudo a reconstituição admirável do mundo familiar anterior e paralelo a essas datas, com a procura das raízes paternas e maternas aprofundadas no tempo cronológico, extraordinária galeria de retratos que a palavra escrita constrói com a mesma beleza plástica e interior com que o faria um grande pintor. O símile, evidentemente, não faz justiça ao escritor que é Pedro Nava, porque para situá-lo com propriedade e verdade nesse campo de ação seria necessário o apoio de uma metalinguagem. Mas não será por isso que esse livro tão rico e forte deixará de merecer os louvores que lhe cabem, não só pelo que representa como modelo estilístico individualizado, como ainda pelo vigor de seu conteúdo humano e social na reconstituição da família média brasileira do século 19 ao começo deste, exemplificada nos antepassados do autor, escalonando-se entre o Maranhão, Ceará e Minas Gerais. Mas o que se poderia dizer desse livro, com a sensibilidade do poeta e do homem ao mesmo tempo, disse-o Carlos Drummond de Andrade em prefácio de agudo senso crítico: “A vida quis torcer Pedro Nava para o rumo exclusivo da ciência, mas viu-se, afinal, que esta não o despojou da faculdade meio demoníaca meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito de acontecimentos. Minha geração, a que ele pertence, tem orgulho de oferecer às mais novas um livro com a beleza, a pungência e o encanto da obra que Pedro Nava realiza com este primeiro volume de memórias”.

Volante da editora

Editora Sabiá Ltda

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1969

Exma. Sra.
Lourdes Heitor de Souza
Rua Aires Saldanha 72 ap. 302
Nesta

Prezada Senhora,

Muito lamentei não ter podido transmitir-lhe pessoalmente o meu abraço por ocasião da homenagem em memória do nosso querido e saudoso Manuel. Mesmo por telefone não me foi possível encontrá-la, para explicar-lhe as razões de minha ausência. Faço-o agora, na certeza de que saberá compreender: por dificuldade de estacionamento do carro infelizmente só consegui chegar à Igreja quando já havia terminado a cerimônia religiosa.

De volta de uma viagem a São Paulo, para onde fui logo em seguida, apresso a escrever-lhe para transmitir uma grata notícia: estamos ultimando a publicação de uma nova edição da Antologia Poética que Manuel nos deixou por contrato para lançamento, quando se esgotasse a anterior, da Editôra do Autor, o que já aconteceu.

Assim, teremos em breves dias esta preciosa obra incluída na série de antologias da Sabiá.

Presumindo a sua condição de herdeira dos direitos autorais, vimos desde já assegurar-lhe que estará a sua disposição nessa Editôra, por ocasião do lançamento, o adiantamento previsto sôbre os mesmos.

Aguardando suas notícias e com a expressão da minha melhor estima e consideração, subscrevo-me,

Cordialmente

Fernando Sabino
Fernando Sabino

